



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E
EDUCAÇÃO – CCAE
CAMPUS IV - MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS**



**DAS PERDAS AFETIVAS AOS GANHOS REFLEXIVOS: LETRAMENTO E
FORMAÇÃO LEITORA COM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

JUREMA AVELINO DE ALMEIDA

**MAMANGUAPE-PB
2021**

JUREMA AVELINO DE ALMEIDA

**DAS PERDAS AFETIVAS AOS GANHOS REFLEXIVOS: LETRAMENTO E
FORMAÇÃO LEITORA COM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus IV, como requisito para obtenção do grau de mestra em Letras.

Orientação: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

**MAMANGUAPE- PB
2021**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447p Almeida, Jurema Avelino de.

Das perdas afetivas aos ganhos reflexivos: letramento e formação leitora com contos de Lygia Fagundes Telles / Jurema Avelino de Almeida. - João Pessoa, 2021.
183f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM.

1. Letramento literário. 2. Contos. 3. Lygia Fagundes Telles. 4. Caderno de itinerário para leitura literária. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

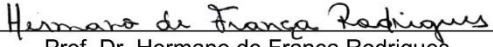
CDU 82-3

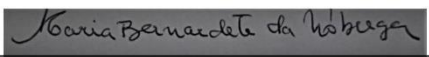
JUREMA AVELINO DE ALMEIDA

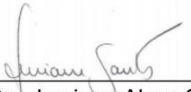
**DAS PERDAS AFETIVAS AOS GANHOS REFLEXIVOS: LETRAMENTO E
FORMAÇÃO LEITORA COM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Aprovada em 15/03/2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador (PROFLETRAS/ UFPB)


Profa. Dra. Maria Bernadete da Nóbrega
Examinadora externa (DLCV/CCHLA/UFPB)


Profa. Dra. Luciane Alves Santos
Examinadora interna (PROFLETRAS/ UFPB)

Agradecimentos

Devo aproveitar esse momento não só para agradecer, mas para também reconhecer o quanto mudei durante minha trajetória. Demorei muito, desde a graduação, para decidir querer fazer um mestrado e, finalmente, aqui estou. Não tem sido fácil. É um misto de sentimentos que nem mesma eu, que estou vivenciando, sei explicar.

O mestrado é algo que, mesmo compartilhado com colegas e amigos de turma, é solitário. E olha que contei (e muito) com ajuda dos companheiros. Sou muito grata a todos. Eram pessoas de vários lugares: Fortaleza, Pernambuco, Rio Grande do Norte e muitos daqui da Paraíba, dos mais diversos municípios: João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita e Mamanguape.

Alguns companheiros, infelizmente, nos deixaram pelo caminho: Inaldo, que em um trágico acidente veio a perder, tão cedo, a vida; Augusto que, por razões pessoais (ou que desconheço), não pôde mais nos acompanhar nesse percurso.

Meus queridos amigos Edilson e Glória, que me deram oportunidade de disfrutar de suas companhias nas viagens rumo a Mamanguape e, não só por isso, mas por todas as dicas, ajudas e situações compartilhadas, sou grata. Muito especiais para mim.

Ao Adelmo, que quando comentei o interesse em trabalhar com Lygia Fagundes Telles, prontamente me presenteou com três de suas obras. Sempre grata (inclusive por todas as palavras de incentivo). Ele, reunido a Elaine e João Lucas, compunham um trio responsáveis por proporcionar bons momentos de risadas.

Muito agradecida também a Dyuana, a Liduína (Lidu), a Jailse (Jade) e a Josefa, por sempre se mostrarem dispostas a sanar uma (ou várias) dúvida (s). Eliana, obrigada pelo carinho demonstrado.

Não citarei todos os colegas de turma, mas ressalto que cada um, a seu modo, foram muito importantes nessa caminhada, foram verdadeiros companheiros de jornada.

Também estive a contar com o apoio total da família, minha fonte de inspiração para todas as minhas lutas. Na minha casa, gostaria de agradecer ao meu filho, Aslan, por sua compreensão infantil que, mesmo querendo constante

atenção, na maioria das vezes entendia que mamãe precisava ocupar um bom tempo para o mestrado. Emanuel, meu COMPANHEIRO (no sentido mais amplo da palavra), que em todos os momentos sempre esteve disposto a me ajudar, aconselhar e foi a quem estive, permanentemente, recorrendo para auxiliar na produção deste trabalho, inclusive, mesmo não sendo um profissional da área, foi meu designer gráfico no resultado desta proposta. Ambos, Emanuel e Aslan, são meus cúmplices e parceiros de alegrias e angústias. Nem mil palavras conseguirão expressar meu reconhecimento.

Ainda no seio familiar, agradeço aos meus pais, Geny e Luiz, por, incansavelmente, me incentivarem aos estudos, mesmo num contexto não muito favorável, sem cessar, acreditaram em mim. Aos meus irmãos, Janaína, Jorge e Flávio, e ao meu filho do coração, sobrinho e afilhado, Francisco Lucas, que nunca deixaram de torcer por meu progresso, grata.

Agradeço aos professores e coordenação do Profletras, em especial, ao meu orientador e amigo o Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

Agradeço a Capes pela concessão de bolsa de estudos, que de grande suporte financeiro me fora.

E, por último, o mais importante de todos os agradecimentos, grata a Jesus, por tudo que tenho e sou.

RESUMO

Esta proposta de trabalho fora elaborada para aplicação em turmas de 9º Ano, do Ensino Fundamental. Nela, ofertamos ações de letramento literário com vistas à formação de leitores críticos e cômicos de sua realidade subjetiva e social. Para tanto, enfatizamos, como práxis, a leitura compartilhada, prazerosa e reflexiva, como uma prática social e dever da escola, explorando a potência que a literatura tem de nos humanizar e de nos conectar com a vida e com o mundo. Nosso empreendimento surgiu das experiências partilhadas no convívio com os discentes, suas inquietações acerca das “perdas” inerentes à vida. Em alguns contos de Lygia Fagundes Telles, encontramos histórias que possibilitam esse trabalho de, além de favorecer o letramento literário acessível e ativo para esses jovens, também trazer elementos atuais que interagem e propagam concepções características da condição humana: “Venha ver o pôr do sol”, “Natal na barca”, “Biruta” e “O menino”. Tais narrativas são elementos fundamentais para a execução da proposta e, agregados a elas, recorreremos a outros textos complementares, além de filmes e músicas, a fim de consubstanciar uma intervenção proficiente e significativa. Como alicerce teórico, para os campos da literatura e do letramento literário, contamos, entre outros, com as obras de Abreu (2006), Candido (1995), Cosson (2019), Dalvi (2013), Lajolo (2002), Pound (2006), Zilberman (2009) e, para algumas considerações sobre o conto, Bosi (2015), Cortázar (1999), Moisés (2006), Soares (2007). A metodologia tem por princípio a sequência básica, de Cosson (2019). A pesquisa encontrar-se-á em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), será de cunho qualitativo, do tipo pesquisa bibliográfica. Em virtude de uma pandemia, encontramos-nos impossibilitados de realizar a aplicação da proposta. Dessa forma, o produto do nosso trabalho é um caderno pedagógico (Caderno de itinerário para leitura literária) que reúne ações para futura aplicação da professora proponente deste trabalho e para outros profissionais da área. Encontra-se facilmente adaptável para possíveis desmembrações, conforme o interesse de quaisquer mediadores/as que ensejem colocá-lo em prática.

Palavras-chave: Letramento literário. Contos. Lygia Fagundes Telles. Caderno de itinerário para leitura literária.

ABSTRACT

This work proposal had been elaborated for application in 9th grade classes, of elementary school. In it, we offer literary literacy actions with a view to training critical readers and aware of their subjective and social reality. For that, we emphasize, as praxis, the shared, pleasurable and reflective reading, as a social practice and school duty, exploring the power that literature has to humanize us and connect us with life and the world. Our enterprise arose from the experiences shared with the students, their concerns about the “losses” inherent in life. In some stories by Lygia Fagundes Telles, we find stories that make this work possible, in addition to promoting accessible and active literary literacy for these young people, also bringing current elements that interact and propagate conceptions characteristic of the human condition: “Venha ver o pôr do sol”, “Natal na barca”, “Biruta” and “O Menino”. Such narratives are fundamental elements for the execution of the proposal and, added to them, we will resort to other complementary texts, in addition to films and music, in order to substantiate a proficient and significant intervention. As a theoretical foundation, for the fields of literature and literary literacy, we have, among others, the works of Abreu (2006), Candido (1995), Cosson (2019), Dalvi (2013), Lajolo (2002), Pound (2006), Zilberman (2009) and, for some considerations about the tale, Bosi (2015), Cortázar (1999), Moisés (2006), Soares (2007). The methodology is based on the basic sequence, by Cosson (2019). The research will be in line with the National Common Curricular Base (BNCC), it will be of a qualitative nature, of the bibliographic research type. Due to a pandemic, we are unable to implement the proposal. Thus, the product of our work is a pedagogical notebook (itinerary notebook for literary reading) that brings together actions for the future application of the teacher proposing this work and for other professionals in the field. It is easily adaptable for possible dismemberments, according to the interest of any mediators who wish to put it into practice.

Key words: Literary literacy. Tales. Lygia Fagundes Telles. Itinerary notebook for literary reading.

SUMÁRIO

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	4
2.	LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR	7
2.1.	Algumas considerações sobre letramento literário...	7
2.2.	Sucintas considerações sobre a leitura...	11
2.3.	Sucintas considerações sobre a escrita...	14
2.3.1.	Diário de leitura	17
3.	O ENSINO DE LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	19
4.	BNCC: AS NORMAS QUE CONSOLIDAM A PROPOSTA	22
5.	CONCEPÇÕES ACERCA DO GÊNERO CONTO	26
5.1.	Os contos selecionados...	29
6.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	33
6.1.	Elucidando a Sequência Básica...	37
6.2.	Preliminares às oficinas...	41
6.3.	As oficinas...	42
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	61
	Apêndice A - CADERNO DE ITINERÁRIO PARA LEITURA LITERÁRIA ..	61
	Apêndice B – Meu perfil leitor	154
	ANEXOS	155
	Anexo A- MÚSICAS DA MOTIVAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA	155
	Anexo B - CONTO DA PRIMEIRA OFICINA	160
	Anexo C - MÚSICA DO INTERVALO DA PRIMEIRA OFICINA	164
	Anexo D - TEXTO DA MOTIVAÇÃO DA SEGUNDA OFICINA	165
	Anexo E - CONTO DA SEGUNDA OFICINA	166
	Anexo F - MÚSICA DO INTERVALO DA SEGUNDA OFICINA	169
	Anexo G - CONTO DA TERCEIRA OFICINA	170
	Anexo H - CONTO DA QUARTA OFICINA	174

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Toda pesquisa baseia-se em uma situação inicial, questões a serem resolvidas ou respondidas e expectativas do produto alcançado ao final de sua aplicação. Dentro desse panorama e diante dos diversos problemas encontrados no ambiente educacional, traremos para esta proposta, o da leitura literária.

Em nosso ambiente escolar podemos observar uma grande resistência no que tange ao estudo de Literatura, seja por parte dos alunos e até mesmo pelos profissionais da área. É dessa premissa que nasce a ideia desse projeto.

Nosso empreendimento surge também das experiências compartilhadas no convívio com os discentes, suas inquietações acerca das “perdas” inerentes à vida (inquietações essas tão bem retratadas nos textos de Lygia Fagundes Telles) e os dissabores que essas perdas acarretam. Porém, convém também tratar dos deleites vitais, nos momentos cíclicos que a própria existência nos concede.

Considerando que a escola é o principal ambiente a contribuir para o crescimento educacional, social e cultural dos indivíduos e que a ela também cabe a responsabilidade de incluir em seu currículo temas abrangentes, que permeiem várias áreas de conhecimento e sejam questões importantes, urgentes e vividas pela sociedade atual e porvir é que elaboramos uma proposta que traga, a partir da realidade atual compartilhada em sala de aula, a promoção do letramento literário, destinada a alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Para tal feito, o objetivo é, em linhas gerais, promover, através do gênero conto, o conhecimento de sua estrutura básica e ações de letramento literário na escola, com vistas à formação de leitores críticos e cômicos de sua realidade subjetiva e social.

Intermediar o letramento literário através dos contos “Venha ver o pôr do sol”, “Natal na barca”, “Biruta” e “O menino”, de Lygia Fagundes Telles, mantendo a integridade dos textos, fazendo-os circular, acessível e coletivamente por nossos estudantes, é um dos objetivos específicos.

Um outro objetivo específico é o de oportunizar diálogos entre as leituras literárias que agregam temas com aspectos de perdas diversas e que possuem nexos com as perspectivas dos nossos estudantes.

E, por fim, o objetivo específico de proporcionar, através dos contos selecionados, leitura compartilhada, prazerosa e reflexiva, como uma prática social e dever da escola, explorando a potência que a literatura tem de favorecer regozijo estético, nos humanizar e de nos conectar com a vida e com o mundo.

Em frequentes conversas com os alunos, além do preconceito, percebemos suas apreensões no que tange à (dentre outros assuntos) depressão, traição, relações amorosas, relações familiares, violência.

Perder um/a amigo/a, perder pai e/ou mãe, perder a estabilidade familiar, perder um/a namorado/a ou cônjuge, perder um animal de estimação, perder o amor, perder a fé, perder a esperança, perder o respeito, perder, enfim, quaisquer coisas concretas ou abstratas. São essas perdas que justificam a escolha dos contos e da temática desta proposta. São as perdas nos textos literários de Lygia Fagundes Telles. São as perdas nas vidas dos nossos estudantes. São as perdas relacionadas à vida.

Aproveitamos os contos para também trabalhar a visão que ainda predomina acerca do estudo de literatura, na tentativa de rever essa visão e tornar a literatura mais acessível, próxima e ativa no ambiente desses jovens.

Lamentavelmente, ainda no período de produção deste projeto, fomos assolados por uma pandemia. Dessarte, demandamos redirecionar nossos resultados, na impossibilidade de aplicação das oficinas na escola, para produção de um caderno pedagógico, o qual denominamos “Caderno de itinerário para leitura literária”.

Por ventura, o “Caderno de itinerário para leitura literária” emana como um instrumento didático para uma futura aplicação nossa. Os/as docentes terão também, de posse deste, a liberdade de encontrar, em caráter de harmonia aos seus propósitos, ou até mesmo, para possíveis adaptações, conforme interesse em desmembrá-lo, orientações para suas práticas.

Como alicerce teórico, entre outras, utilizamos consultas realizadas nas obras de Abreu (2006), Candido (1995), Cosson (2019), Bosi (2015), Dalvi (2013), Koch e Elias (2012), Moisés (2006), Pound (2006), Solé (1998), por expressarem concepções que se equiparam às arquitetadas para esta proposta.

Os procedimentos metodológicos utilizados na proposta são da sequência básica de Rildo Cosson (2019), constantes em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*. Vale ressaltar que, vinculado ao autor, este aparece em nosso

trabalho de maneira bem expressiva, por percepçarmos que suas ponderações são bastantes singulares e se nivelam, com efeito, às nossas.

Além do aporte teórico supracitado, nosso trabalho é de cunho qualitativo, do tipo pesquisa bibliográfica e alinha-se às perspectivas normatizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consta:

[...] nos anos finais do ensino fundamental, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa, dessa forma, as abordagens linguísticas, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade (BRASIL, 2017, p. 137).

Ratificando a expectativa de aplicação futura, trouxemos também contribuições metodológicas da pesquisa ação para esta proposta.

Todo plano disposto nas páginas deste trabalho é ofertado para se iniciar na escola e refletido para que essa leitura literária seja significativa, propagada e compartilhada entre os/as alunos/as e na comunidade na qual nosso estudante se insere. Neste sentido, o aluno não é apenas um mero receptor de informações, mas sim, um protagonista da sua vida na coletividade, trazendo consigo suas interações, concepções e contribuições para uma melhor vida e com maiores perspectivas.

2. LETRAMENTO LITERÁRIO E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Para início de trabalho, relacionaremos, neste primeiro capítulo de fundamentação teórica, algumas considerações sobre letramento literário e sucintas considerações sobre leitura e escrita.

Sobre letramento, iremos nos limitar apenas ao letramento literário, por compreendermos que este configura os objetivos contidos nesta proposta e, conforme as palavras de Cosson (2019), este tipo de letramento possui uma abrangência maior do sentido coletivo que a escrita possui.

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2019, p. 12)

Por refletir que o letramento literário atravessa os campos da leitura e da escrita, e que, por isso, ambos estão atrelados e são partes da formação leitora, apontamentos nessas perspectivas serão também expostos adiante. No que tange à escrita, traremos ponderações acerca do diário de leitura, pois esse será utilizado, pelos discentes, como objeto de registro escrito das atividades propostas neste projeto.

2.1. Algumas considerações sobre letramento literário...

Sabemos que a leitura está muito além dos contextos escolares e que nossos alunos realizam, cotidianamente, várias leituras, e um exemplo mais atual disso são suas frequentes visitas às redes sociais. Convém ressaltar que o espaço escolar é o local destinado a favorecer possibilidades de reflexão, criticidade, interação, ou seja, “é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado” (ZILBERMAN, 2009, p.26). Assim como também, precisamos ainda admitir que, a escola é, possivelmente, um dos poucos (quicá único) espaço no qual os alunos terão convivência com o texto literário.

Segundo Cosson (2019), o propósito do letramento literário no período de escolarização é fazer com que a literatura cumpra sua função “de construir e

reconstruir a palavra que nos humaniza” e proporcionar aos alunos “uma experiência de leitura a ser compartilhada”, efetiva e prazerosa (p. 23).

Para Colomer (2007), o ensino literário tem por finalidade ampliar a capacidade interpretativa através da ação de ler, portanto, o leitor competente será aquele que souber criar significação para o que leu, e levará a aprendizagem para o cerne dos seus hábitos sociais. Ainda no campo das finalidades, o ensino literário também proporciona, no leitor em formação, a se edificar, enquanto ser social, ao se defrontar com textos que evidenciam aspectos de hoje e antepassados e concepções sociais e culturais distintas de seus próprios reflexos. O leitor em formação é um ser em processo constante de elaboração, é um cidadão problematizador e receptivo às modificações (COLOMER, 2007).

No mais, e dentre as finalidades elencadas no parágrafo anterior, a educação literária é vista como a mais adequada na formação linguística. Língua e literatura se interrelacionam. A literatura permite construir e reconstruir, nas atividades comunicativas mais diversas, os recursos da linguagem (COLOMER, 2007).

Sendo a escola, formadora de cidadania e responsável pelo letramento literário, esta deve, de acordo com Cosson (2019), saber que a “literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada” (p. 26 e 27) e, por isso, ensinar os alunos a realizar leitura, ordenar e manipular os textos, ir além de leituras simples.

Diante disso, Abreu (2006) diz que “o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos” (p.40).

Dialogando com a ideia de que a literatura é responsabilidade da escola, Dalvi (2013) defende que a literatura na escola, no estudo da língua, deveria ser núcleo, ser presença constante, com textos literários acessíveis, com participação de toda equipe escolar e inserção dos alunos em todos os sistemas que convergem para uma leitura literária sedutora, desafiadora, conquistadora.

Sabemos que a escola tem mudado os objetivos e o uso dos materiais didáticos diante do panorama educacional vigente e da necessidade social atual, no qual a sociedade tem feito uso vigoroso e diversos da escrita, através dos meios de comunicação e das novas tecnologias. Dentre avanços e necessidades

a escola é quem define e estabiliza a literatura. E é também a escola que desperta no leitor o interesse pela leitura literária e empatia pelos textos lidos.

O que ocorre na realidade é que, entre obrigações e cobranças, o texto literário só tem proporcionado divergência entre leitor e texto. Ao que parece, tanto ao professor, quanto ao aluno tem faltado inspiração para os trabalhos com os textos, resultando em atos de leitura (quando acontece) solitários e absolutamente descaracterizado do que deveria ser na prática escolar (LAJOLO, 2002).

Verificamos que essa falta de inspiração para os trabalhos com textos é que nos proporciona um cenário de crise da leitura do texto literário. Segundo Zilberman (2009),

A menção à crise da leitura [...] reflete uma crise da escola em decorrência da parceria historicamente estabelecida entre o ensino e a aquisição das habilidades de ler e de escrever. A crise da escola relaciona-se a problemas de ordem variada, que, no Brasil, começam no âmbito da administração da educação, disseminada entre órgãos relacionados aos níveis federais, estaduais e municipais, sem que esses busquem afinar-se, e estendem-se à política de remuneração e qualificação dos professores, à conservação física dos prédios, incluindo-se salas de aula, bibliotecas e equipamentos de ensino, alcançando o plano da competência no exercício da missão para a qual foi edificada e justificou sua expansão na sociedade moderna (ZILBERMAN, 2009, p.28).

Além dessa crise institucional, Zilberman (2009) aponta ainda para a mudança brusca que tem ocorrido fora dessas instituições. Com o sobressalto e expansão dos outros meios de transmissão de conhecimentos, o interesse pela leitura só vem a minguar e intimida ser substituído nesse contexto totalmente desconforme à leitura. O consumo de textos impressos, dessa forma, é visto como algo rudimentar, uma regressão à um meio de comunicação já obsoleto.

Posto que, à comunidade escolar cabe introdução à leitura literária e que, para que isso se concretize, esta tem encontrado dificuldades, quais estratégias podem ser refletidas para que o trabalho de formação literária seja eficaz?

Para Zilberman (2012) existe um ritual de adequação do texto: o livro é tateado, folheado à procura de ilustrações e, na leitura, o contexto proporciona fascínio quando o leitor se identifica com a narração.

Silva (2009), bem salienta que, na escola, o professor deve ser condutor e proporcionar leitura com sabor de experimentação. O autor (texto) a ser

trabalhado em aulas de literatura deve apresentar experiências semelhantes às do leitor e, mesmo que essas experiências sejam dissemelhantes, o leitor terá o regozijo do descobrimento.

Ao entrar no âmbito de novas descobertas, o leitor literário não olvidará sua memória, contudo encontrará abundante circunstância para amplificar seus saberes. Na citação abaixo, Zilberman (2009) dialoga conosco sobre o assunto:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra através do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo. (ZILBERMAN, 2009, p.17)

Mesmo que o leitor não se encontre, porventura, no texto que lhe é apresentado, cabe ao professor, estimulado e disposto, fomentar o interesse do aluno para esse saber, porém, sempre preocupado em levar o texto adequado aos leitores.

Com isso acreditamos que, num processo inicial de leitura literária, para estimular o gosto pela leitura, nós professores e professoras, precisamos escolher textos interessantes aos alunos, que dialoguem com a vida deles e, só depois que superadas essas esperanças de cumplicidade com suas experiências, levamos, aos discentes, novas experiências, descobrimentos.

De acordo com Cosson (2019, p. 35),

[...] crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.

Infelizmente o trabalho com textos literários na escola ainda tem se realizado de um jeito mecânico, sem discussões sobre os sentidos e os significados dos textos, impossibilitando que os alunos tenham acepção daquilo que estão lendo. No entanto, para que a leitura se realize como tal, faz-se necessário que ela se aproxime do interesse do leitor, que se ampare não

“apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim na sua atualidade” (COSSON, 2019, p.35)

Portanto, para que a formação leitora se realize, é imprescindível que se parta de uma leitura simples, para que, posteriormente, se chegue ao hermético. O interesse pela leitura precisa nascer do diálogo entre texto e leitor, ascenderá da necessidade ou curiosidade daqueles que a praticam e suscitadas, no ambiente escolar, em especial pelos/as professores/as, mas também por todos os profissionais de educação.

2.2. Sucintas considerações sobre a leitura...

Já que o letramento literário se perfaz através da leitura e que, por conseguinte, neste projeto, as atenções estão voltadas a ela, começaremos esta seção por esclarecê-la. E, para melhor nos explicar o ato de ler, as palavras de Cosson (2019):

Em síntese, ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto (COSSON, 2019, p.36).

Dessa forma, trazemos uma perspectiva de leitura que dialoga com o leitor, na qual, este e o texto trocam experiências e na qual o texto tenha sentido para o leitor. Para Solé (1998),

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler (p.90).

Solé (1998) ainda explica que, além da presença de textos semelhantes aos contextos dos leitores (e porque esses entusiasмам na atração pela leitura) para motivá-los, devemos deixá-los progredir conforme seus compassos e alcançar os significados que dos textos podem ser extraídos.

Para que a leitura se realize de maneira proficiente e, conseqüentemente, para que o texto faça sentido ao leitor é necessária uma decodificação. No

entanto, a decodificação por si só não basta, é imprescindível uma coadunação entre saberes preliminares, níveis de conhecimentos à luz da instituição escolar e à compreensão de mundo.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor, não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2002, p.13)

Sobre o conhecimento prévio, que é um elemento cognitivo, Solé (1998) acrescenta que é o entendimento oportuno e fator que disponibiliza os numerosos significados que podemos conferir ao texto. Na escola, o professor deve estar perceptível às instruções que seus alunos carregam consigo, contudo, essas instruções nunca serão uniformes, visto que nossos alunos são plurais, cada um com seus conceitos, relevâncias, aspirações e experiências.

Então, a leitura apresenta-se, segundo Leffa (1999), organizada nas seguintes abordagens:

(1) as abordagens ascendentes, que estudam a leitura da perspectiva do texto, onde a construção do sentido é vista basicamente como um processo de extração; (2) as abordagens descendentes, com ênfase no leitor e que descrevem a leitura como um processo de atribuição de significados; e, finalmente, (3) as abordagens conciliadoras, que pretendem não apenas conciliar o texto com o leitor, mas descrever a leitura como um processo interativo/transacional, com ênfase na relação com o outro. (p.13)

A leitura como processo interativo é um aspecto necessário, mas também pedagógico. É por isso que, neste trabalho, pretendemos realizar as abordagens conciliadoras de leituras. Por acreditar no potencial que o leitor, como um ser social, tem de, em um contexto, atuar e realizar mudanças. Leffa (1999) diz que o processo de leitura, além de interativo, é também transacional, pois o autor e leitor são, ambos, os construtores dos textos, e que, tanto o autor, quanto o leitor e texto mudam ao serem produzidos e lidos.

Solé (1998) releva que, para compreensão dos textos, há que se ter objetivos de leitura. Os objetivos de leitura é que determinarão estratégias

imprescindíveis para as mais variadas leituras, dos mais variados textos, pois, enquanto leitores, uma das competências das quais dispomos é a de nunca ler um texto da mesma forma.

Dos objetivos de leitura que Solé (1998) nos apresenta, daremos destaque nesse trabalho apenas aos que acreditamos configurar nossa proposta de leitura literária: Ler por prazer; Ler para praticar a leitura em voz alta; Ler para verificar o que se compreendeu.

Quando se tem por objetivo “Ler por prazer” o importante é que se liberte, através da leitura, a sensibilidade do leitor. Para Solé (1998) este objetivo de leitura agrega-se à leitura literária e isso ocorre, porque, ao adequar o texto literário ao aluno, as chances de enlaçar o leitor são bem favoráveis. Como quando lemos, aprendemos (e isso é algo inato, pois quando lemos alcançamos outras intenções), normalmente, atrelado à leitura literária temos atividades que auxiliarão o aluno a aprofundar seus conhecimentos.

“Ler para praticar a leitura em voz alta”, segundo Solé (1998), é uma atividade oral que exige amanho, ou seja, antes dessa acontecer, acontece leitura particular, apenas leitor e texto, sem interferências quaisquer. E essa leitura particular é necessária para que o aluno adquira harmonia na atividade de aprender, interpretar e traçar sentido, para depois ministrar sua habilidade oral com destreza.

Ao “Ler para verificar o que se compreendeu” a finalidade é de perceber se o leitor compreendeu o texto. Essa compreensão pode apresentar-se em partes ou integralmente. Entretanto, Solé (1998) explica que para que um texto tenha sentido para o leitor, para que a leitura tenha sido significativa, independentemente de qualquer objeto, a atividade de leitura deve ser planejada para além das circunstâncias institucionais, para as diversas conjunturas da vida.

Parece-nos evidente que leitura e escrita estão apenas e se complementam e que devemos incentivá-las contiguamente. Se a pessoa lê bem, certamente escreverá tal qual. Leitura e escrita são instrumentos para uma vida social crítica e ativa. Na nossa intervenção, primaremos pela leitura, mas entendemos a ligação que esta tem com a escrita. A escrita também é uma prática social na qual fazemo-nos ouvir e ouvimos, porém, há muito a atividade da escrita se tornou algo mecânico.

Na próxima seção traremos algumas deferências sobre a escrita, entretanto, assim como iniciamos, encerraremos esta, com mais observações, nas palavras de Cosson (2019):

O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor e ao texto para ser controlado pela sociedade. A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora delas. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (p. 40).

Entendemos, portanto, que a leitura é um meio de comunicação repleto de sentido para o processo interativo entre leitor e sociedade. Que ler não é mera aptidão, tampouco rotina. É transformação. É transcender.

2.3. Sucintas considerações sobre a escrita...

Há muito que o ato de produzir textos na escola tem servido apenas como pretexto avaliativo, sem que seja dado aos escritos dos alunos o devido significado, sem que para eles essa atividade faça sentido.

Segundo Geraldi (2003),

Um sujeito somente escreve quando tem o que dizer, eu preciso ter claro para quem estou dizendo. Nos processos de produção de texto, nas escolas, o aluno não tem para quem dizer o que diz, ele escreve um texto não para um leitor, mas para um professor para quem ele deve mostrar que sabe escrever (p.20).

É perceptível que na nossa sociedade se prima pela comunicação verbal e que nossos alunos têm dificuldades para a realização da escrita. Então a questão é saber como faremos para despertar o prazer do aluno se expressar pela escrita.

De certo, o entusiasmo em escrever crescerá na proporção em que se escreve, com liberdade de se escrever o que quer, sem cobranças linguísticas, propiciando ao escritor a possibilidade de ser edificador do seu próprio saber. Como é um processo lento e gradativo, o ato de escrever deve ser iniciado desde criança, pelos pais e sistematizado pela escola. Na escola, o professor habilidoso

tirá proveito dos escritos de seus alunos para, pouco a pouco, mediante incitação e maturação, mostrar-lhes que a escrita requer recursos na produção.

Desde alfabetização, os estudantes desenvolvem textos instintivamente, sem inquietar-se com possíveis erros, mas reunindo elementos de aprendizagem na produção dos textos. Se estimularmos essa produção escrita, de maneira natural, assim como o sujeito já adquire a comunicação oral para se expressar, teremos uma estratégia de motivação para a escrita e ocasião de autocorreção do seu exercício de escrever, evitando constrangimento e insegurança nos escritores. (CAGLIARI, 2009)

A escrita é complexa, é um instrumento no qual o sentimento e pensamento humano se corporificam, assim como também amplia a capacidade de comunicação. Além de inspiração, a escrita combina sociedade, cultura, história, cognição e linguística. Koch e Elias (2012) nos apresentam, diante das características da escrita, três perspectivas, a saber: a escrita com foco na língua; a escrita com foco no escritor; a escrita com foco na interação.

Quanto a **escrita com foco na língua**, é enfatizado o bom uso dos aspectos gramaticais nas produções de textos. Esse tipo de perspectiva é uma sinonímia da escrita magistral, idealizada por muito tempo pelos docentes, em particular, os da língua materna. A língua é vista como algo inalterável, as ideias apresentadas no texto são o bastante para interpretação do texto, não há possibilidade de concepção implícita.

Nessa concepção de **sujeito como (pré)determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto de uma decodificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. Nessa concepção de texto, não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade (KOCH e ELIAS, 2012, p. 33)

A **escrita com foco no escritor** coloca o escritor, e seus pensamentos transferidos em seus textos, como o elemento fundamental e o leitor mero receptor, deverá estar hábil a entender os pensamentos do escritor, conforme foi concebido, tendo, o leitor, seus conhecimentos preteridos e ao escritor a competência de conduzir a “adequada” interpretação do texto proferido.

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o **texto** é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do escritor. A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo (KOCH e ELIAS, 2012, p. 33).

A **escrita com foco na interação** é aquela na qual o escritor compõe o texto pensando no seu leitor. A escrita é vista como vinculação de interação entre escritor e leitor, considerando a importância do uso da língua, aquele que dela faz uso, como também os conhecimentos do leitor, todos fazendo parte, indispensáveis, dos procedimentos da produção de textos.

Nessa concepção **interacional (dialógica) da língua**, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como **atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto**, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais (KOCH e ELIAS, 2012, p. 34).

Perante as perspectivas expostas, relevamos, para esta proposta de trabalho, o uso da escrita com foco na interação, por inferir que esta carrega consigo características que se perfilam com as que estimamos, assim como também com os textos trazidos aos leitores partícipes do projeto e com as particularidades ofertadas pelo diário de leitura. Ainda, as palavras de Antunes (2009):

Elaborar um texto escrito é uma tarefa que não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou de informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto escrito não é uma tarefa que implica apenas no ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita. Cada etapa cumpre, assim, uma função específica, e a condição final do texto vai depender de como se respeitou cada uma dessas funções (p.54).

A escrita, portanto, não se resume simplesmente em composição, respeito às regras de ortografia e pontuação. É um entrelaçamento progressivo de unidades, de partes, de ideias. O exercício de escrever, em sua amplitude,

parte de uma planificação, atravessa os campos da elaboração, até chegar a uma análise do que já se produziu para, então, tecer uma nova versão.

2.3.1. Diário de leitura

Nesta proposição, depois de estimulados à intimidade com os textos, os alunos encontrarão nos diários de leitura um espaço de registro escrito das práticas realizadas durante o trabalho com o projeto e nele, o (a) mediador (a), poderá analisar o desenvolvimento do aluno no perpassar das oficinas. Os diários de leitura também permitem “o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar” (COSSON, 2019, p.68).

O diário de leitura será, nas oficinas propostas, utilizado/preenchido por cada aluno, a cada texto trabalhado. Nos registros dos diários de leitura, não há pretensão de encontrar um escritor nato, mas que os alunos ativem seus conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos a cada caminhar de constituição do projeto. Que neste projeto de letramento literário, através dos diários de leitura, os indivíduos leitores, inseridos numa atmosfera de comunicação na escola, possam justificar e confrontar suas múltiplas interpretações, práticas e procedimentos de leitura (MACHADO, 1998).

Considerando que as habilidades leitoras e de produção textual ainda estão em construção, nos diários de leitura, por seu caráter maleável, os alunos refletirão suas impressões, análises, entendimentos sobre os contos lidos_ e dos demais suportes utilizados também_ e ainda terão oportunidade de estar em contato com outro gênero textual. Segundo Machado (1998), para cada gênero

[...]corresponderiam determinados referentes, uma determinada forma de composição, um determinado estilo. Esse estilo, entretanto, pode ser modificado pelos estilos individuais dos falantes. Assim, haveria gêneros mais propícios a essa modificação, mais livremente e individualidade de quem fala, como é o caso dos gêneros da comunicação oral e os literários, enquanto os gêneros mais formalizados, padronizados e estereotipados seriam menos favoráveis à expressão dessa individualidade. Não nos resta dúvidas de que o gênero *diário* encontra-se mais próximo dos primeiros, uma vez que nele o estilo individual frequentemente se coloca como empreendimento enunciativo (p. 9 e p.10).

O trecho acima referenciado, dentre todas as informações contidas, além de justificar a importância do diário de leitura para esta pesquisa, que é utilizá-lo como um empreendimento enunciativo, destaca outro atributo pretendido:

motivar, por meio dele, o estilo individual nas produções de cada participante da intervenção.

Enquanto empreendimento enunciativo, o diário se propõe que, didaticamente, o aluno, na postura de locutor, transponha suas intenções com confiança, posto seu caráter de estilo íntimo, transmitindo familiaridade e confiança ao e no destinatário, no nosso caso, o (a) professor (a) (MACHADO, 1998).

Para realização das atividades escritas, assentimos ser o instrumento de ação didática mais adequado porque, historicamente, está ligado às mudanças e contradições sociais (fatores que sempre levaram os indivíduos a questionarem sobre si mesmo) e, através das escritas diaristas, a fazerem suas próprias historizações. Sabemos que atualmente a vida privada tem sido facilmente exposta pelos mais extensos meios de comunicação, principalmente via internet (pelas redes sociais, por exemplo) entretanto, na situação de aprendizagem que vigora, nessa pesquisa educacional, o consideramos um instrumento de ensino e aprendizagem mais oportunos. Dentre suas características, podemos destacar:

[...] o diário não chega a ser um texto, mas sim uma espécie de fala escrita. [...] temos um produtor que [...] escreve, em primeiro lugar, para si mesmo, [...] o produtor é mais livre do que nas situações institucionais, pois as representações que ele se faz do destinatário não são predeterminadas pela situação de comunicação imediata. Começa-se, assim, a vislumbrar aqui o sentido de liberdade, geralmente atribuído à produção diarista. Quanto ao destinatário, quando não há, como regra, um receptor real efetivamente presente ou mesmo ausente que interfira diretamente no enunciado, o texto se apresenta com o aspecto monogerado, isto é, sob a responsabilidade apenas do produtor, não apresentando, normalmente, nenhuma marca da segunda pessoa (MACHADO, 1998, p.24 e p. 25)

Além dessas, e para finalizar, podemos destacar que nos diários há uma confiança, poucas restrições que permitem flexibilidade nas elaborações, despreocupação com os acabamentos, a não obsessão com aspectos formais, a subjetividade e não prescrição de um modelo sólido (MACHADO, 1998).

3. O ENSINO DE LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste segmento, intentamos, mesmo diante de um panorama de decadência, enaltecer as propriedades da literatura, mostrar que ela é um direito e que, ao ser ministrada da maneira mais adequada, o diálogo entre literatura e escola, através dos textos literários, interagem com produtos maravilhosos nas vidas dos educandos.

A importância da literatura vem de longos tempos e mesmo assim não tem representado, nas atividades escolares, dedicação e adequação às obras literárias ofertadas aos alunos. A literatura já teve funções e aspectos educativos de formação cultural e moral e ensino de linguística, já foi modelo para produção de discursos orais e escritos e, numa abordagem mais recente, estudada por sua história, características e evolução cronológica. Ou seja, confunde-se o saber literatura com saber história literária (COLOMER, 2007).

Na introdução mencionamos uma visão acerca do estudo de literatura que ainda prevalece na educação. Essa visão retrata a literatura como uma disciplina desconjuntada de Língua Portuguesa, para apenas ensinar a periodização literária, suas características e tornar conhecidos autores e obras principais.

No entanto, a literatura é muito mais que mero conteúdo histórico. A literatura tem, acima de tudo, função social humanizadora que se realiza através da palavra. A literatura é passado, mas também é presente e, certamente, futuro; ela transcende o tempo. É através das experiências literárias que sabemos de nós mesmo e dos outros, percebemos a estrutura de uma sociedade, compreendemos o mundo (COSSON, 2019).

A literatura humaniza e o faz de maneira profunda. Isso ocorre porque faz existir, gera conflitos e excede normas estipuladas. A literatura é um direito indispensável ao ser humano, uma urgência vital e universal de todo indivíduo e se articula com momentos e ações da vida; é estabilidade social e tem poder de instruir e educar (CANDIDO, 1995).

Pound (2006) diz que “literatura é linguagem carregada de significado” (p.32) e acrescenta que caso a “literatura de uma nação entra em declínio a nação se atrofia e decai” (p.36). Seja falada ou escrita, para o autor, a linguagem foi fabricada e adotada para nos comunicarmos. Por comunicar, a literatura é

dotada de oscilações de interesse, mas não é vazia, tem função social, serventia, e por isso não podemos permitir que enfraqueça.

O homem lúcido não pode permanecer quieto e resignado enquanto o seu país deixa que a literatura decaia e que os bons escritores sejam desprezados, da mesma forma que um bom médico não poderia assistir, quieta e resignadamente, a que uma criança ignorante contraísse tuberculose pensando que estivesse simplesmente chupando bala (POUND, 2006, p. 37).

“Literatura é um jeito de se ler a vida. Ler no sentido de interpretar, observar, descobrir, refletir. Nela a vida pulsa” (p.29). A literatura é mais que palavras escritas, é nossa subjetividade transcrita em papel. Pode ser escrita ou oral; é uma coleção de composições. Mas para um texto ser literário, pontos de vista são cruciais em seu processo criativo: ficção e estética na linguagem (KUPSTAS e CAMPOS, 1988).

É interessante salientar que embora a linguagem, na literatura, apresentasse em seu sentido conotativo, ficcional, a invenção não surge do vazio, do contrário, alicerça-se de circunstâncias reais, do banal, das efemeridades da vida, que, artística e sumariamente, os autores conseguem traduzir e recriar em seus escritos (KUPSTAS e CAMPOS, 1988).

Além dessas considerações, Kupstas e Campos (1988) também sinalizam que a importância de estudar literatura extrapola o memorizar períodos literários, títulos e obras. Segundo as autoras, literatura abrange liberdade sem limites e que o “verdadeiro estudioso é o que pode usar instrumentos teóricos, mas vai além dos conceitos: vai perceber que o que pulsa dentro de um livro é a vida, bem além das letras impressas em papel” (p.35).

Mesmo sabendo que literatura não está dissociada de seu processo histórico, tão pouco do seu procedimento sistêmico, esgrimimos que literatura não se leciona, se profere, se subsiste. Porém,

É necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes (também) ao ensino de literatura (algo que, de nossa perspectiva, não poderia começar em separado dessas experiências, vivências ou constituições subjetivas); mas, para isso, é preciso aprender - e ensinar -, no âmbito mesmo do movimento teoria-prática-teoria, algumas coisas (DALVI e REZENDE, p. 68, 2013)

Diante das considerações acerca de ensinar e aprender literatura, Dalvi e Resende (2013) abordam o assunto nos cenários escolares. Ao realizar essas abordagens, fazem um percurso desde as séries iniciais do ensino fundamental até as conseqüentes. Importa ressaltar que, na educação infantil, a literatura se engaja como base, como forma de aproximação espontânea ao literário, com foco na oralidade. No ensino fundamental encontramos um período em que a escolarização da literatura assume frequente deslocamento entre o oral e a escrita e da escrita ao oral, e conexão com diversos gêneros e situações sociais. No que se refere aos anos finais do ensino fundamental, este é o momento de interpor textos mais complexos, dentre outros, é o momento dos contos. Nesta etapa literária, segundo as autoras, é necessário encorajar os alunos ao contato com elementos textuais e a realizar interferências, enquanto leitores.

Portanto, literatura é história, é sistemática, é vida que se vive, não somente, demanda ser planejada, ensinada e aprendida para que se compunha leitores literários. A escola, os professores de língua e literatura, sabedores da importância do trabalho com literatura, precisam legitimar sua constância. A instituição escolar tem a função de despertar o interesse pela literatura com maior complexidade e significativamente.

4. BNCC: AS NORMAS QUE CONSOLIDAM A PROPOSTA

Para normatizar este trabalho, trazemos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que fora preparada por profissionais da educação e pela sociedade civil para promover a equidade e a qualidade da aprendizagem e do ensino brasileiro. Prevista pela Constituição de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 e pelo Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, a BNCC é um documento, parâmetro nacional, obrigatória para as instituições públicas e particulares, que traz, a todos, um conjunto de aprendizagens e propostas pedagógicas essenciais e indispensáveis (BRASIL, 2017).

A BNCC rege sobre competências, habilidades, atitudes e valores para que a sociedade se torne mais justa, mais humana e mais voltada para a preservação da natureza. É à luz dessa condução que nortearíamos nosso trabalho. Convém destacar que, na BNCC, o componente curricular Língua Portuguesa compõe a área de Linguagens e, conforme letra da lei, apresentaremos, a seguir, as competências específicas desta área, contudo, encontrar-se-ão, apenas as específicas para o ensino Fundamental e as quais estamos certos de que se ajustam as nossas propostas.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2017, p. 63)

Sobre os anos finais do ensino fundamental, a BNCC considera que este é o contexto de grandes instigações, de necessidade de apropriação de conhecimentos complexos, de atribuir novos significados às aprendizagens já adquiridas e, sobretudo, de solidificar sua aptidão em gerir a própria vida.

O componente curricular Língua Portuguesa traz uma proposta na qual o texto é unidade central. Essa unidade central deve relacionar-se ao contexto, ao uso expressivo da linguagem nos trabalhos de leitura, do ato de ouvir e de produzir textos. Propõe-se também que mobilizemos as atividades de leitura, oralidade e escrita de maneira a aumentar as ocorrências de participação nas atividades de esferas humanas, aprendendo a debater, aceitando posicionamentos afins e contraditórios (BRASIL, 2017).

Importa afirmar que não há privilégios entre os gêneros impressos e os novos letramentos, a exemplo dos digitais. Portanto,

Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 68).

Dentre os eixos correspondentes às práticas de linguagens, destacamos o da leitura que, de acordo com a BNCC, relaciona-se a escrita, a imagens imóveis ou dinâmicas e ao som, que são muito frequentes nos gêneros digitais, mas também constituem abrangência significativa à leitura.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ ouvinte/ espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2017, p. 69).

O documento também versa sobre a necessidade de, gradualmente, em (possíveis) longos espaços de tempo, exacerbar as atividades cognitivas de leitura, por meio da pluralidade de gêneros textuais, uso progressivo de textos

complexos que exijam interpretação e reflexão, de modo que todos a interatuem com a diversidade (BRASIL, 2017).

Quanto ao eixo da produção de textos, a BNCC compreende que essa seja uma prática de interação e autoria exclusiva, ou coletiva do indivíduo, com diferentes propósitos. E, quanto ao eixo da oralidade, trata-se das convenções orais da linguagem que, dentre outras situações, cerceia ministrar textos através da fala, abarcando temas e interações diversos.

Além das competências específicas da área de atuação do nosso componente curricular, apresentaremos também as específicas de Língua Portuguesa, que estão em consonância com nosso projeto:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e visível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidade de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, do imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (BRASIL, 2017, p. 85)

E, dentre as estratégias elencadas acima, destacamos o letramento literário que se encontra em expansão, possibilitando o compartilhar crítico e

relevante, nos mais diversos exercícios sociais, organizado pela leitura, escrita e pela oralidade.

Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, p. 136, 2017).

A BNCC estabelece conexão e importância dos gêneros narrativos, nos anos finais do ensino fundamental, com a formação leitora, na qual o leitor possa se emburhar com a leitura e, conseqüentemente, isso fruirá em inferências e numa cobiça por outras leituras. Esse resultado explica-se pela estima que se adquire ao gênero narrativo literário por causa de toda sua estrutura e pela paridade ofertada a cada período escolar, promovendo ânimo.

5. CONCEPÇÕES ACERCA DO GÊNERO CONTO

Para este capítulo, traremos algumas perspectivas sobre o gênero conto e, na sequência, considerações sobre os contos escolhidos para esta proposta literária. Nas palavras de Moisés (2006):

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente (p. 40).

Ao longo da caminhada docente, constatamos que o conto é um gênero que oportuniza excelentes e significativos resultados nos exercícios de leitura literária. Cientes de que não é fácil o ofício de ensinar literatura no ambiente educacional, tampouco estimular o hábito da leitura, o conto, no já referido ambiente, revela existência e expectativas que ocorrem na realidade humana, fazendo com que os alunos identifiquem as situações lidas, nos seus cotidianos. Além disso, por ter características de curta extensão, poucos personagens, tempo e espaço mais estritos, linguagem e conflito objetivos_ criando expectativas_ proporcionam rápidas leituras e, portanto, por ter essa capacidade sintética (e mesmo assim apresentar todos os elementos estruturais de uma narrativa) de sobrepor o qualitativo ao quantitativo, encontra-se em destaque no nosso trabalho.

Para Moisés (2006), o conto, assim como toda obra literária, é resultado da consciência e mesmo sendo de reduzidas laudas, tem estrutura complexa, contudo, harmoniosa e fechada, o que só exacerba a dificuldade dos autores desse tipo de gênero textual. E não há um consenso sobre sua origem e, mesmo assim, sua essência permanece viva até os dias atuais.

Conciliamos as ideias de Moisés (2006), com as de Soares (2007), que fundamentam a natureza narrativa do gênero e suas características, na qual diz que o conto,

É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características

estruturais próprias. Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo (SOARES, p. 54, 2007)

Percepcionamos que, em literatura, todos os gêneros escritos a potencializam e fornecem um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas. Todos os textos literários nos apresentam como uma forma de saciar as precisões humanas, ampliando e enriquecendo nossas percepções de mundo. Sabemos que a importância em trabalhar literatura vai além da opção por um gênero e que há de se buscar mesmo são os meios de despertar no aluno o prazer das experiências com os textos literários. Acreditamos que o gênero conto o faz com maior precisão. Mesmo sabedores da complexidade de acertar gênero ideal para despertar a curiosidade do aluno, refletimos que, com o conto, o estudante irá melhor iniciar o interesse pela leitura, desenvolver melhor a capacidade de compreensão do texto, perceber, de maneira mais clara, o mundo e a si mesmo. Identificar-se mais, e de imediato, com esse tipo de texto.

É mediante essa reflexão que nos aportamos a uma visão mais metafórica que Cortázar (1999) traz para essa forma textual. Ele diz que o conto é “um gênero que tem entre nós uma importância e uma vitalidade que crescem dia a dia” é “uma expressão literária”, é “ideia viva” (p.349). Ao remeter o conto à palavra “ideia” a intenção não é de abstrair este da realidade,

Mas se não possuímos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido nosso tempo, pois um conto, em última instância, se coloca no plano humano em que a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me permitem o termo; e o resultado desta batalha é: o próprio conto uma síntese viva e ao mesmo tempo uma vida sintetizada, algo como um tremor de água dentro de um cristal, a fugacidade numa permanência. Somente com imagens pode-se transmitir a alquimia secreta que explica a ressonância profunda que um grande conto tem em nós, assim como explica por que existem muito poucos contos verdadeiramente grandes (CORTÁZAR, p. 349, 1999).

Assim como Cortázar (1999), Piglia (2004) nos oferece perspectivas sobre o conto, alcançando dimensões mais profundas sobre gênero. Segundo o autor, o conto relata duas narrativas concomitantes. Uma delas é escolhida pelo

contista e fica sempre notória. A outra mantém-se sigilosa e pode (ou não) revelar-se no final do conto. E acrescenta que, os acontecimentos expressos são responsáveis por ocultar os fatos secretos. Para o autor, essa história sigilosa é precisamente “a chave da forma do conto e de suas variantes (p. 90).

O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta (PIGLIA, p.94, 2004).

Partindo desses aspectos gerais do conto, mas agora ingressando no viés da conjuntura e modelo contemporâneo do conto brasileiro, Bosi (2015) considera que, a sua maneira, o gênero, ora contemplado neste trabalho, tem contraído numerosas configurações. Para o autor, a escrita moderna postula a constante mudança que o gênero conto abrange, sobretudo sua natureza de composição sintética e de nos familiarizar com seus significados.

Em se tratando do tema, o conto contemporâneo permanece atemporal e representando, com excelência, a vida da humanidade. Para além das questões temáticas, o conto brasileiro atual tem raízes estéticas do Modernismo (narrativas com escritas mais correntes, concisão no arranjo frasal, grande observância na seleção do vocabulário) e influência de escritores estrangeiros (BOSI, 2015).

Segundo Bosi (2015),

O conto de hoje, poliedro capaz de refletir as situações mais diversas da nossa vida real ou imaginária, se constitui no espaço de uma linguagem moderna (porque sensível, tensa e empenhada de significação), mas não forçosamente modernista (p. 23 e p.24).

Em resumo, os contos contemporâneos, por suas temáticas variadas e significados diversos, evidenciam a escrita moderna e prendem a atenção do leitor.

Para Moisés (2006), dentre as extensas histórias dos modelos literários, o conto é o mais flexível, contudo, a essência do conto é estruturalmente consistente. Está acima das mutações, sem que importe se o conto é da Antiguidade, da Idade Média, ou dos tempos modernos e contemporâneos. O conto é de uma base estável.

Sobre sua base, tentaremos aproximá-la, nesta pesquisa, dos nossos alunos. Apresentaremos o gênero e sua estrutura com seus elementos narrativos básicos.

Embora com perspectivas diferentes, o conto apresenta elementos estruturais semelhantes a qualquer texto pertencente ao gênero narrativo: narrador, enredo, personagem(ns), espaço e tempo.

Ao discorrer sobre os objetivos e as maravilhas que o texto literário (em especial, o conto) pode realizar, fazemos parecer que é uma atividade fácil. Porém, sabemos que na prática não é. Do contrário, é atividade árdua, que demanda habilidade, dedicação, tempo, planejamento, e por isso estivemos dispostos e em busca dos aportes necessários para que os objetivos sejam alcançados.

5.1. Os contos selecionados...

Segundo Cosson (2019),

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre textos, como busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares (p.35 e p.36)

Abraçando as ideias de Cosson (2019), faremos, portanto, usos do cânone no nosso trabalho. A Lygia Fagundes Telles é a autora dos contos selecionados para este projeto de letramento literário e apesar de contemporânea, traz em seus textos a estrutura tradicional do conto. É uma autora que tem características de estimular os sentimentos, despertar no leitor afeto, revolta, indignação, solidariedade.

Os textos de Lygia Fagundes Telles, trazidos para esta intervenção podem, até então, não serem conhecidos pelos nossos discentes, assim como os fatos neles abordados podem não fazer, diretamente, parte de suas experiências pessoais, contudo, estamos certos de que esses fatos remeterão ao menos às suas vivências sociais atuais com outros indivíduos. Foram textos

triados por suas ambiguidades e imprevistos, por confiarmos em suas capacidades de cativar o leitor e somente os libertar nos irremissíveis e espantosos finais, e, apesar disso, fazê-lo sentir-se ainda cativo nas reflexões que, pelas narrativas, somos submetidos (PIGLIA, 2004).

Além disso, Cosson (2019) fala sobre a importância de se considerar os conhecimentos prévios dos alunos ao escolher o texto mais adequado, prevendo também que esses textos possam contribuir para que haja um medrar nos domínios literários dos leitores.

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-os como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (BRASIL, 2017, p. 73)

Nos textos selecionados, encontramos, enquanto pesquisadores, abordagens conexas às vivências de muitos alunos (em especial, com alunos do 9º ano do ensino fundamental). Neles queremos enfocar as perdas nas relações familiares e sociais e utilizá-las como temas norteadores para concretização deste projeto. Essas perdas apresentam-se em aspectos variados, a citar: violência contra a mulher, feminicídio; abandono e maus tratos à criança. Associados a isso, e entre outros que possam surgir, abordaremos também, a violência autoprovocada, adultério, preconceito, abandono e maus tratos animais. Trata-se de temas que têm relação com o usufruto da vida. Dentre esses e outros que porventura possam fazer parte do ambiente familiar e social do estudante, referimo-nos, então, à dificuldade que esses adolescentes têm apresentado em lidar com esses desagradados vitais.

Essa faixa etária dos nossos alunos equivale a veementes mudanças sentimentais, biológicas e sociais. São adolescentes que buscam expandir suas relações afetivas, são indivíduos em eclosão e que, portanto, exigem atividades institucionais atípicas (BRASIL, 2017). Seus diálogos são frequentemente compostos por questões voltadas a, por exemplo, relacionamentos amorosos, traição, suicídio, preconceito.

É muito comum nessa fase a necessidade do imediatismo, efemeridade e a violência. Quanto à violência, “é preciso considerar a necessidade de

desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas” (BRASIL, 2017, p. 59). E ainda ressaltamos que,

Em todas as etapas de escolarização, mas de modo especial entre os estudantes dessa fase do Ensino Fundamental, esses fatores frequentemente dificultam a convivência cotidiana e a aprendizagem, conduzindo ao desinteresse e à alienação e, não raro, à agressividade e ao fracasso escolar. Atenta a culturas distintas, não uniformes nem contínuas dos estudantes dessa etapa, é necessário que a escola dialogue com a diversidade de formação e vivências para enfrentar com sucesso os desafios de seus propósitos educativos. A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa (BRASIL, 2017, p.59 e p. 60)

É por isso que relevamos nesta proposta de letramento literário a importância da escola nesse processo. Há muito, nos parece que a escola tem se omitido ou perdido seu potencial formador do ser social, crítico e autônomo. Mas é na escola, nos trabalhos com a literatura, utilizando de estratégias planejadas e sistematizadas, fazendo os sujeitos encontrarem consigo mesmos e com o mundo, é que as pessoas vão se tornando protagonistas da sua vida em sociedade.

Em vista disso, pretendemos, enquanto escola, ofertar a fascinação pelas descobertas e exploração do que, até então, de certo, encontra-se em território oculto. Proporcionar aos estudantes o penetrar no mundo imaginário dos textos literários, para, através das narrativas nos contos, despertar a sensibilidade das suas realidades e consolidar o cidadão humano, consciente de si e da sociedade em que vive.

Sabendo da importância que, para formação de pessoas leitoras, a escolha da obra é determinante, elegemos tais textos por confiar na dinâmica e por verificar que neles, orientados pelo/a professor/a, os alunos terão oportunidade de usufruir de fatos que repercutem (ou repercutirão) em sua vida ou na vida de seus próximos, refletir sobre temas diversos, suscitados ou inferidos por eles.

Tanto os textos, como o gênero e a série selecionados para esse projeto, assim o constituíram porque,

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos **interesses manifestados pelas crianças**, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (BRASIL, 2017, p. 56 e p. 57).

As perdas nos contos escolhidos servirão, não de exemplo aos seus futuros leitores, mas, assim como encontrarmos uma relação entre as vidas narradas neles, certamente os estudantes também o farão. Nas ações elaboradas e organizadas, provocaremos reflexões sobre essas perdas e estamos esperançosos que concluam que são inerentes à vida, que muitas delas são inevitáveis, mas essenciais para que possamos sempre nos renovar dentro dessa vida cíclica.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Essa proposta de intervenção fora desenvolvida para aplicação em turmas de 9º ano, do ensino fundamental (conforme já relatado), e tem por metodologia o ensejo de, a partir de problemas concretos e verídicos, vivenciados em sala de aula, suscitar transformações, mobilizações através de ações planejadas e direcionadas.

Sob uma perspectiva de aplicabilidade, os fundamentos metodológicos da pesquisa ação alicerçam esse estudo e seguem os parâmetros encontrados na obra de Barbier (2002), que explica:

O método da pesquisa-ação, inspirado em Lewin, é o da espiral com suas fases: de planejamento, de ação, de observação e de reflexão, depois um novo planejamento da experiência em curso. O rigor da pesquisa-ação repousa na coerência lógica empírica e política das interpretações propostas nos diferentes momentos da ação. (BARBIER, 2002, p.60).

A pesquisa ação é uma pesquisa social na qual observamos um problema, refletimos sobre ele e elaboramos uma ação para a sua resolução (ANDRÉ, 2005). Nela, o pesquisador está inserido no problema coletivo, sendo participante ativo da resolução do mesmo, algo que deve ser concebido de maneira cooperativa com os demais sujeitos envolvidos na problemática (MICHEL, 2005). Toda pesquisa ação apresenta um carácter participativo, o que não a torna uma pesquisa participante; na pesquisa ação há uma ação por parte de todos os envolvidos em contraste à pesquisa participante que pode apresentar apenas elementos frutos de observações (MICHEL, 2005).

A pesquisa sendo do tipo ação e de cunho social, há que se combinar aspectos de ação abrangentes, buscando descrever estado existencial, intervir e solucionar problemas, pretendendo mudanças (THIOLLENT, 2005).

Toda pesquisa deve divulgar seus resultados (isso é uma demanda da pesquisa social), ter finalidade coletiva, com participantes que não são cobaias, mas sim, agentes ativos nesse processo de constantes questionamentos, interpretações, trocas de experiências e conhecimentos, ideias consensuais e, por consequência, autocorreções e melhora nas atitudes dos implicados na situação (THIOLLENT, 2005).

Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação etc. Com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta (p.26).

Para Thiollent (2005), a pesquisa ação é “apenas um instrumento de trabalho e de investigação com grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte” e considera os “aspectos sócio-políticos” mais relevantes nas relações sociais (p.11).

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 16).

Sabendo que a metodologia desempenha a função condutora da pesquisa e mesmo cientes de que algumas sutilezas e nuances podem escapar a um procedimento, esta pesquisa, é do tipo qualitativa, pois, para Minayo (2009) a pesquisa qualitativa é quem nos dá uma realidade social mais precisa dos indivíduos. É a pesquisa qualitativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p.21).

A pesquisa qualitativa é bastante utilizada na educação, pois permite uma análise mais profunda das questões no que concerne a interpretação de dados significativos. Neste âmbito, a pesquisa qualitativa pode fazer uso de dados quantitativos significando-os em um universo de interações sociais (EITERER, 2010). Diante disso, a pesquisa qualitativa busca contextualizar a experiência humana nas diversas interações sociais, essa experiência é observada em uma perspectiva holística, não podendo ser separado o sujeito das suas relações sociais (ESTEBAN, 2010). A pesquisa qualitativa nunca se conclui em relação a questionamentos, ela sempre levanta novas problemáticas, contudo, isso não significa dizer que é uma pesquisa sem fim, ela precisa ser delimitada em um ciclo de análises, de maneira que se observe um início, um meio e um fim (MINAYO, 2009).

Uma característica importante na pesquisa qualitativa é o carácter interpretativo dos dados observados, esses devem ser analisados de forma a justificar-se integrando o observado à teoria que os fundamentam (ESTEBAN, 2010). Com isso, é indissociável o instrumento e o pesquisador, pois esse interage com a realidade observada sendo um dos instrumentos fundamentais da pesquisa, e ao reconhecer traços da subjetividade das relações observadas pode se colocar na posição de pesquisado (DEMO, 2011).

Ademais, essa pesquisa, além de qualitativa, é exploratória, pois fizemos investigações e levantamentos diretamente com os discentes na instituição onde estudam, para que, com esses dados, pudéssemos fortalecer a proposta de intervenção. Na análise documental, examinamos, a priori, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), cientes que este documento é que normatiza os currículos nas escolas e relacionamos a ela às elaborações concernentes à pesquisa.

Além da BNCC, analisamos autores para também subsidiar nossa proposta interventiva, trazendo-nos fundamentos bibliográficos, para que através dos quais pudéssemos estudar, obter esclarecimentos no âmbito da leitura literária e construir as ideias aqui expostas.

A proposta, então elaborada, intui contemplar a leitura integral do texto literário, realizar rodas de conversa para ler e discutir sobre as questões concernentes ao letramento literário e, não obstante, o registro das atividades através da escrita. Oportunizamos, como metodologia, nas rodas de conversa, ocasião em que todos ficam frente a frente, os alunos desenvolverem a aprendizagem de respeitar um ao outro, de se ouvirem respeitosamente.

Nas rodas de conversa encontramos

[...] uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Em virtude de uma pandemia e, por isso, suspensão das aulas presenciais, este trabalho que, quando começou, tinha uma perspectiva de aplicação em instituição escolar, ficará adiado, por nós, para uma prática futura.

No momento, como fruto deste trabalho, elaboramos um caderno pedagógico, o qual denominamos “Caderno de itinerário para leitura literária” (Apêndice A), no qual constarão todas as oficinas explanadas adiante, e nos servirá de instrumento didático. Nele disponibilizamos um material que reúne subsídios mais imediatos e facilitadores, propiciando maior agilidade e dinamismo nas ações mobilizadoras para o exercício da literatura.

A primeira etapa das atividades, denominada como “Ponto de Partida”, será uma ação diagnóstica, sequenciada por oficinas que foram preconcebidas a partir dos objetivos já expressos. As oficinas seguem, com o intuito de esclarecer a prática do projeto, a sequência básica proposta por Cosson (2019), que se constitui por passos, elucidados mais adiante. Para encerrar, o “Ponto de Chegada”, para o qual contaremos com o diário de leitura, como objeto de registro escrito das atividades concretizadas.

Sugerimos que o gênero conto, contemplado na pesquisa, seja apresentado brevemente, na mesma ocasião de exposição do projeto, por slides, aos alunos e, paulatinamente, em cada oficina, sejam reforçadas e exercitadas suas características.

É importante que o/a professor/a mediador/a fale sobre a não obrigatoriedade em participar, mas que, mesmo assim, crie situações didáticas para que os/as alunos/as sintam interesse em ler os textos e experienciar, como um todo, as oficinas.

Para Thiollent (2005), os participantes da pesquisa (no nosso caso, os alunos e as alunas) têm o papel de atores principais, pois estes estão, de fato, empenhados na ação e os pesquisadores são, apesar da responsabilidade, auxiliares, coadjutores desses membros.

Aos que, hipoteticamente, não desejarem participar, sem quaisquer imposições, aconselhamos que se realize um convite de se fazerem presentes como ouvintes.

Sabemos que os alunos são as peças fundamentais para que este trabalho se concretize, contudo não podemos deixar de citar que contamos sempre com a colaboração de toda equipe escolar que, de certo, contribuindo também, fundamental e principalmente, na logística, para que consigamos chegar ao alcance dos objetivos.

Pouco a pouco a aspiração é de que os alunos comecem a fazer suas narrativas com deleite e que o processo de humanização que a literatura proporciona se reflita em suas ações vitais como seres sociais no mundo. Que o aluno se identifique com os textos de Lygia Fagundes Telles, fomentando a desenvolver análises críticas e não simples decodificações. Que a partir das atividades desta pesquisa, os alunos conheçam mais sobre o ambiente em que vivem e frequentam, e sobre si mesmos que, apropriados dos conhecimentos oferecidos nos textos literários, realizem interferências nos seus cotidianos.

Tencionamos que, a cada passo dos processos de leitura, os alunos tenham suas ideias mais organizadas, mais críticas e racionais às questões sociais, fazendo com que a pesquisa tenha sentido tanto para eles quanto para nós, mediadores. Enfim, que os objetivos pretendidos aflorem nos diálogos e nos registros; que eles consigam contextualizar a vida com os textos.

6.1. Elucidando a Sequência Básica...

Segundo o exposto, as oficinas seguirão, para efetuar o processo de letramento literário, os quatro passos da sequência básica de Cosson (2019), fundamentados a seguir:

Motivação

A motivação é um quesito substancial na formação do leitor. Se o professor está motivado, é um verdadeiro leitor, cativará e preparará seu aluno à leitura e desfigurará a obra literária (LAJOLO, 2002, SILVA, 2009 e COSSON, 2019).

Sem dúvidas, a motivação é um elemento chave na realização do processo de leitura. Muitos autores chamam atenção para isso como primeira etapa e antes de realmente se chegar ao texto.

A motivação é a necessidade que se tem em dar sentido a atividade de leitura. Fazer o leitor saber o que ele precisa realizar e dar-lhe ideia de que a leitura terá efeito, fazê-lo sentir-se hábil e, acima de tudo, fomentar seu interesse oferecendo-lhe contextos verídicos e desafios. Para Solé (1998), um dos desafios é a utilização de textos desconhecidos, ainda que com temas habituais, contudo textos que levem em consideração as informações preliminares que o

leitor possui. Essa ideia se harmoniza à de Colomer e Camps (2002) que ainda acrescentam que, na proporção em que o leitor e texto interagem, interagirão também noções prévias, noções de mundo e novas acepções naturalmente emergirão.

Nos modelos interativos o leitor é considerado como um sujeito ativo que utiliza conhecimentos de tipo muito variado para obter informação do escrito e que reconstrói o significado do texto ao interpretá-lo de acordo com seus próprios esquemas conceituais e a partir de seu conhecimento do mundo. A relação entre o texto e o leitor, durante a leitura pode ser qualificada como dialética: o leitor baseia-se em seus conhecimentos para interpretar o texto, para extrair um significado, e esse novo significado, por sua vez, permiti-lhe criar, modificar, elaborar e incorporar novos conhecimentos em seus esquemas mentais. (COLOMER e CAMPS, 2002, p.31)

Solé (1998) também destaca que os momentos mais provocadores de leitura são aqueles em que se “lê para se libertar, para sentir o prazer de ler” (p.91) ou até mesmo na busca de uma convicção, contudo, sem coação, conforme interesse.

Cosson (2019) elenca várias razões para o uso das atividades de motivação, dentre elas, visualizar nela a criatividade em interagir com as palavras, conectando com as esferas da ficção e preparando os caminhos para a leitura literária. Aliás, por sua naturalidade, a motivação é exatamente uma preparação, é o antecipar favorável ao processo de leitura.

Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir (COSSON, 2019, p.54 e p.55).

A motivação, portanto, como importante método para a formação leitora, será utilizada no início de cada oficina, com músicas, texto complementar, filmes/ animações e diálogos, tencionando que, desde já, texto literário e leitor exteriorizem suas ideias.

Para essa proposta, faremos bom uso do gênero musical por considerarmos que se harmoniza confortavelmente com essa etapa da motivação e por confiar nela como uma manifestação artística muito bem

recebida pelos alunos. A música os conecta facilmente com o mundo, favorece o processo de leitura e, indubitavelmente, para os encontros, é uma trilha para o sucesso da experiência literária.

Introdução

Momento também importante no processo de leitura literária, hora de apresentar, sem abrangência, autor e obra. Segundo Cosson (2019), essa apresentação requer anteparos

Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos [...] A biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto (p. 60).

Além disso, no processo pedagógico, Cosson (2019) nos orienta que convém ao professor, ou à professora, justificar a seleção e relatar a pertinência e relevância dela, para aquele acontecimento. Também convém apresentar, independente das estratégias planejadas pelo (a) professor (a), o livro físico aos alunos. O autor ainda releva:

A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem a obra. Nesse caso, o professor realiza coletivamente uma leitura do livro (COSSON, 2019, p. 60).

Caso o (a) professor (a) não disponha de exemplares do livro, dos textos selecionados, no seu acervo pessoal ou no acervo da biblioteca da escola onde desenvolverá as oficinas e, para que os alunos possam manusear a obra, orientamos que leve ao menos um exemplar. É importante que o (a) mediador (a) exponha possibilidades sobre a narração dos textos, intuindo despertar a curiosidade dos alunos e os incitar a analisá-las e comparar suas hipóteses prévias com as estabelecidas após a leitura dos textos.

Explica-se, nesse momento da sequência básica, os motivos para tal seleção, introduzindo elementos que poderão servir de discussões em todo

percurso da leitura, sempre intentando que os alunos recebam, com esmero, o texto a ser trabalhado.

Leitura

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (COSSON, 2019, p. 62).

Na citação acima, Cosson (2019), nos fala da importância no conduzir a leitura no processo do letramento literário. Nas nossas oficinas são propostas leituras em ambiente escolar e em casa. Durante as leituras, realizam-se intervalos que tem como intenção oportunizar que os alunos exponham os efeitos da leitura do texto e, à luz deste, garantir outras informações, fazendo desses momentos de leitura, únicos. Sobre os intervalos, Cosson (2019) descreve:

[...] constituem as atividades específicas, podem ser de natureza variada. Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como uma focalização sobre o tema da leitura e permitindo que se façam aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto. [...] não se faz necessário que todos os alunos tenham lido a mesma quantidade de páginas ou capítulos, mas é importante que a atividade seja pertinente com a leitura efetiva feita pela maioria dos alunos (p.63)

Apesar dessa desobrigação de todos terem lido as mesmas páginas, convém ao professor, ou à professora, indicar o momento do intervalo, sendo este, diagnóstico, interventivo e, precisamente, conciso, para que não se perca a essência da proposta. Cosson (2019) ainda acrescenta que, se encaminhado de maneira eficiente, o intervalo “pode se constituir em um importante instrumento de aferição pedagógica do processo de leitura como um todo” (p.64).

Interpretação

Após o término da leitura, espera-se que leitor e obra tenham se encontrado, sem artimanhas. Esse é o que Cosson (2019) chama de momento

interior, no qual o aluno ativará suas histórias e relações que contribuirão (ou não) para que a leitura se efetive. “A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (p.65).

Além do momento interno, Cosson (2019) declara que também há o momento externo e assim o define:

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela. Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (p.65).

A interpretação, portanto, é o momento de propagar e expandir os conhecimentos ora adquiridos individualmente. Momento de construção de sentido sobre tudo que foi trabalhado nos encontros anteriores. Espera-se que além das trocas de leituras, tanto as realizadas em sala, quanto as sugeridas, ocorram e, para registrar e externalizar suas impressões, reflexões e inquietações acerca das abordagens, recomendaremos o diário de leitura, já elucidado no segundo capítulo deste trabalho.

Lembremos que, independentemente da atividade de registro solicitada, as interpretações podem ser múltiplas, porém devem ser coerentes às leituras realizadas (COSSON, 2019).

6.2. Preliminares às oficinas...

Antes de tudo, é pertinente lembrar da necessidade de planejar as atividades. Pensar, então, em um orçamento, cronograma e nos riscos e benefícios que a proposta submete ao participante.

Quanto ao orçamento, este provavelmente será subsidiado pelo próprio docente, que, pensando no ambiente e material a serem utilizados para produção e realização da proposta, estimará, presumidamente, tudo que será utilizado.

Sobre o cronograma, o docente precisa pensar nas fases da proposta. Ter uma base do período de ocorrência das atividades e distribuí-las em um calendário propício.

Em todas as atividades há riscos e benefícios, porém, toda cautela deve ser assegurada para que a aplicação do trabalho não implique em perigos ou coações aos que com ele interagirão. Para efeito, as atividades devem ser bem planejadas para que todos se sintam envolvidos, porém livres para interatuar.

De certo a proposta trará benefícios aos sujeitos envolvidos e aos outros que, em momentos paralelos, também estabelecem relações de ensino aprendizagem com esses discentes, visto que, ordinariamente recebemos reclamações alusivas aos desvios em pauta.

Thiollent (2005) diz que, tanto os pesquisadores (contribuidor que facilita a aprendizagem), como os participantes aprendem algo no processo de investigação e discussão das ações “cujos resultados oferecem novos ensinamentos” (p. 72).

As propostas de ação aclaradas adiante surgiram a partir do problema e são proporcionais ao que precisa ser transformado, considerando sempre os aspectos sociais e culturais dos indivíduos imbricados. Ressaltamos, porém, que sabendo que na situação do projeto não há imparcialidade, nem passividade por pesquisador, tampouco por partícipes, as propostas de ação amadurecerão no processo de aplicação.

A seguir, detalharemos, descritiva e minuciosamente, os procedimentos, as ações e as técnicas/instrumentos propostos. As análises serão realizadas de acordo com seus períodos, pelo docente mediador, tendo um ponto de partida e um ponto de chegada, pois, de acordo com Thiollent (2005), elaborar uma divisão das atividades por fases infringe “a ordem em função dos problemas imprevistos que aparecem em seguida”, ao passo que com o ponto de partida e chegada “haverá multiplicidade de caminhos a serem escolhidos em função das circunstâncias” (THIOLLENT, 2005, p. 52).

6.3. As oficinas...

De acordo com Cosson (2019), o leitor é o “ponto de orientação” para a escolha da literatura a ser realizada e que o professor, ou professora, é quem intermedia esse processo de escolha. A seleção dos textos a serem lidos na

escola deve ser democrática, apreciar fatos característicos da sociedade que fazemos parte, considerando a diversidade cultural e os valores sociais dos leitores. Por fim, a opção literária a ser trabalhada deve ser atual, ter sentido para o leitor, partindo de algo que o aluno já sabe para novas experiências, expandindo a cultura já adquirida, pois, a leitura é de ordem cognitiva, mas também social e transformadora das relações humanas (COSSON, 2019).

Elegemos, então, conforme motivos já informados, para integrar este labor de letramento literário, os contos de autoria de Lygia Fagundes Telles: *Venha ver o pôr do sol*, *Natal na barca*, *Biruta* e *O menino*. Relataremos, a seguir, as oficinas intituladas pelos nomes dos textos e, para sistematizar, conforme já fundamentada, a sequência básica de Cosson (2019), constituída por passos (motivação, introdução, leitura e interpretação), antes com um ponto de partida e, ao final, um ponto de chegada.

Como a proposta desse projeto é a formação leitora, prazerosa e interativa com o mundo, o elaborado tenciona proporcionar momentos nos quais os alunos se apropriarão de uma leitura literária, os emocionando, levando-os a reflexões e que dialogará com aspectos relativos às suas vidas.

Ponto de partida (4 aulas)

Objetivos

Conhecer e/ou resgatar as experiências prévias dos leitores;

Despertar a curiosidade dos alunos para os futuros exercícios (oficinas) de letramento literário;

Apresentar a proposta de letramento literário e o gênero conto.

Esta é a fase inicial do trabalho. O momento de sondar os conhecimentos prévios dos discentes. A denominamos **MEU PERFIL LEITOR/A** (Apêndice B). Trata-se de uma ficha-questionário pessoal de leitura que preparamos como atividade diagnóstica, que o aluno preencherá e poderá traçar um perfil e registrar suas experiências prévias de leitor. Essa ficha diagnóstica tem o propósito de conhecer melhor suas preferências e costumes, enquanto leitores,

assim como também, visitar os conhecimentos que possuem sobre literatura e sobre o gênero selecionado.

Os alunos respondem as fichas-questionários e socializam suas respostas em uma roda de conversa. Independente das respostas relatadas, a cada oficina, perguntamos se os discentes conhecem a obra apresentada e sobre suas expectativas ao texto que será lido. Pedimos que os alunos (os que desejarem), caso já tenham lido algum conto, narrem a história, com o intuito de resgatar seus conhecimentos prévios.

Esse processo incipiente, além de sondagem, ajuda a ativar as memórias literárias dos discentes e, certamente, desperta a curiosidade para os trabalhos vindouros.

Posteriormente, apresenta-se o trabalho que será desenvolvido, através de slides, expondo: os objetivos pretendidos; os contos selecionados e que nomearam as oficinas; o gênero, suas características, os temas abordados e a estrutura.

1ª Oficina “Venha ver o pôr do sol” (8 aulas)

Objetivos

Promover reflexões acerca da vida, exaltando-a, relevando a importância do respeito a si mesmo e a outrem;

Apresentar a autora, Lygia Fagundes Telles, e os contos selecionados;

Exercitar o conhecimento sobre algumas características do conto: seu caráter narrativo e personagens;

Proporcionar um diálogo dos alunos com a literatura, priorizando suas habilidades orais.

Motivação:

Esta é a primeira oficina do trabalho. Um repertório um pouco maior que nas próximas oficinas é apresentado. Começamos com a música *O sol nascerá*, samba de Cartola e Elton Medeiros, 1974, interpretada por Zeca Pagodinho, que inspira os alunos a refletir sobre as maravilhas de estar vivo. O uso dos paradoxos e antíteses “sorrir/chorar” e “tempestade/sol” podem nos fazer

perceber os momentos passageiros que vivemos, bons ou ruins, sempre têm finais e inícios de novos ciclos.

Compõe também esse momento de motivação a música *Vida é luta*, do Projota, que fala de identidade, de vida de luta, de resistência e capacidade de se recuperar e superar problemas. Também do Projota, apresentamos *Canção pro tempo*, que retrata as dificuldades sofridas por um jovem que, fazendo uso do tempo, faz de sua arte, superação.

Outra canção apresentada é a música *Como uma onda no mar*, de Lulu Santos e Nelson Motta, interpretada por Lulu Santos, que compara a vida, com as idas e vindas infinitas das ondas do mar.

Por fim, a música *Eu mereço ser feliz*, de Marquinho Índio e André Renato, interpretada pelo cantor Mumuzinho, que versa sobre a importância e o valor da vida e sobre a importância do olhar sobre si mesmo, com carinho e respeito pelo que se é e pelo que se tem.

Cinco músicas (Anexo A) servirão de peças fundamentais para essa motivação. A quantidade extensiva, apenas para essa primeira oficina, justifica-se por interpretarmos que lança mais impulso à participação da proposta de intervenção. Ao final, estimulamos a, oralmente, externarem suas considerações sobre as músicas apresentadas. Vale lembrar que, todas as canções apresentadas nessa primeira motivação, levam a uma reflexão e exaltação do ato de estar vivo, e exprimir a necessidade do respeito ao próximo, sobretudo, a si mesmo. Deixamos, quanto a participação, os alunos à vontade para fazerem suas colocações.

Introdução:

Sendo, provavelmente, o primeiro contato dos alunos com a Lygia Fagundes Telles, apresentamos a escritora dos contos selecionados para esse labor. Para esta apresentação, seguimos os parâmetros apresentados por Cosson (2019) que orienta para uma exposição biográfica breve, não enfadonha, sem pormenores.

Primeiro perguntamos se eles já ouviram falar na autora, se a conhecem ou se lembram de ter lido alguma obra sua. Depois a apresentamos em slides, com fotos da autora e breve biografia.

Caso haja, no acervo da biblioteca, exemplar do livro dos textos trabalhados, levamos, do contrário, levamos exemplar (es) que possuímos, no intuito de apresentar a obra física para os alunos e mostrar-lhes de onde são reproduzidas as cópias que lhes serão (nesta e nas próximas oficinas) entregues.

O texto desta oficina é um conto que aborda questões contemporâneas, a exemplo da violência contra mulheres. Incentivamos que, ao final da leitura, os alunos identifiquem outros temas pertinentes ao texto.

Leitura:

Dispomos a turma em situação de roda de conversa. Entregamos, impresso, o conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles (Anexo B). Perguntamos se os alunos já conhecem o texto e quais as estimativas para a leitura. Como se trata do primeiro conto a ser trabalhado, a leitura em voz alta, é realizada pela professora (ou pelo professor) e os alunos acompanharão.

Realizamos um intervalo quando o personagem Ricardo, ao conduzir, dentro de um cemitério, a personagem Raquel, chegam em frente a uma capelinha. Levamos, neste momento, a música “N”, de Nando Reis (Anexo C) para reforçar a ideia de separação, da perda. Comentamos que as perdas e separações são inerentes à vida e que cabe a nós escolhermos a melhor maneira de superar esses desarranjos que quebram uma rotina.

Nando Reis compôs essa música em ocasião de separação da esposa, Vânia, e fala dos sentimentos que afloraram na situação e a esperança de um reencontro. Depois de apresentada a música, os alunos são motivados a expressar o que eles esperam de um final de relacionamento. Pedimos que se coloquem em posição de personagens que tiveram seus relacionamentos interrompidos por parte dos parceiros e perguntamos o que eles fariam quanto ao término. Anotamos, ao escutar, no quadro branco, algumas dessas impressões para posteriores comentários e considerações.

Voltamos ao texto e, finalizada a leitura, perguntamos se havia muitas palavras desconhecidas no texto, e mesmo com as palavras desconhecidas, se essas os impediram de compreender o texto. Orientamos que, muitas vezes, ao ler um texto, encontramos palavras desconhecidas, mas, em muitos momentos, mesmo não conhecendo determinadas expressões, compreendemos o texto

pelo contexto, porém, se assim não for possível, necessitamos recorrer ao dicionário para saber/entender o significado das palavras desconhecidas.

Interpretação:

Os alunos são suscitados a transmitir, oralmente, suas impressões sobre a história que o conto narra. Perguntamos a opinião dos alunos frente ao posicionamento do personagem (se, por exemplo, este se sentia traído) e ao desfecho do conto. Comparamos as atitudes de Ricardo (personagem do conto) com as apresentadas na música e com as deles, já anotadas no quadro branco, durante o intervalo. Essa atividade nos possibilita construir sentido para o conto lido ao associar este com a música e seus posicionamentos. Nesse momento, além de estarmos ativando seus conhecimentos prévios, mostramos aos discentes que a literatura é arte que dialoga com a realidade, com uma linguagem conotativa. E para que eles percebam a linguagem conotativa, chamaremos atenção para o título e perguntaremos:

- Ao convidar Raquel para ver o pôr do sol, o que realmente Ricardo gostaria que ela visse?

Imaginando que os alunos perceberão que Raquel fora presenciar o final da própria vida, mostramos a relação de duplicidade de sentido que a autora faz entre “pôr do sol” com “fim da vida”.

Após esses comentários, ressaltamos as duas primeiras características do gênero conto: seu caráter narrativo (o enredo) e os personagens.

Solicitamos que todos os comentários produzidos oralmente, durante a oficina, a partir do intervalo, também sejam registrados nos diários de leitura. Procuramos deixá-los bem à vontade para essa primeira produção textual, pois, para essa primeira oficina, primamos por ampliar as habilidades orais, em detrimento da escrita, e por conduzi-los ao diálogo reflexivo, de maneira a não suscitar constrangimentos, até mesmo para o bom fluir das atividades nas próximas oficinas.

2ª Oficina “Natal na barca” (7 aulas)

Objetivos

Fomentar análises sobre o amor, a fé, a esperança, como aspectos sociais;
Propor leitura silenciosa intuindo oportunizar maior interação entre aluno e obra literária;
Favorecer um diálogo reflexivo entre alunos e literatura através da oralidade e escrita;
Exercitar o conhecimento sobre algumas características do conto: foco narrativo, cenário e clímax.

Motivação:

Intuindo prover emoção na leitura do texto literário que será trabalhado nesta segunda oficina, trataremos do amor, de fé, de esperança.

Como motivação, trazemos o poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes (Anexo D), e relevamos que ele fala de afeto, de entrega nos relacionamentos amorosos, dos conflitos amorosos e conduzimos para um diálogo no qual os alunos percebam que o ideal, enquanto estamos em convívio a dois, é aproveitar desse amor enquanto ele durar, zelar o amor, pois, para tudo há um princípio e um fim.

Ouvimos as considerações dos alunos sobre o poema e os temas que estarão enfatizados nesta oficina.

Introdução:

Como a autora já fora apresentada, utilizamos esse momento para pesquisar se o texto já é conhecido por eles e quais as expectativas dos alunos para esse próximo conto. Relembrando que buscamos nos textos da autora, tratar de assuntos sociais que nos levem a reflexões sobre as perdas concernentes a vida.

Leitura:

Entregamos o texto “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles (Anexo E), impresso e, dessa vez, propomos uma primeira leitura silenciosa.

Pedimos que façam uma pausa (intervalo) ao chegarem na parte do texto em que, a mulher (personagem) que estava na barca, conta que fora abandonada pelo marido. Perguntaremos, com a intenção de saber se a leitura do texto está fluindo:

- Até o momento, a leitura do texto está sendo agradável?
- Até então, conseguiram estabelecer alguma relação entre título e conto?
- Já há pistas de que a narração é feita por um personagem. Esse personagem é homem ou mulher?

Essa última pergunta servirá também para, na interpretação, tratar sobre foco narrativo.

Após as respostas, talvez os alunos não sejam unanimemente cristãos, mas certamente creem no amor, na esperança. Portanto, levamos uma canção que fala do amor, da entrega de Cristo por amor a nós. Acreditamos (de acordo com experiências vividas) que falar no incomparável amor de Cristo por nós, fortalece os indivíduos nos momentos de angústia e transmite paz. A música é “Bem mais do que tudo” (Anexo F), interpretado por Aline Barros.

Prosseguindo com o intervalo e após as considerações sobre a música, solicitamos que os alunos escrevam um final alternativo para o conto, em seus diários de leitura. Requisitamos que sejam coerentes com o que foi lido até o momento e certamente teremos textos com reflexos das vivências dos alunos.

Retornamos à leitura do texto.

Interpretação:

Para interpretação desta segunda oficina, temos os finais alternativos já solicitados e registrados nos diários de leitura.

Debatemos sobre o final da narrativa comparando-o com os finais alternativos produzidos pelos alunos, tentando estabelecer algumas diferenças e semelhanças entre os finais.

Para adentrarmos nas reflexões sobre foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa), elemento estrutural do gênero conto, perguntaremos:

- No conto lido, o narrador apenas conta a história, ou também dela participa?

Durante as discussões, abordamos também o cenário, nas quais os alunos farão descrições do ambiente onde ocorre a narrativa. Para isso, questionaremos:

- Descrevam o ambiente onde ocorre a narrativa.

- Há relação entre o estado de espírito do narrador-personagem e cenário descrito? Explique.

Para saber se os alunos percebem o momento do clímax no texto e realizem suas considerações finais, indagaremos:

- Qual momento, no texto, gerou maior expectativa?
- Além de ter sido abandonada pelo marido, a mulher (personagem) que estava na barca, sofreu mais algum tipo de perda?
- O fato de o menino estar vivo, sem febre, seria um milagre de natal?
- Isso transmitiria alguma lição à narradora-personagem, ou seja, um milagre também aconteceria em sua vida, o de começar a crer?
- No início da narrativa, a que imagem nos remete, a descrição feita pela narradora com relação a mulher com manta e criança no colo?
- E você, tem fé em algo? Em quê?

3ª Oficina “Biruta” (6 aulas)

Objetivo

Provocar, a partir das análises acerca do tratamento relativo à criança e ao animal, outras reflexões, conforme o fluir das ideias dos alunos;

Propor leitura literária extra classe e disponibilizar e/ou sugerir outras leituras para ampliar, um pouco mais, o repertório de leitura dos alunos;

Assegurar interação reflexiva entre alunos e literatura através da oralidade e escrita;

Exercitar o conhecimento sobre o tempo, elemento característico do conto.

Motivação:

Nessa oficina abordamos as perdas no que tange ao abandono e maus tratos de criança e animais. Lembrando que outros temas (perdas) poderão ser elencados pelos alunos, conforme suas interpretações à leitura do conto.

Conversamos com os estudantes sobre as divergências entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. Para esta conversa, perguntaremos aos alunos:

- Vocês já refletiram sobre as mudanças de comportamento durante as mudanças das fases de faixas etárias?
- Visto que vocês já passaram da fase infantil e, em breve, chegarão à fase adulta, enquanto adolescentes, o que vocês consideram como quesito necessário para se chegar à maturidade?
- Se vocês pudessem regressar ao passado, mudariam algo? O quê?

Introdução:

Entregar os livros ou texto impresso do conto “Biruta”, de Lygia Fagundes Telles (Anexo G), aos alunos e os convidar a realizar a leitura do texto em casa, estabelecendo prazo, para a leitura, até o próximo encontro.

Caso seja um livro, o material já entregue, e em se tratando de uma coletânea, outros contos estarão à disponibilidade dos discentes, indicar que outras leituras, conforme desejo individual, poderão ser realizadas nesta ou até mesmo em outra ocasião. Caso a situação não seja a descrita anteriormente, e os alunos não possuam em mãos a disponibilidade de contato com outros textos, é cabível a professora, ou ao professor, ofertar sugestões de outras leituras.

Leitura:

Para esse momento, espera-se que os alunos tenham realizado as leituras em seus contextos extraclasse. Para sondar suas leituras e levá-los a uma discussão, perguntaremos:

- Gostaram do conto?
- Quem são os personagens do conto? Analise cada um.
- O que mais chamou atenção na história lida?
- Por que o personagem desejava o crescimento acelerado do seu cão?
- Por que Biruta era tão importante para Alonso?
- O que você faria por uma amizade?
- Na casa de D. Zulu, o menino exercia trabalhos domésticos. Você julga isso correto? Por quê?
- No conto encontramos características que remetem a reflexões sobre as desigualdades sociais? Comente.

As respostas são realizadas em uma roda de conversa, oralmente e o/a docente oportunizará esse momento para dialogar sobre as diferenças referentes a privilégios ou limitações praticados ou sofridos por grupos sociais.

Realizamos um intervalo principiando pela exibição do vídeo, curta metragem, “O cão abandonado”¹. Acreditamos que essa atividade tem relação com o texto lido e provocará reflexões acerca das crueldades atreladas aos animais. Pedimos que essas reflexões sejam externadas por parte dos alunos.

Interpretação:

Para compor esse momento, faremos perguntas:

- Há alguma ação narrada no conto da qual você discorda? Qual? Como você agiria?
- Você conhece história parecida com a do conto? Narre.
- Você mudaria o final da história? Como seria?

Pedimos que os alunos anotem suas respostas nos diários de leitura. Após isso, em uma roda de conversa, socializamos as respostas e buscamos estabelecer elos entre as respostas oferecidas no momento da motivação com as respostas desse momento.

Depois disso, momento de trabalhar com os elementos do conto e, dessa vez, o tempo. Indagaremos:

- No texto, há alguma referência de quando ocorrem os acontecimentos?

Para finalizar essa oficina, perguntaremos:

- Como foi ler em casa?
- Vocês recomendariam esse texto a alguém?
- De alguma forma, esse conto, contribuiu para sua vida ou para sua aprendizagem? Se sim, de que forma?

Se algum livro fora emprestado, esse é o momento em que podemos perguntar também se realizaram a leitura de algum outro conto do livro e, caso a resposta seja positiva, pedimos para compartilhar a leitura.

Independente de terem experimentado outra leitura, indicamos mais uma.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rFiZEm0ww8k>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

4ª Oficina “O menino” (10 aulas)

Objetivos

Reaver alguns temas já debatidos, nas oficinas anteriores, para aprofundamento das reflexões;

Realizar leitura literária coletiva, compartilhada e dinâmica;

Estabelecer diálogo entre texto literário e percepções adquiridas pelos alunos;

Executar uma súmula geral dos elementos característicos do gênero conto.

Retomaremos a temática “traição” aportada, sutilmente, na primeira oficina e trataremos sobre como são administradas as situações de adultério. A persistência do tema é reflexo das percepções, enquanto professores, da veemência do assunto nos diálogos cotidianos dos nossos discentes.

Motivação:

Para esta última oficina, traremos o vídeo, animação, “O valor da família”². Após a exibição do vídeo, conduzimos às reflexões sobre a importância dos laços familiares, independentes desses laços serem biológicos ou afetivos (adotivos), sempre têm sido base para a vida. Errando ou acertando, a família é quem primeiro contribui para nosso desenvolvimento. A trajetória que cada um seguirá dependerá de seus discernimentos. Pensaremos nas seguintes indagações:

- Que tipo de ser humano sou?
- Que tipo de ser humano poderia ser?
- Que tipo de ser humano pretendo deixar no mundo?

Exaltamos que, acima de tudo, o respeito é um princípio indispensável para os vínculos interpessoais.

Introdução:

Acreditando que já haja iminência entre leitores e texto literário, aproximação entre os colegas participantes e um bom caminhar no desenvolvimento da oralidade, introduzimos a leitura do conto com

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGpRtKXi_2E>. Acesso em: 20 fev. 2021.

questionamentos, a serem respondidos nos diários de leitura e, em seguida, compartilhado. Questionaremos:

- O que vocês pensam sobre o adultério?
- Quais são suas expectativas para esse último conto?

O compartilhar das respostas escritas nos diários são realizados em uma roda de conversa.

Leitura:

Ainda em roda de conversa, entregamos o conto “O menino”, de Lygia Fagundes Telles (Anexo H) impresso e, para iniciar nosso diálogo sobre a leitura do conto, perguntaremos:

- Que tipo de narrativa o título sugere?

Momento da leitura do texto, realizamos uma leitura em voz alta para a turma, de forma coletiva e compartilhada.

No intervalo, exibimos o filme “Lisbela e o prisioneiro”, de Guel Arraes, comédia romântica baseada no livro de Osman Lins. Após a exibição do filme, interrogaremos:

- Qual é o tema do filme?
- Esperamos que eles falem em adultério e interrogaremos:
- Quanto ao adultério, há alguma pressão, por parte da sociedade, sobre os homens traídos para que tomem uma atitude?
 - A pressão social pode levar a uma tragédia?
 - Você conhece algum caso dessa natureza?
 - E quando o adultério é praticado por uma mulher, o que se pensa dela?

Diante de perguntas e repostas, dialogamos sobre o assunto e, após isso, retornamos ao texto para finalizar a leitura.

Interpretação:

Nesse momento, investigamos as opiniões prévias sobre o título, o que esperavam do texto ao refletir apenas sobre o título. Perguntaremos:

- Título e narração têm relação?
- Que outro título você atribuiria ao texto?
- Durante a leitura, tivemos pistas do desfecho?

- O menino, personagem, vai feliz ao cinema. A felicidade é a mesma no retorno à casa? Por quê?
- Você acha que o menino sofre de complexo de Édipo? (caso os alunos não saibam do que se trata, explicaremos)
- Em algum momento, você percebe que a mãe mentiu para o filho? Relate.
- Analisando a personagem mãe, como ser humano, que erra, mente, não é perfeita; quais as suas opiniões sobre o que foi narrado?

Todas as respostas às perguntas desse passo são registradas nos diários de leitura.

Após as reflexões realizadas a partir das respostas acima, fazemos, através das perguntas abaixo, um compêndio geral dos elementos narrativos abordados nas outras oficinas.

- Que tipo de cenário encontramos no conto?
- Descreva os personagens da narrativa.
- Que descrição de tempo inferimos do texto?
- Identifique o momento do clímax na narrativa.

Ponto de chegada (6 aulas)

Objetivos

Estimular produção escrita de um conto, conforme projeção da proposta, associadas aos pontos de vista dialogados;

Encorajar a participação dos alunos indicando seus papéis de protagonistas da proposta;

Socializar as produções com a comunidade escolar.

Por compreendermos que esse trabalho iniciará com a intervenção, todavia permanecerá na vida dos nossos proeminentes futuros leitores, o ponto de chegada é o nosso momento final, porém desejando ser um exercício inacabado na vida leitora dos nossos alunos.

Pedimos para que os alunos produzam uma narrativa ficcional curta, projetando suas subjetividades na escrita, dando ênfase, nas construções, aos elementos do gênero. Orientaremos que poderão fazer uso de quaisquer

temáticas aportadas ou até mesmo de temáticas que, porventura, não foram citadas, mas que sejam de interesse pessoal do aluno destacar.

Organizamos, juntos e em acordo com os alunos, uma exposição para compartilhar o trabalho realizado. Essa exposição poderá compor uma atividade já planejada pela escola ou, caso não haja uma no período, será planejada por todos, especificamente para esse fim, podendo ser, por exemplo, uma mostra literária. Ainda na seara das sugestões, os trabalhos produzidos podem ser expostos em mostras pedagógicas realizadas para comunidade escolar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planejada em um contexto bastante conturbado mediante uma pandemia, tivemos que adaptar nossa dissertação às nossas condições reais e atuais. Inicialmente (e conforme o então recomendado) ansiávamos lançar uma proposta que contemplasse aplicação, numa turma de 9º ano, de ensino fundamental, em uma escola estadual específica, na qual pudéssemos, experienciar, junto aos alunos e demais membros escolares, o exercício da leitura literária. Infelizmente a aplicabilidade não fora possível e mesmo assim fomos apaziguados pela ideia de manter o trabalho como uma proposta de intervenção que, pautado em contexto genuíno de experiências anteriores, registram ações que podem ser aplicadas futuramente por nós e por qualquer docente que se disponibilize a realizá-lo.

Essa proposta de intervenção reúne leituras e estratégias pedagógicas que podem e devem ser aprimoradas e adaptadas de acordo com a realidade de cada mediador e seus discentes. É um material oferecido para construção de saberes. É um recurso para outras e novas discussões que surgirão através dos profissionais da educação e da escola como um todo.

Aqui disponibilizamos oficinas objetivando a formação de leitores literários. Nelas depositamos atividades com metodologias ativas, nas quais os alunos, mediados por seus professores, poderão mostrar, com vigor, as características de atores principais, que de fato os são, em direção ao conhecimento.

Como resultado da pesquisa veio a produção do “Caderno de Itinerário para leitura literária” que propiciou oferecermos aos docentes um caminho mais interativo, ágil e dinâmico, de desenvolvimento das oficinas.

Trouxemos para as oficinas o gênero conto, pois acreditamos em seu potencial qualitativo. O gênero, todos os outros instrumentos utilizados, problematizações, sugestões e atividades propostas, proporcionarão mais comunicação entre os participantes das oficinas e das leituras literárias, e relevam o prezar que temos por constantes análises acerca do letramento literário. E, nas nossas reflexões, asseveramos que, para que a leitura literária se concretize, é indispensável adequá-la a situações reais que confluirão em diálogos que terão reflexos no contexto da escola e extraescolar.

Diante do panorama atual, refletimos que dificuldades sempre pairarão, sobretudo nas nossas escolas, todavia, não podem limitar nossas atuações, pois, com docentes dispostos, trabalhos bem planejados, nenhum texto será intransponível. E podemos pensar que, mais que formando leitores, estamos comutando pontos de vista, proporcionando prazer estético e formando humanos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. 2ª reimpressão. Ed.UNESP, 2006.
- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2009.
- BARBIER, R. **A pesquisa ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, 2017.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CORTÁZAR, Júlio. **Obra crítica 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- DESLANDES, S. F.; GOMES R.; MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 28 ed. São Paulo: VOZES, 2009.
- EITERER, C. L. et al. **Metodologia de pesquisa em educação**. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2010.
- ESTEBAN, E. PAZ, M. **Pesquisa Qualitativa**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Aveiro: Universidade de Aveiro, CIFOP, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Leitura**: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2001

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KUPSTAS, Marcia; CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Literatura, arte e cultura**. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ªed. São Paulo: Editora Ática, 2002.ok

LEFFA, Vilson J. **O ensino da leitura e produção textual**: Alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999.

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras**: A introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MICHEL, T. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa 1. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção daroda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**. v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: Formas breves. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras** impasses e alternativas no trabalho do professor. 1ª ed. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. aum. São Paulo: Cortez, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura da literatura**. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibplex, 2012.

APÊNDICES

Apêndice A - CADERNO DE ITINERÁRIO PARA LEITURA LITERÁRIA

**DAS PERDAS AFETIVAS AOS GANHOS REFLEXIVOS:
LETRAMENTO E FORMAÇÃO LEITORA COM CONTOS
DE
LYGIA FAGUNDES TELLES**

Caderno de itinerário para leitura literária



Jurema Avelino de Almeida

Vanessa Dias 2021



Knollys, D. 2017

A
p
r
e
s
e
n
t
a
ç
ã
o

Desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Letras- Profletras, da Universidade Federal da Paraíba, este caderno de itinerário para leitura literária emanou da dissertação da mestra Jurema Avelino de Almeida, título **DAS PERDAS AFETIVAS AOS GANHOS REFLEXIVOS: LETRAMENTO E FORMAÇÃO LEITORA COM CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES**, orientada pelo professor Dr. ° Hermano de França Rodrigues.

Aqui encontrar-se-á um roteiro de aulas, com quatro oficinas e com sugestões para o desenvolvimento de um trabalho com literatura, em turmas de 9º ano de ensino fundamental. O objetivo é de disponibilizar meios que possam auxiliar na mediação para o exercício do letramento literário realizado no ambiente escolar.



ÍNDICE



Palavras iniciais	5
Ponto de partida	11
1ª Oficina “Venha ver o pôr do sol”	21
2ª Oficina “Natal na barca”	33
3ª Oficina “Biruta”	43
4ª Oficina “O menino”	53
Ponto de chegada	62
Palavras finais	66
Referências	68
Anexos	69
-Venha ver o pôr-do-sol	
-Natal na barca	
-Biruta	
-O menino	



PALAVRAS INICIAIS

O letramento literário não se realiza só na escola, mas é lá que se inicia. A escola é responsável por trazer para o seu ambiente temas que pretendam formar seres sociais conscientes e críticos, formar leitores, e por despertar empatia pelos textos.

Para Colomer (2007), o leitor em formação é um ser em processo constante de elaboração, é um cidadão problematizador e receptivo às modificações. O leitor competente é aquele que sabe criar significação para o que leu e levará sua aprendizagem para seus hábitos sociais.

Dessa forma, e, refletindo num processo inicial de leitura literária, para estimular o gosto pela leitura, nós professores e professoras, precisamos escolher textos amparados na atualidade e interessantes aos alunos, que dialoguem com a vida deles e, só depois que superadas essas esperanças de cumplicidade com suas experiências, levamos, aos discentes, novas experiências, descobrimentos (COSSON, 2019).

Diante disso, trouxemos o gênero conto. Constatamos sua capacidade de proporcionar excelentes resultados no exercício da leitura literária. É uma narrativa de curta extensão, estrutura própria e complexa, porém harmoniosa e fechada; registra a totalidade da vida co-



mo uma mostra, repleto de representatividade (MOISÉS, 2006; SOARES, 2007). Numa perspectiva metafórica, o conto relata duas narrativas: uma é a do contista, aquela que fica evidente; a outra sigilosa, que pode revelar-se (ou não) ao final do conto (PIGLIA, 2004).

Os contos, portanto, selecionados para o despertar da competência leitora, foram: *Venha ver o pôr do sol*, *Natal na barca*, *Biruta* e *O menino*, de Lygia Fagundes Telles. A autora, apesar de contemporânea, traz em seus textos a estrutura tradicional do conto. A escritora tem características de estimular os sentimentos, despertar no leitor afeto, revolta, indignação, solidariedade.

Nesses contos, encontramos abordagens conexas às vivências de muitos alunos (em especial, alunos de faixa etária equivalente ao 9º ano do ensino fundamental). Neles enfocamos as perdas nas relações familiares e sociais e as utilizamos como temas norteadores para realização desta proposta. Essas perdas apresentam-se em aspectos variados, a citar: violência contra a mulher, feminicídio; abandono e maus tratos à criança. Associados a isso, e entre outros que possam surgir durante a aplicação, abordamos também, a violência autoprovocada, adultério, preconceito, abandono e maus tratos animais. Trata-se de temas que têm relação com o usufruto da vida. Dentre esses e outros que porventura possam fazer parte do ambiente familiar e social do estudante, referimo-nos, então, à dificuldade que



esses adolescentes têm apresentado em lidar com esses desagrados vitais.

As perdas nos contos escolhidos servem, não de exemplo aos seus futuros leitores, mas, assim como encontrarmos uma conexão entre as vidas narradas neles, certamente os estudantes também o farão. Estimularemos, nas oficinas de letramento literário, a fazerem reflexões sobre essas perdas, a concluir que são inerentes à vida, que muitas delas são inevitáveis, mas essenciais para que possamos sempre nos renovar dentro dessa vida cíclica.

Essa faixa etária dos nossos alunos, equivale a veementes mudanças sentimentais, biológicas e sociais. São adolescentes que buscam expandir suas relações afetivas, são indivíduos em eclosão e que, portanto, exigem atividades institucionais atípicas (BNCC, 2017). Seus diálogos são frequentemente compostos por questões voltadas a, por exemplo, relacionamentos amorosos, traição, suicídio, preconceito.

É muito comum nessa fase a necessidade do imediatismo, a efemeridade e a violência. Quanto à violência, “é preciso considerar a necessidade de desnaturalizar qualquer forma de violência nas sociedades contemporâneas” (BRASIL, 2017, p. 59).

Por isso, ressaltamos a importância da escola nesse processo de formação do leitor. É na escola, nos trabalhos com a literatura, utilizando de estratégias planejadas e sistema-



tizadas, fazendo os sujeitos encontrarem consigo mesmos e com o mundo, é que as pessoas vão se tornando protagonistas da sua vida em sociedade.

Mobilizar os discentes ao encontro com a literatura está para além de ser parte um conteúdo obrigatório nas aulas de língua portuguesa. A literatura é um direito indispensável ao ser humano, uma urgência vital e universal de todo indivíduo e se articula com momentos e ações da vida; é estabilidade social e tem poder de instruir e educar (CANDIDO, 1995). E nada pode tirar o prazer pela literatura.

Neste caderno pedagógico expomos, por etapas, oficinas práticas para uma intervenção de letramento literário no contexto escolar. Preliminar às oficinas, preparamos uma ação diagnóstica, uma primeira etapa das atividades, denominada como “Ponto de Partida”. As oficinas têm como procedimento a sequência básica proposta por Cosson (2019): Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação. Encerramos com o “Ponto de Chegada” e contamos com o diário de leitura, como objeto de registro escrito das atividades concretizadas.

A Motivação é a primeira etapa, antes de realmente se chegar ao texto, é quem dá sentido à atividade de leitura e fomenta o interesse do leitor. Cosson (2019) elenca várias razões para o uso das atividades de motivação, dentre elas, visualizar nela a criatividade em interagir com as palavras, conectando com as esferas da ficção e preparando os caminhos para a leitura literária. Aliás, por sua na-



turalidade, a motivação é exatamente uma preparação, é o antecipar favorável ao processo de leitura.

A Introdução é o momento de apresentar, sucintamente, autor e obra, justificar a seleção e relatar a relevância dela, para aquele acontecimento (COSSON, 2019). A intenção é que os alunos recebam, com esmero, o texto a ser trabalhado.

A Leitura compreende a ação de ler, no contexto escolar, ou em casa, com direcionamentos. Nesse processo, durante as leituras, realizam-se intervalos que tem como intenção oportunizar que os alunos exponham os efeitos da leitura do texto e, à luz deste, garantir outras informações, fazendo desses momentos de leitura, únicos (COSSON, 2019).

A Interpretação é a ocasião pós leitura. Momento de propagar e expandir os conhecimentos ora adquiridos individualmente; de construção de sentido sobre tudo que foi trabalhado. Espera-se que, além das trocas de leituras, tanto as realizadas em sala, quanto as sugeridas, ocorram e, para registrar e externalizar impressões dos discentes, reflexões e inquietações acerca das abordagens, recomendamos (nesta proposta), produzir um diário de leitura (COSSON, 2019).

O diário de leitura é, na propositura de intervenção, utilizado/preenchido por cada aluno, a cada texto trabalhado. Nos registros dos diários de leitura, não há pretensão de encontrar um escritor nato, mas que os alunos ativem seus conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos a cada caminhar de



constituição do projeto. Nele, por seu caráter maleável, os alunos refletirão suas impressões, análises, entendimentos sobre os contos lidos_ e dos demais suportes utilizados também_ e ainda terão oportunidade de estar em contato com outro gênero textual (MACHADO, 1998).

Durante o desenvolvimento da proposta, colocamos mediador/ mediadora e estudante em situações de diálogos, com interrogações efetuadas diretamente aos educandos, em rodas de conversa, para melhor interagirem e discutirem questões referentes às leituras literárias.

Nas atividades da propositura adiante, disponibilizamos subsídios textuais para produção de *slides* e recomendações de outras leituras. Essas informações encontrar-se-ão no item denominado "*Sugerindo...*". Quanto às músicas, aos textos e aos vídeos, ofertamos em *link* e *QR code*. Caso opte pelo *QR code*, o/a professor/professora deverá instalar o leitor de *QR code* para rápido acesso. Alguns textos estarão, também, em anexo. Oferecemos, igualmente, objetivos atrelados às práticas das oficinas e, para cada uma, estimativas de carga horária para o desenvolvimento. Por fim, e ainda sobre as ações, com vistas a proporcionar reflexões, elaboramos perguntas para que, durante as respostas, os/as agentes participantes do letramento literário e seus mediadores/as, possam dialogar, e se posicionarem diante dos temas propostos e de outros que , porventura, possam surgir.



OBJETIVOS

4

1. Conhecer e/ou resgatar as experiências prévias dos leitores;

a

u

l

a

s

2. Despertar a curiosidade dos alunos para os futuros exercícios (oficinas) de letramento literário;

3. Apresentar a proposta de letramento literário e o gênero conto.

Como ponto de partida, fazer uma atividade diagnóstica. Para este procedimento o aluno responderá a uma ficha-questionário pessoal de leitura, a qual nomeamos como **MEU PERFIL LEITOR/A**.

A ficha-questionário deverá ser entregue a cada aluno, impressa. Nela, o discente poderá traçar um perfil e registrar suas experiências prévias de leitor. Ao entregar a ficha-questionário, explica-se que o propósito do preenchimento é o de conhecer melhor suas preferências e costumes, enquanto leitores, assim como também, os conhecimentos que possuem sobre literatura e sobre o gênero selecionado para o trabalho de letramento literário.



Meu Perfil Leitor/a

Meu nome é: _____

Minha idade é: _____ Resido no município de: _____

Minhas preferências por leitura são: _____

As lembranças que possuo como leitor são: _____

Tive dificuldade em compreender algum texto? _____

Que importância isso tem para minha vida? _____

Identifiquei-me com alguma história? _____

Já li algum texto do gênero Conto? _____

Depois de respondidas as fichas-questionários, solicita-se que os alunos socializem, em uma roda de conversa, suas respostas. Independente das respostas relatadas, a cada oficina porvir, perguntar se os alunos conhecem a obra apresentada e suas expectativas ao texto que será lido.

Pedir que os alunos, caso já tenham lido algum conto, narrem a história, com o intuito de resgatar seus conhecimentos prévios.

Este processo incipiente, de sondagem, ajudará a ativar as memórias literárias dos discentes e, certamente, despertará a curiosidade para os trabalhos vindouros.

Posteriormente, apresentar a proposta de letramento literário, através de slides, expondo: os objetivos pretendidos; os contos selecionados e os temas abordados; o gênero, suas características e estrutura. Na sequência de sugestões, texto que pode compor os slides.

Sugerindo...

Objetivos pretendidos

Geral: Promover, através do gênero conto, o conhecimento de sua estrutura básica e ações de letramento literário na escola, com vistas à formação de leitores críticos e cômicos de sua realidade subjetiva e social.

Específicos: Intermediar o letramento literário através dos contos "Venha ver o pôr do sol", "Natal na barca", "Biruta" e "O menino", de Lygia Fagundes Telles, mantendo a integridade dos textos, fazendo-os circular, acessível e coletivamente por nossos estudantes; Oportunizar diálogos entre as leituras literárias que agregam temas com aspectos de perdas diversas e que possuem nexos com as perspectivas dos nossos estudantes; Proporcionar, através dos contos selecionados, leitura compartilhada, prazerosa e reflexiva, como uma prática social e dever da escola, explorando a potência que a literatura tem de nos humanizar e de nos conectar com a vida e com o mundo.

Sugerindo...

Os contos selecionados

Venha ver o pôr do sol, conta a história (que se passa em um cemitério) de Ricardo que, inconformado com o fim do namoro com Raquel, resolve se vingar e trancá-la em uma tumba abandonada. Nessa narrativa, abordaremos assuntos do tipo, por exemplo, vingança, traição, como reagir ao término da relação entre indivíduos, trazer à tona o que há de profundo nos sentimentos humanos.

Em *Natal na barca* nos deparamos com temas relacionados à solidão, perdas, dores, mas, contrapostos a isso, confiança, força, fé e a paciência prevalecem. A narrativa se passa em uma barca, com ambiente fúnebre e entre várias oposições, leva o leitor à interação com os acontecimentos textuais.

No conto *Biruta*, encontramos um personagem órfão, solitário (Alonso) que vive em uma casa onde seu único amigo e companheiro é seu cão (Biruta). Entre as atividades domésticas realizadas na casa, o

Sugerindo...

menino vive apreensivo por causa das traquinagens do seu cachorro. Nesse texto, menino e cão são vítimas de abandono e de outras atitudes (des)humanas.

Em *O menino*, temos dois personagens em destaque, um menino e sua mãe. No início da narrativa, o menino tem grande admiração por sua mãe, como uma figura perfeita. Depois o menino desencanta, perde toda admiração pela mãe. Trata-se de um conto que fala de temas corriqueiros: mudanças de valores, das dissimulações humanas frente à sociedade, de adultério.

O gênero

O conto é uma narrativa curta que, embora apresente várias perspectivas, apresenta um só conflito, e elementos estruturais, como: narrador, enredo, personagem(ns), espaço e tempo.

O narrador é o componente responsável por narrar os fatos. O

Sugerindo...

narrador pode apresentar-se em primeira pessoa e ser do tipo protagonista, secundário ou observador, participando da história. Também pode apresentar-se em terceira pessoa, não participando dos fatos narrados, porém onisciente, conta toda a narrativa com toda percepção dos fatos. No caso dos contos, normalmente encontramos narrativas em terceira pessoa, diretas, breves e com predominância dos discursos diretos (SOARES, 2007).

O enredo são os acontecimentos narrados, consequência das operações dos personagens. Nos textos narrativos, o enredo é ficcional e expõe um momento inaugural, um conflito ou complicação, um clímax e resolução do conflito, também conhecido como desfecho (SOARES, 2007). Nos contos, o conflito é linear e facilmente percebido.

Os personagens são os seres que participam da narrativa. Existem os do tipo principal ou protagonista (com funções essenciais no enredo) e os secundários. Nos contos há pouca quantidade de personagens.

O espaço, também conhecido como cenário, é responsável pelo

Sugerindo...

desenvolver das ações praticadas pelos personagens. Pode ser físico ou psicológico. Considerado elemento básico para que a ação ocorra, é indispensável, pois influencia, aliado ao tempo, diretamente no desenvolvimento dos acontecimentos (SOARES, 2007).

O tempo é a apresentação durabilidade da narrativa. Pode ser cronológico ou psicológico. Quando psicológico, é subjetivo e retrata o estado de espírito dos personagens. No gênero conto, o tempo, geralmente, é o momento atual e ocorre de maneira curta nos fatos narrados.



OBJETIVOS

8

a

u

l

a

s

1. Promover reflexões acerca da vida, exaltando-a, relevando a importância do respeito a si mesmo e a outrem;
2. Apresentar a autora, Lygia Fagundes Telles, e os contos selecionados;
3. Exercitar o conhecimento sobre algumas características do conto: seu caráter narrativo e personagens;
4. Proporcionar um diálogo dos alunos com a literatura, priorizando suas habilidades orais.

Motivação

Para esta primeira oficina do trabalho, levar músicas. Começar com a música *O sol nascerá*, samba de Cartola e Elton Medeiros, 1974, interpretada por Zeca Pagodinho e Teresa Cristina, que induzirá os alunos a refletir sobre as maravilhas de estar vivo. O uso dos paradoxos e antíteses “sorrir/chorar” e “tempestade/sol” podem nos fazer perceber os momentos passageiros que vivemos, bons ou ruins, sempre têm finais e inícios de novos ciclos.



<https://www.youtube.com/watch?v=sKRGWJiLRE>

O sol nascerá

Autor : Cartola e Elton Medeiros

Intérpretes: Zeca Pagodinho e Teresa Cristina

Comporá também esse momento de motivação a música *Vida é luta*, do Projota, que fala de identidade, de vida de luta, de resistência e capacidade de se recuperar e superar problemas. Também do Projota, apresentar *Canção pro tempo*, que retrata as difi-

cultadas sofridas por um jovem, que fazendo uso do tempo, faz de sua arte, superação.



<https://www.youtube.com/watch?v=yRMbWp9qn-o>

Vida é luta

Autor: Projota

Intérprete: Projota



<https://www.youtube.com/watch?v=0w0qU6zbgZM>

Canção Pro Tempo

Autor: Projota

Intérprete: Projota

Outra canção apresentada será a música *Como uma onda no mar*, de Lulu Santos e Nelson Motta, interpretada por Lulu Santos, que compara a vida, com as idas e vindas infinitas das ondas do mar.



<https://www.youtube.com/watch?v=XFa73hlzR-4>

Como uma onda no mar

Autor: Lulu Santos

Intérprete: Lulu Santos

Por fim, a música *Eu mereço ser feliz*, de Marquinho Índio e André Renato, interpretado pelo cantor Mumuzinho, que versa sobre a importância e o valor da vida e sobre a importância do olhar sobre si mesmo, com carinho e respeito pelo que se é e pelo que se tem.



<https://www.youtube.com/watch?v=QdCd6L0uhcc>

Eu mereço ser feliz

Autor: Marquinho Índio e André Renato

Intérprete: Mumuzinho

Cinco músicas servirão de peças fundamentais para essa motivação. A quantidade extensiva, apenas para essa primeira oficina, justifica-se por interpretarmos que lançam mais impulso à participação da proposta de intervenção. Ao final, estimular os alunos a, oralmente, externarem suas considerações sobre as músicas apresentadas. Vale lembrar que, todas as canções apresentadas nessa primeira motivação, levam a uma reflexão e exaltação do ato de estar vivo, e exprimir a necessidade do respeito ao próximo, sobretudo, a si mesmo. Quanto a participação, é salutar deixar os alunos à vontade para fazerem suas colocações.

Introdução

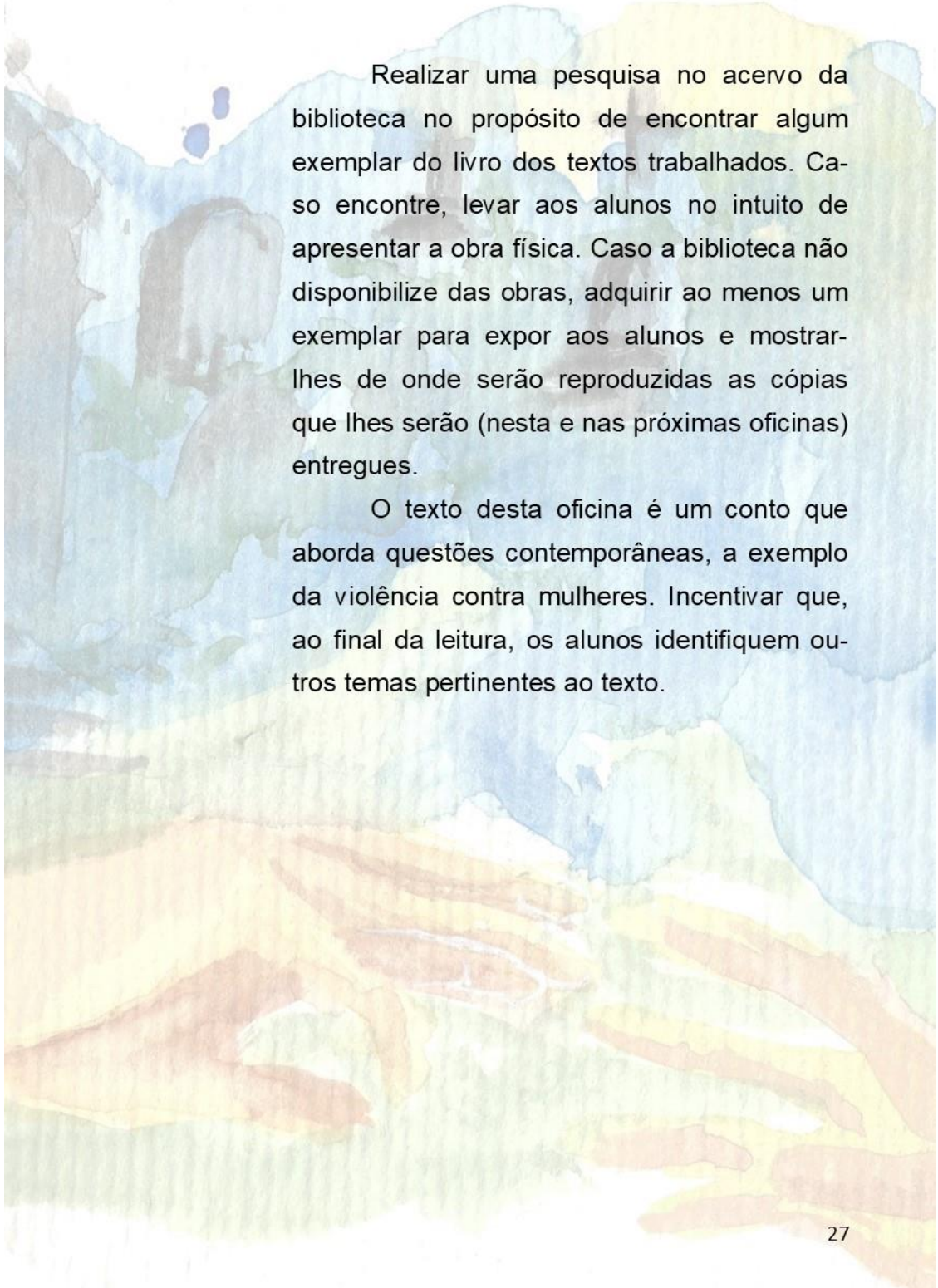
Sendo, provavelmente, o primeiro contato dos alunos com a Lygia Fagundes Telles, apresentar a escritora dos contos selecionados. Para esta apresentação, seguir os parâmetros apresentados por Cosson (2019) que orienta para uma exposição biográfica breve, não enfadonha, sem pormenores.

Sugerindo...

Primeiro perguntar se eles já ouviram falar na autora, se a conhecem ou se lembram de ter lido alguma obra sua. Depois a apresentar em slides, com fotos da autora e breve biografia.

(anexar fotos da autora)

Lygia Fagundes Telles é a autora dos contos selecionados para este projeto de letramento literário. A escritora nasceu na capital de São Paulo, porém, em sua infância, morou em várias cidades do interior do estado, nas quais seu pai desempenhava os ofícios de delegado e promotor público. Formada em Educação Física e em Direito, já na adolescência escrevera seus primeiros contos. Além de contos, tem várias obras publicadas (dentre elas, romances e antologias) e é membro da Academia Brasileira de Letras (BOSI, 2015).

A watercolor illustration in the background of the page. It depicts a person, possibly a woman, standing in a landscape. The person is rendered in soft, blended colors like blue, green, and brown. The landscape features rolling hills or mountains in shades of yellow, orange, and green. The overall style is artistic and painterly, with visible brushstrokes and a soft, ethereal quality.

Realizar uma pesquisa no acervo da biblioteca no propósito de encontrar algum exemplar do livro dos textos trabalhados. Caso encontre, levar aos alunos no intuito de apresentar a obra física. Caso a biblioteca não disponibilize das obras, adquirir ao menos um exemplar para expor aos alunos e mostrá-lhes de onde serão reproduzidas as cópias que lhes serão (nesta e nas próximas oficinas) entregues.

O texto desta oficina é um conto que aborda questões contemporâneas, a exemplo da violência contra mulheres. Incentivar que, ao final da leitura, os alunos identifiquem outros temas pertinentes ao texto.

Leitura

Dispor a turma em situação de roda de conversa. Entregar, impresso, o conto “Venha ver o pôr do sol” (**Anexo A**), de Lygia Fagundes Telles. Perguntar se os alunos já conhecem o texto e quais as estimativas para a leitura. Como se trata do primeiro conto a ser trabalhado, a leitura em voz alta, será realizada pelo/a professor/a e os alunos acompanharão.



[https://
contobrasileiro.com.br/
venha-ver-o-por-do-
sol-conto-de-lygia-
fagundes-telles/](https://contobrasileiro.com.br/venha-ver-o-por-do-sol-conto-de-lygia-fagundes-telles/)

Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Realizar um intervalo quando o personagem Ricardo, ao conduzir, dentro de um cemitério, a personagem Raquel, chegam em frente a uma capelinha. Apresentar a música “N”, de Nando Reis, para reforçar a ideia de separação, da perda. Comentar que as perdas e separações são inerentes à vida e que cabe a nós escolhermos a melhor maneira de superar esses desarranjos que quebram uma rotina.



[https://
www.vagalume.com.br/
nando-reis/n-letras.html](https://www.vagalume.com.br/nando-reis/n-letras.html)

N

Nando Reis

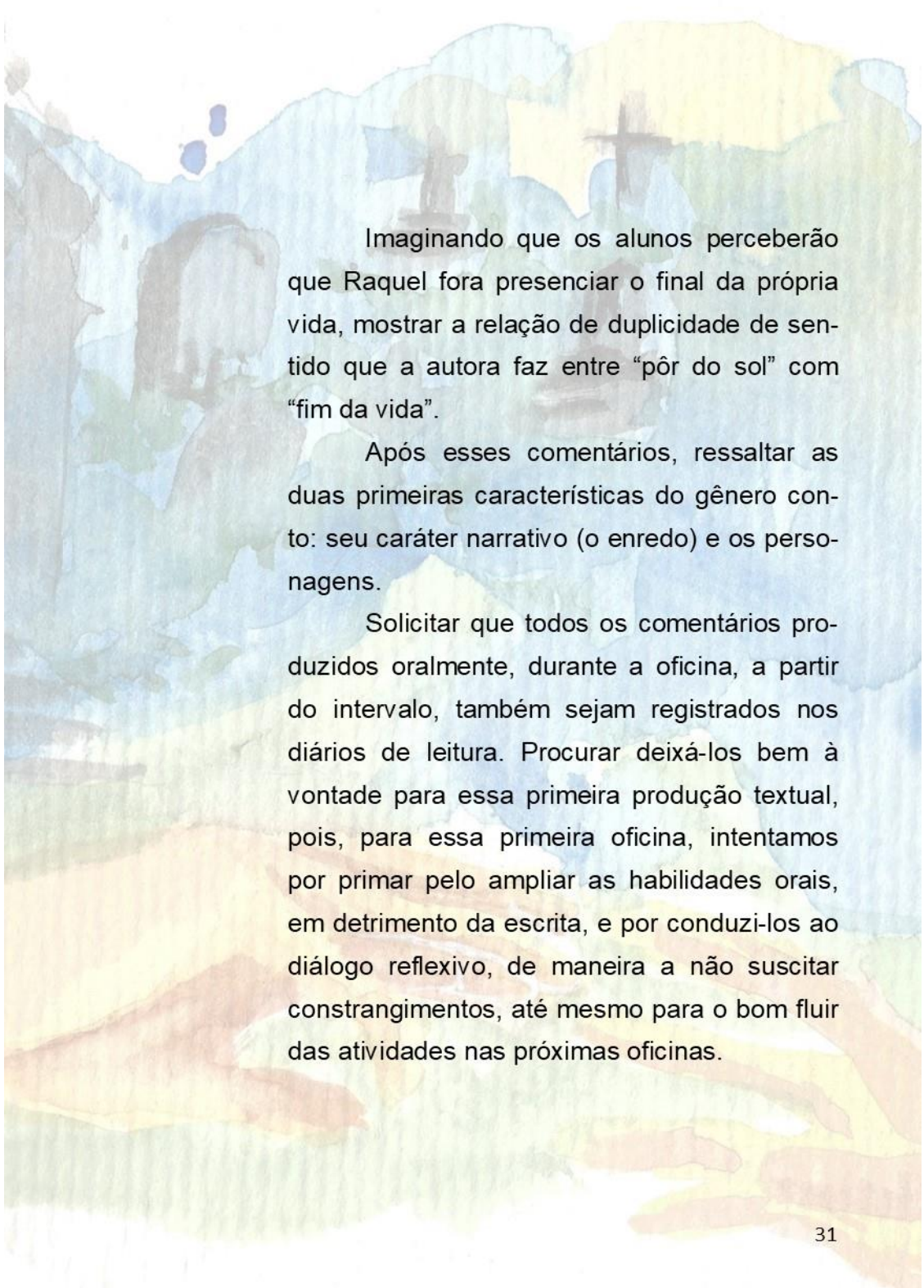
Nando Reis compôs essa música em ocasião de separação da esposa, Vânia, e fala dos sentimentos que afloraram na situação e a esperança de um reencontro. Depois de apresentada a música, os alunos serão motivados a expressar o que eles esperam de um final de relacionamento. Pedir que se coloquem em posição de personagens que tiveram seus relacionamentos interrompidos por parte dos parceiros e perguntar o que eles fariam quanto ao término. Anotar, ao escutar, no quadro branco, algumas dessas impressões para posteriores comentários e considerações.

Voltar ao texto e, finalizada a leitura, perguntar se havia muitas palavras desconhecidas no texto, e mesmo com as palavras desconhecidas, se essas os impediram de compreender o texto. Orientar que, muitas vezes, ao ler um texto, encontramos palavras desconhecidas, mas, em muitos momentos, mesmo não conhecendo determinadas expressões, compreendemos o texto pelo contexto, porém, se assim não for possível, necessitaremos recorrer ao dicionário para saber/entender o significado das palavras desconhecidas.

Interpretação

Os alunos serão suscitados a transmitir, oralmente, suas impressões sobre a história que o conto narra. Perguntar a opinião dos alunos frente ao posicionamento do personagem (se, por exemplo, este se sentia traído) e ao desfecho do conto. Comparar as atitudes de Ricardo (personagem do conto) com as apresentadas na música e com as deles, já anotadas no quadro branco, durante o intervalo. Essa atividade nos possibilita construir sentido para o conto lido ao associar este com a música e seus posicionamentos. Nesse momento, além de estarmos ativando seus conhecimentos prévios, mostramos aos discentes que a literatura é arte que dialoga com a realidade, com uma linguagem conotativa. E para que eles percebam a linguagem conotativa, chamar atenção para o título e perguntar:

Ao convidar Raquel para ver o pôr do sol, o que realmente Ricardo gostaria que ela visse?

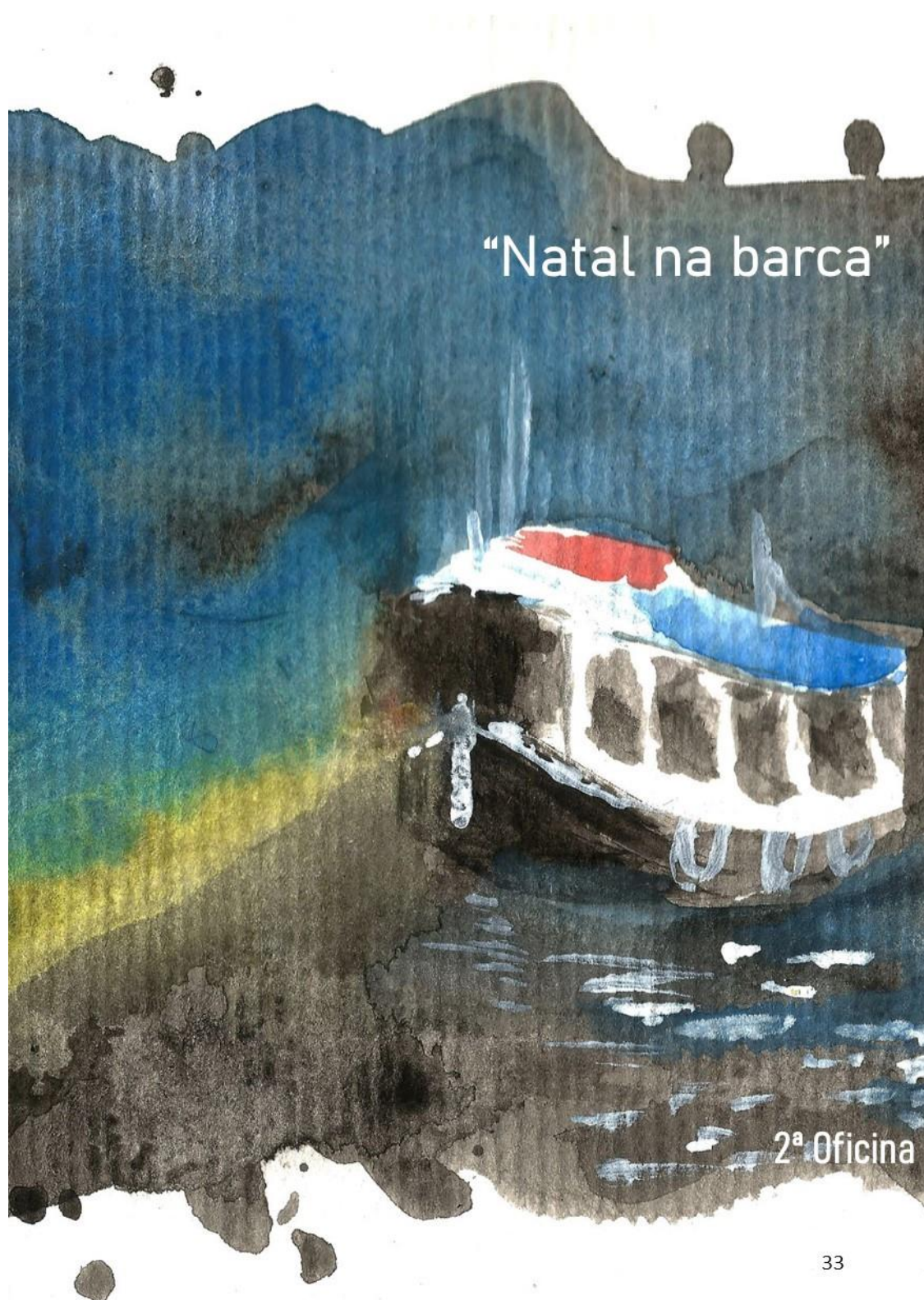


Imaginando que os alunos perceberão que Raquel fora presenciar o final da própria vida, mostrar a relação de duplicidade de sentido que a autora faz entre “pôr do sol” com “fim da vida”.

Após esses comentários, ressaltar as duas primeiras características do gênero conto: seu caráter narrativo (o enredo) e os personagens.

Solicitar que todos os comentários produzidos oralmente, durante a oficina, a partir do intervalo, também sejam registrados nos diários de leitura. Procurar deixá-los bem à vontade para essa primeira produção textual, pois, para essa primeira oficina, intentamos por primar pelo ampliar as habilidades orais, em detrimento da escrita, e por conduzi-los ao diálogo reflexivo, de maneira a não suscitar constrangimentos, até mesmo para o bom fluir das atividades nas próximas oficinas.





OBJETIVOS

7

a

u

l

a

s

1. Fomentar análises sobre o amor, a fé, a esperança, como aspectos sociais;
2. Propor leitura silenciosa intuindo oportunizar maior interação entre aluno e obra literária;
3. Favorecer um diálogo reflexivo entre alunos e literatura através da oralidade e escrita;
4. Exercitar o conhecimento sobre algumas características do conto: foco narrativo, cenário e clímax.

Motivação

Intuindo prover cada vez mais emoção na leitura do texto literário que será trabalhado nesta segunda oficina, nela, tratamos do amor, de fé, de esperança.

Trazer como motivação o poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes, e relevar que ele fala de afeto, de entrega nos relacionamentos amorosos, dos conflitos amorosos e conduzir para um diálogo no qual os alunos percebam que o ideal, enquanto estamos em convívio a dois, é aproveitar desse amor enquanto ele durar, zelar o amor, pois, para tudo há um princípio e um fim.



Soneto de Fidelidade

Autor: Vinícius de Moraes

Ouvir as considerações dos alunos sobre o poema e os temas que estarão enfatizados nesta oficina.

[https://
www.pensador.com/
soneto_de_fidelidade/](https://www.pensador.com/soneto_de_fidelidade/)

Introdução

Como a autora já fora apresentada na primeira oficina, utilizar esse momento para pesquisar se o texto já é conhecido por eles e quais as expectativas dos alunos para esse próximo conto. Relembrando que buscamos nos textos da autora, tratar de assuntos sociais que nos levem a reflexões sobre as perdas concernentes a vida.



Natal na barca
Lygia Fagundes Telles

[https://
contobrasileiro.com.br/
natal-na-barca-conto-
de-lygia-fagundes-
telles/](https://contobrasileiro.com.br/natal-na-barca-conto-de-lygia-fagundes-telles/)

Leitura

Entregar o texto “Natal na barca” (**Anexo B**), de Lygia Fagundes Telles, impresso e dessa vez, propor uma primeira leitura silenciosa.

Pedir que façam uma pausa (intervalo) ao chegarem na parte do texto em que, a mulher (personagem) que estava na barca, conta que fora abandonada pelo marido. Perguntar, com a intenção de saber se a leitura do texto está fluindo:

Até o momento, a leitura do texto está sendo agradável?

Até então, conseguiram estabelecer alguma relação entre título e conto?

Já há pistas de que a narração é feita por um personagem. Esse

personagem é homem ou mulher?

Essa última pergunta servirá também para, na interpretação, tratar sobre foco narrativo.

Após as respostas, talvez os alunos não sejam unanimemente cristãos, mas certamente creem no amor, na esperança. Portanto, propomos levar uma canção que fala do amor, da entrega de Cristo por amor a nós. Acreditamos que falar no incomparável amor de Cristo por nós, fortalece os indivíduos nos momentos de angústia e transmite paz. A música é “Bem mais do que tudo”, interpretado por Aline Barros.

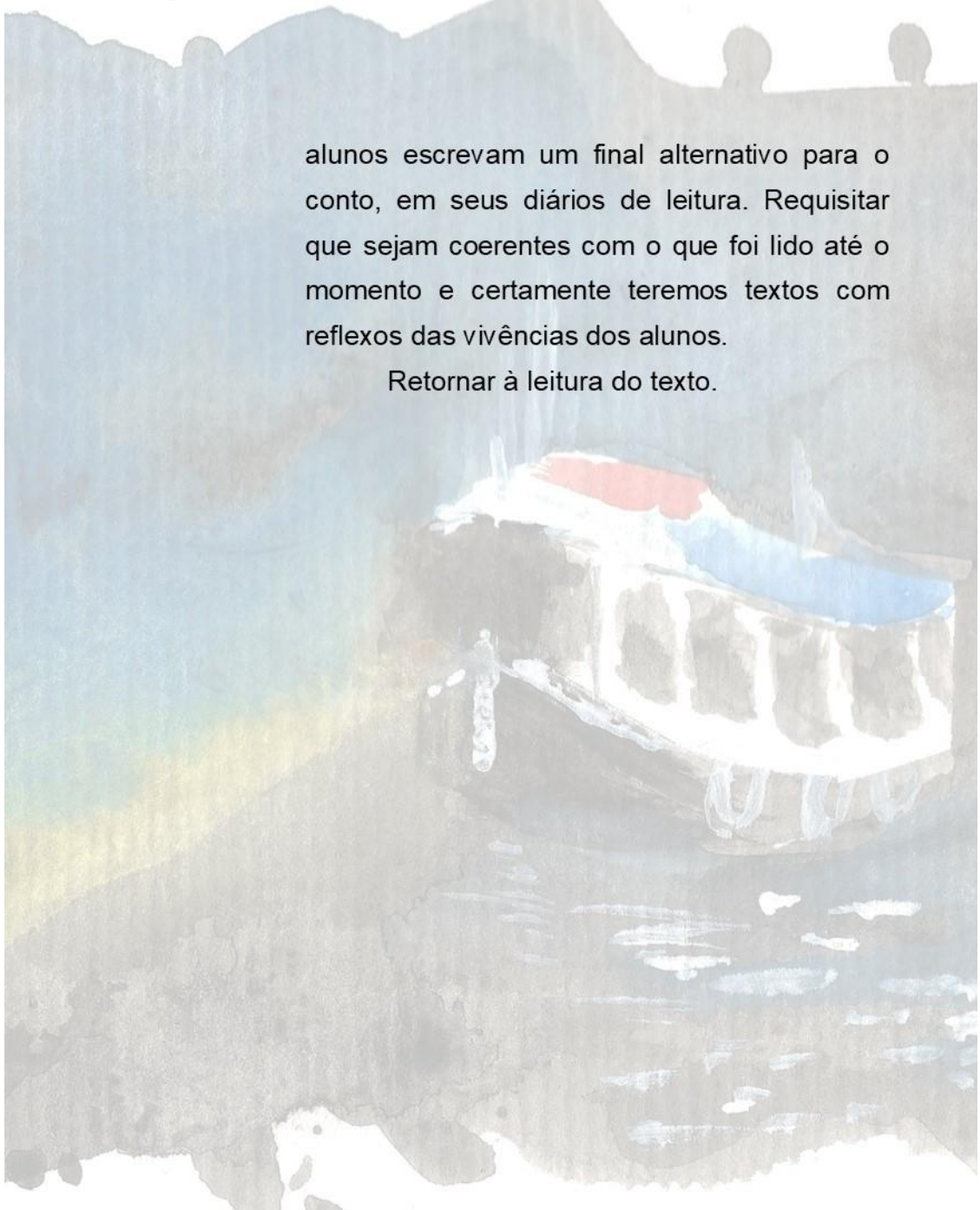


<https://www.youtube.com/watch?v=VZUmJFahI4g>

Bem mais que tudo.

Aline Barros

Prosseguindo com o intervalo e após as considerações sobre a música, solicitar que os



alunos escrevam um final alternativo para o conto, em seus diários de leitura. Requisitar que sejam coerentes com o que foi lido até o momento e certamente teremos textos com reflexos das vivências dos alunos.

Retornar à leitura do texto.

Interpretação

Para interpretação desta segunda oficina, temos os finais alternativos já solicitados e registrados nos diários de leitura.

Debater sobre o final da narrativa comparando-os com os finais alternativos produzidos pelos alunos, tentando estabelecer algumas diferenças e semelhanças entre os finais.

Para adentrar nas reflexões sobre foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa), elemento estrutural do gênero conto, perguntar:

No conto lido, o narrador apenas conta a história, ou também dela participa?

Durante as discussões, abordar também o cenário, nas quais os alunos farão descrições do ambiente onde ocorre a narrativa. Solicitar e perguntar:

Descrevam o ambiente onde ocorre a narrativa.

Há relação entre o estado de espírito do narrador-personagem e cenário descrito? Explique.

Para saber se os alunos percebem o momento do clímax no texto e para que realizem suas considerações finais, indagar:

Qual momento, no texto, gerou maior expectativa?

Além de ter sido abandonada pelo marido, a mulher (personagem) que estava na barca, sofreu mais algum tipo de perda?

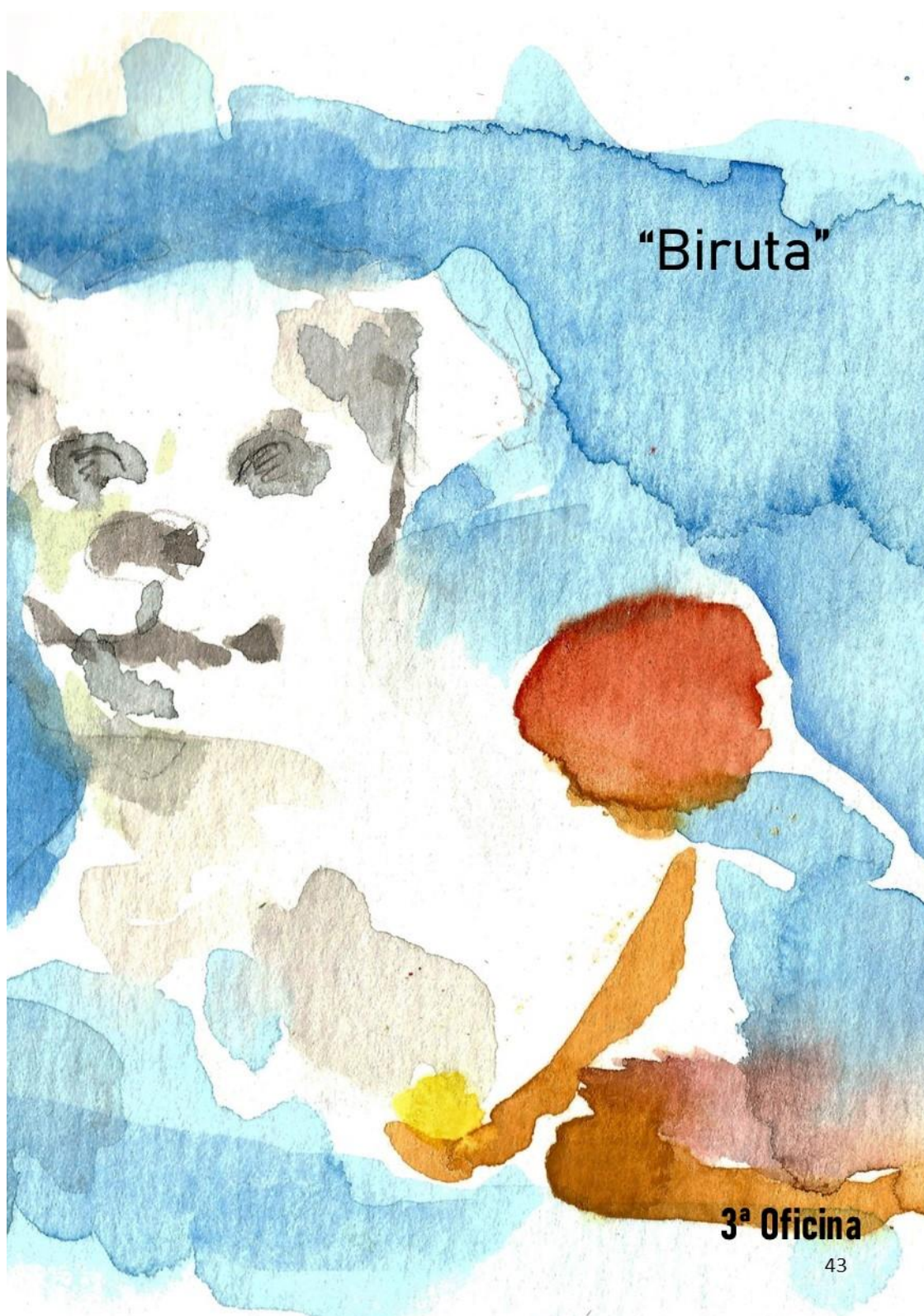
O fato de o menino estar vivo, sem febre, seria um milagre de natal?

Isso transmitiria alguma lição à narradora-personagem, ou seja, um milagre também aconteceria em sua vida, o de começar a crer?

No início da narrativa, a que imagem nos remete, a descrição feita pela narradora com relação a mulher com manta e criança no colo?

E você, tem fé em algo? Em quê?





OBJETIVOS

6

a

u

l

a

s

1. Provocar, a partir das análises acerca do tratamento relativo à criança e ao animal, outras reflexões, conforme o fluir das ideias dos alunos;

2. Propor leitura literária extra classe e disponibilizar e/ou sugerir outras leituras para ampliar, um pouco mais, o repertório de leitura dos alunos;

3. Assegurar interação reflexiva entre alunos e literatura através da oralidade e escrita;

4. Exercitar o conhecimento sobre o tempo, elemento característico do conto.

Motivação

Nessa oficina, abordar as perdas no que tange ao abandono e maus tratos de criança e animais. Lembrando que outros temas (perdas) poderão ser elencados pelos alunos, conforme suas interpretações à leitura do conto.

Conversar com os estudantes sobre as divergências entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. Para esta conversa, perguntar aos alunos:

Vocês já refletiram sobre as mudanças de comportamento durante as mudanças das fases de faixas etárias?

Visto que vocês já passaram da fase infantil e, em breve, chegarão à fase adulta, enquanto adolescentes, o que vocês consideram como quesito necessário para se chegar à maturidade?

Se vocês pudessem regressar ao passado, mudariam algo? O quê?

Introdução

Entregar os livros ou texto “Biruta” (**Anexo C**), de Lygia Fagundes Telles, impresso aos alunos e os convidar a realizar a leitura do texto em casa, estabelecendo prazo, para a leitura, até o próximo encontro.



Biruta

Lygia Fagundes Telles

[https://
contobrasileiro.com.br/
natal-na-barca-conto-de-](https://contobrasileiro.com.br/natal-na-barca-conto-de-)

Caso seja um livro, o material já entregue, e em se tratando de uma coletânea, outros contos estarão à disponibilidade dos discentes, indicar que outras leituras, conforme desejo individual, poderão ser realizadas nesta ou até mesmo em outra ocasião. Caso a situação não seja a descrita anteriormente, e os alunos não possuam em mãos a disponibilidade de contato com outros textos, é cabível a professora, ou ao professor, ofertar sugestões de outras leituras.

Sugerindo...

O conto *Baleia*, de Graciliano Ramos, nos faz refletir sobre desigualdades, sofrimento e pode nos ajudar a perceber atitudes (des)humanas já estabelecidas como normais.

O conto *O herói*, de Domingo Pellegrini, trata da sofrida e repentina maturação de um garoto, após a morte de seu cão.

Leitura

Para esse momento, espera-se que os alunos tenham realizado as leituras em seus contextos extraclasse. Para sondar suas leituras e levá-los a uma discussão, perguntar:

Gostaram do conto?

Quem são os personagens do conto? Analise cada um.

O que mais chamou atenção na história lida?

Por que o personagem desejava o crescimento acelerado do seu cão?

Por que Biruta era tão importante para Alonso?

O que você faria por uma amizade?

Na casa de D. Zulu, o menino exercia trabalhos domésticos. Você julga isso correto? Por quê?

No conto encontramos características que remetem a reflexões sobre as desigualdades sociais? Comente.



<https://www.youtube.com/watch?v=rFiZEm0ww8k&t=18s>

O Cão Abandonado

A Pet for Life

As respostas serão realizadas em uma roda de conversa, oralmente e o/a docente oportunizará esse momento para dialogar sobre as diferenças referentes a privilégios ou limitações praticados ou sofridos por grupos sociais.

Realizar um intervalo principiando pela exibição do vídeo, curta metragem, “O cão abandonado”. Acreditamos que essa atividade tem relação com o texto lido, e provocará reflexões acerca das crueldades atreladas aos animais. E, para encerrar esse intervalo, pedir que essas reflexões sejam externadas, oralmente, por parte dos alunos.

Interpretação

Para compor esse momento, fazer perguntas:

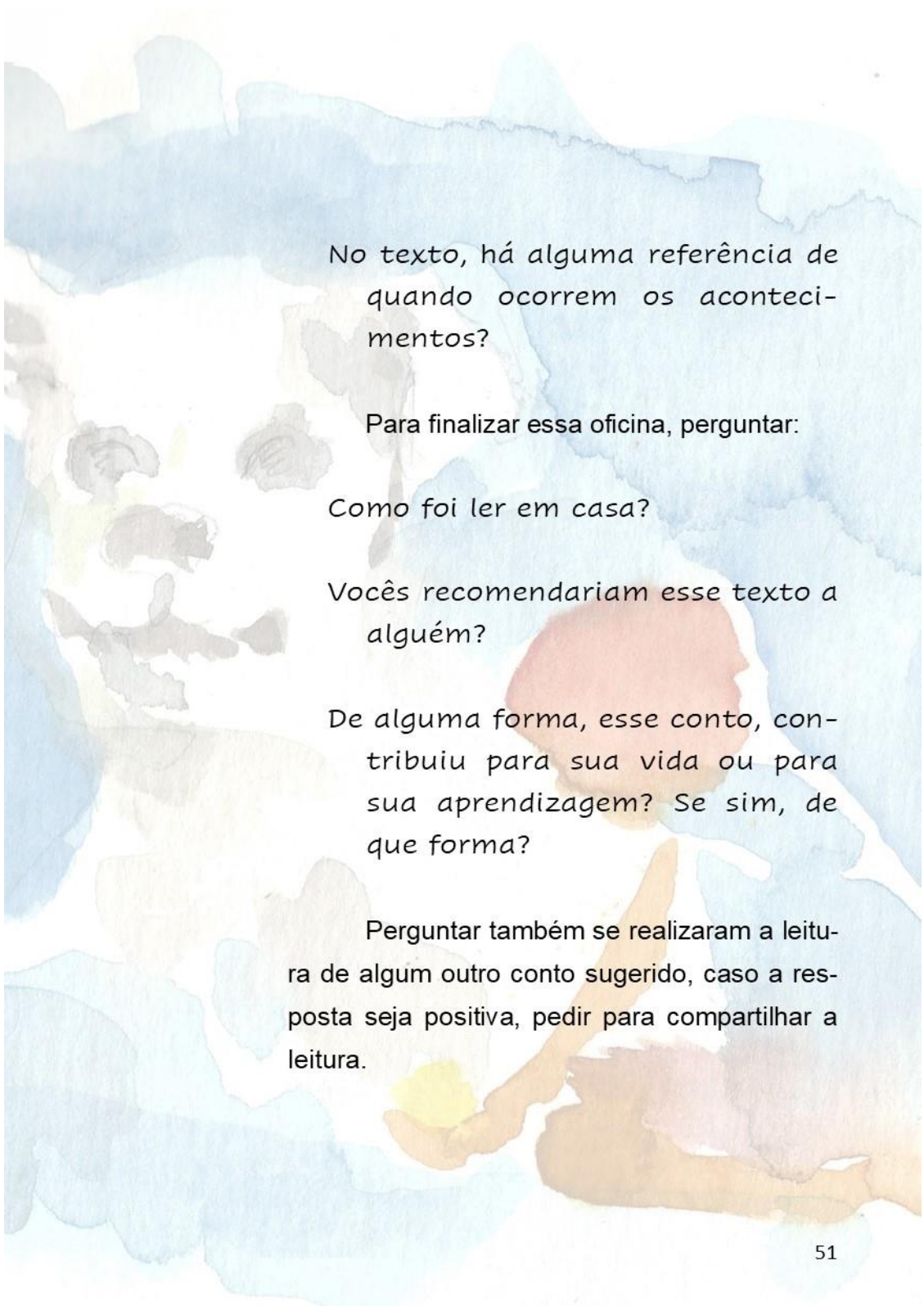
Há alguma ação narrada no conto da qual você discorda? Qual? Como você agiria?

Você conhece história parecida com a do conto? Narre.

Você mudaria o final da história? Como seria?

Pedir que os alunos anotem suas respostas nos diários de leitura. Após isso, em uma roda de conversa, socializar as respostas e buscar estabelecer elos entre as respostas oferecidas no momento da motivação com as respostas desse momento.

Depois disso, momento de trabalhar com os elementos do conto e, dessa vez, o tempo. Indagar:



No texto, há alguma referência de quando ocorrem os acontecimentos?

Para finalizar essa oficina, perguntar:

Como foi ler em casa?

Vocês recomendariam esse texto a alguém?

De alguma forma, esse conto, contribuiu para sua vida ou para sua aprendizagem? Se sim, de que forma?

Perguntar também se realizaram a leitura de algum outro conto sugerido, caso a resposta seja positiva, pedir para compartilhar a leitura.





OBJETIVOS

1
0
a
u
l
a
s

1. Reaver alguns temas já debatidos, nas oficinas anteriores, para aprofundamento das reflexões;
2. Realizar leitura literária coletiva, compartilhada e dinâmica;
3. Estabelecer diálogo entre texto literário e percepções adquiridas pelos alunos;
4. Executar uma súmula geral dos elementos característicos do gênero conto.

Motivação

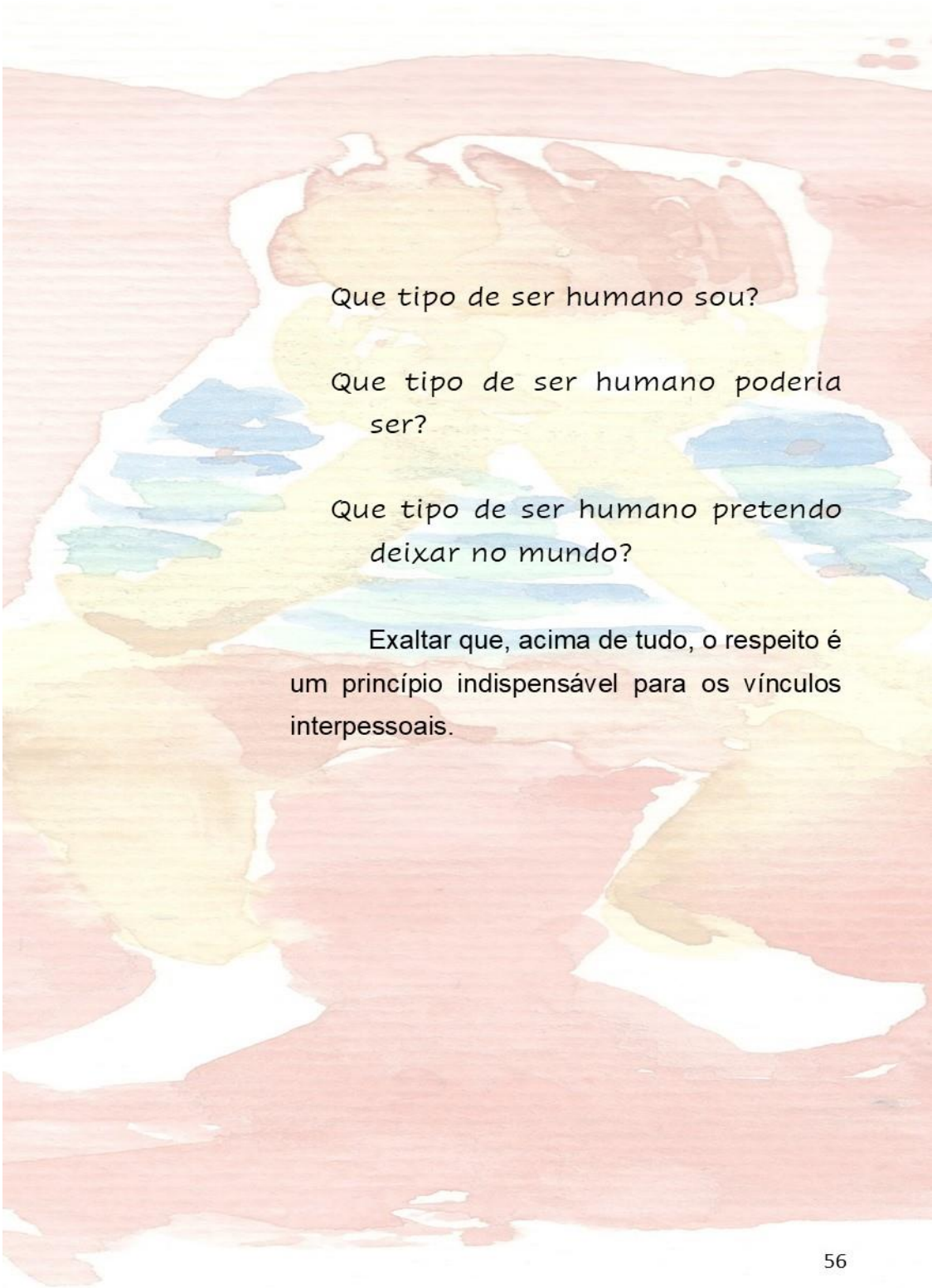
Retomaremos a temática “traição” aportada, sutilmente, na primeira oficina e trataremos sobre como são administradas as situações de adultério. A persistência do tema é reflexo das percepções, enquanto professores/as, da veemência do assunto nos diálogos cotidianos dos nossos discentes.

Para esta última oficina, trazer o vídeo, animação, “O valor da família”. Após a exibição do vídeo, conduzir às reflexões sobre a importância dos laços familiares, independentes desses laços serem biológicos ou afetivos (adotivos), sempre têm sido base para a vida. Errando ou acertando, a família é quem primeiro contribui para nosso desenvolvimento. A trajetória que cada um seguirá dependerá de seus discernimentos. Pensar nas seguintes indagações:



O valor da família
A Po Chou Chi's Film

https://www.youtube.com/watch?v=zGpRtKXi_2E



Que tipo de ser humano sou?

Que tipo de ser humano poderia ser?

Que tipo de ser humano pretendo deixar no mundo?

Exaltar que, acima de tudo, o respeito é um princípio indispensável para os vínculos interpessoais.

Introdução

Acreditando que já haja iminência entre leitores e texto literário, aproximação entre os colegas participantes e um bom caminhar no desenvolvimento da oralidade, introduzir a leitura do conto com questionamentos, a serem respondidos nos diários de leitura e, em seguida, compartilhados. Questionar:

O que vocês pensam sobre o adultério?

Quais são suas expectativas para esse último conto?

O compartilhar das respostas escritas nos diários serão realizados em uma roda de conversa.

Leitura

Ainda em roda de conversa, entregar o livro ou o conto “O menino” (**Anexo D**), de Lygia Fagundes Telles, impresso e, para iniciar o diálogo sobre a leitura do conto, perguntar:



O menino
Lygia Fagundes Telles

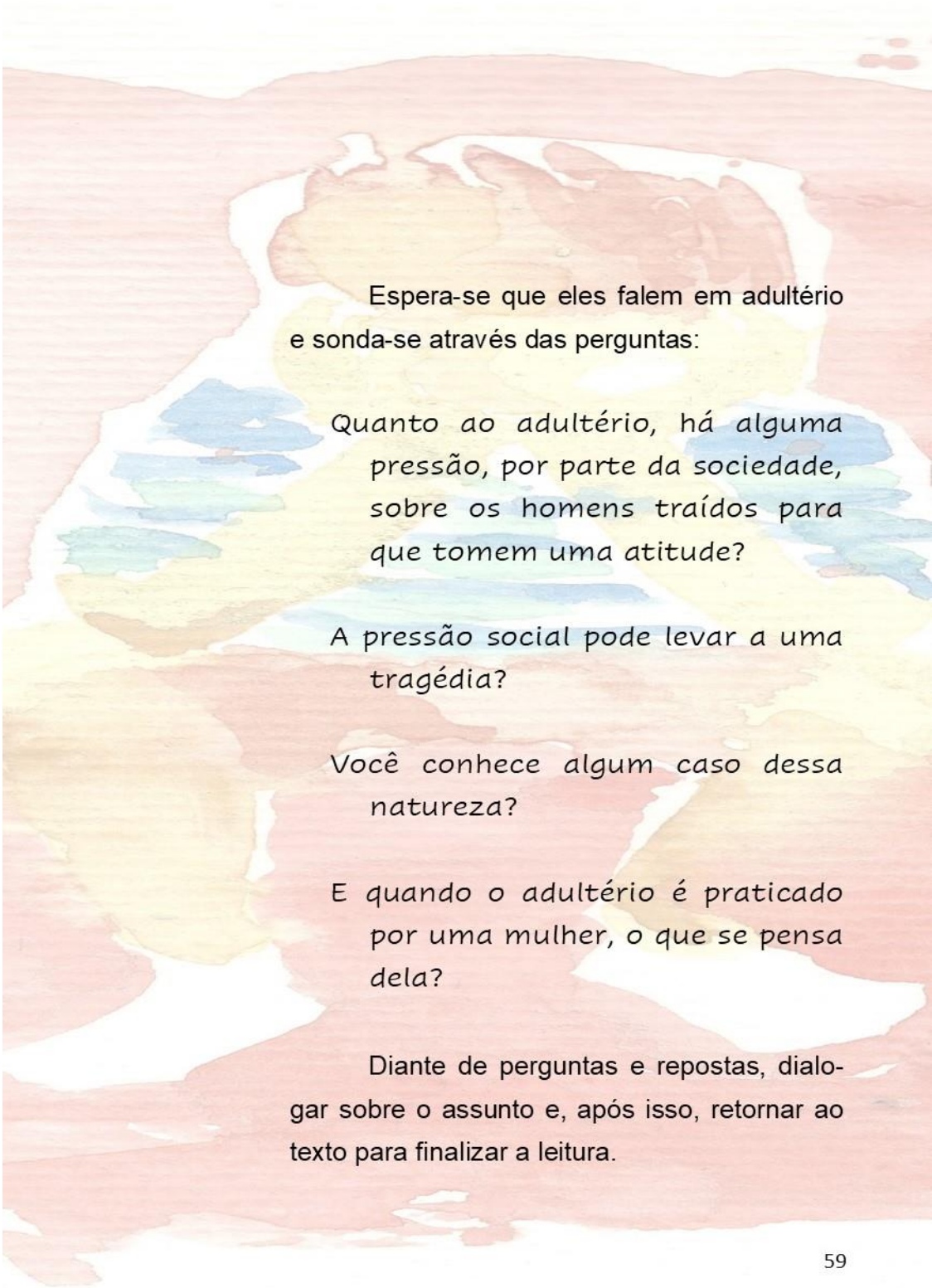
<https://lbomenino.blogspot.com/>

Que tipo de narrativa o título sugere?

Momento da leitura do texto, realizar uma leitura em voz alta para a turma, de forma coletiva e compartilhada.

No intervalo, exibir o filme “Lisbela e o prisioneiro”, de Guel Arraes, comédia romântica baseada no livro de Osman Lins. Após a exibição do filme, interrogar:

Qual é o tema do filme?



Espera-se que eles falem em adultério e sonda-se através das perguntas:

Quanto ao adultério, há alguma pressão, por parte da sociedade, sobre os homens traídos para que tomem uma atitude?

A pressão social pode levar a uma tragédia?

Você conhece algum caso dessa natureza?

E quando o adultério é praticado por uma mulher, o que se pensa dela?

Diante de perguntas e repostas, dialogar sobre o assunto e, após isso, retornar ao texto para finalizar a leitura.

Interpretação

Nesse momento, investigar as opiniões prévias sobre o título, o que esperavam do texto ao refletir apenas sobre o título. Perguntar:

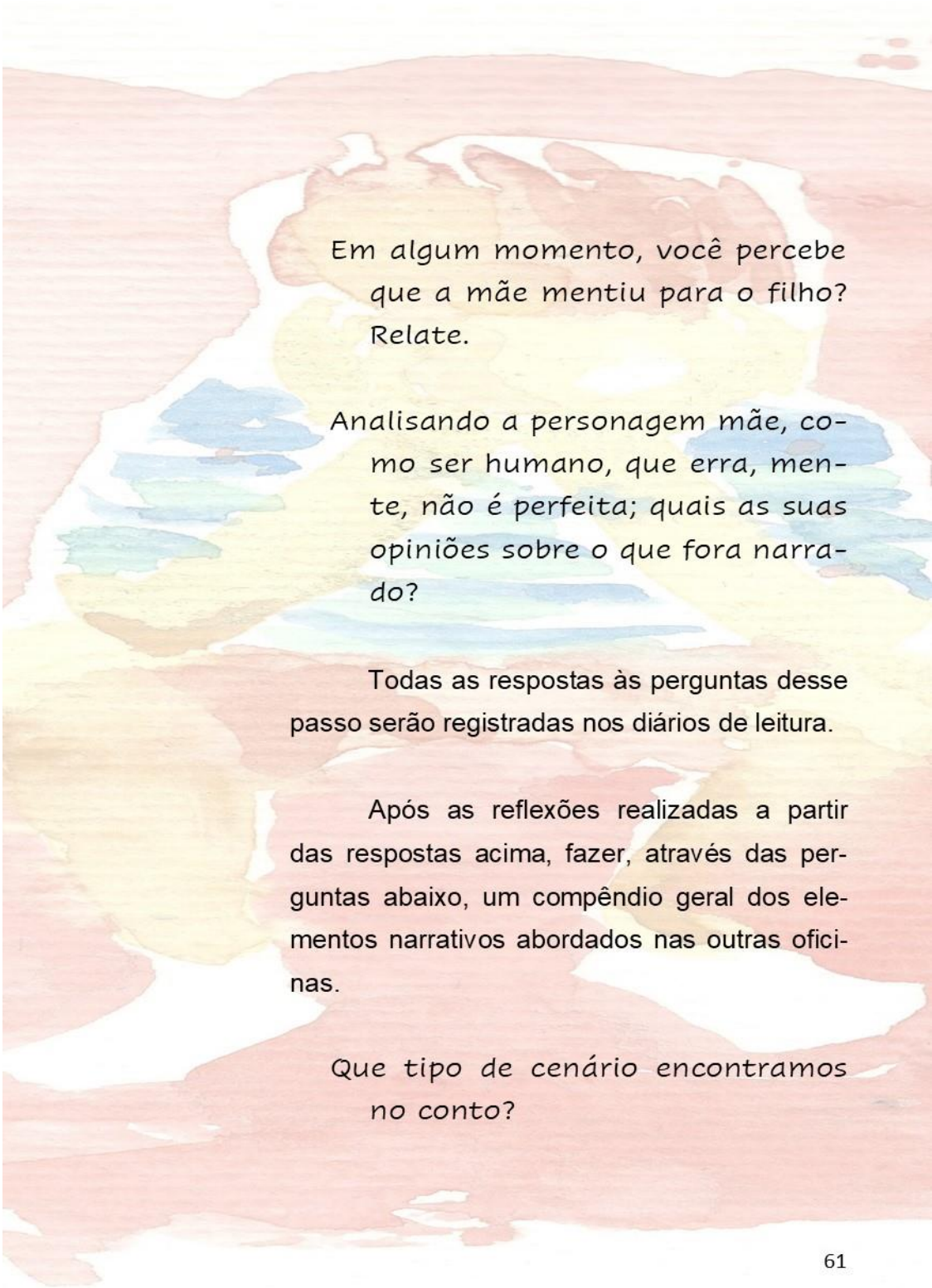
Título e narração têm relação?

Que outro título você atribuiria ao texto?

Durante a leitura, tivemos pistas do desfecho?

O menino, personagem, vai feliz ao cinema. A felicidade é a mesma no retorno à casa? Por quê?

Você acha que o menino sofre de complexo de Édipo? (caso os alunos não saibam do que se trata, explicar)



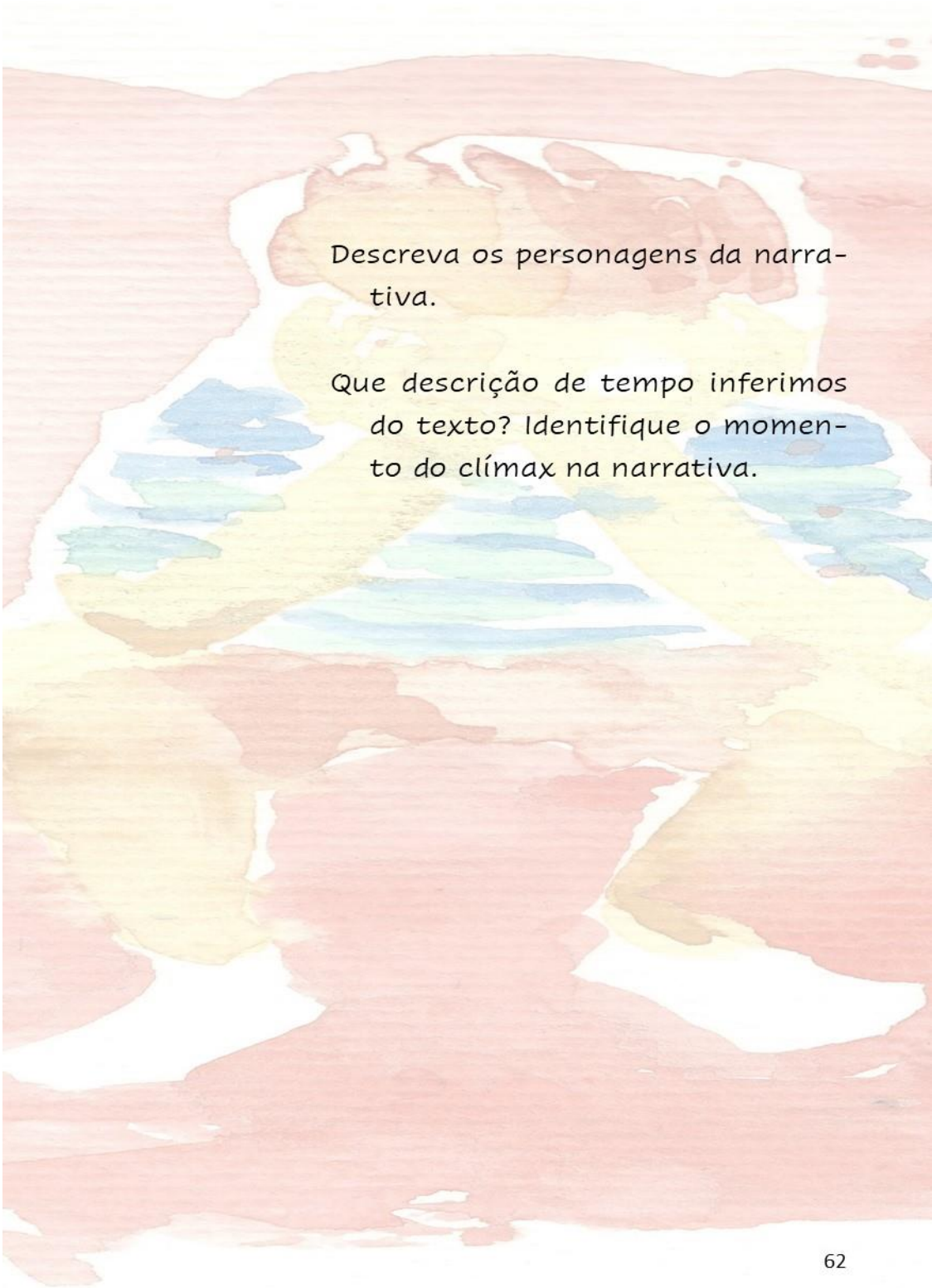
Em algum momento, você percebe que a mãe mentiu para o filho? Relate.

Analisando a personagem mãe, como ser humano, que erra, mente, não é perfeita; quais as suas opiniões sobre o que fora narrado?

Todas as respostas às perguntas desse passo serão registradas nos diários de leitura.

Após as reflexões realizadas a partir das respostas acima, fazer, através das perguntas abaixo, um compêndio geral dos elementos narrativos abordados nas outras oficinas.

Que tipo de cenário encontramos no conto?



Descreva os personagens da narrativa.

Que descrição de tempo inferimos do texto? Identifique o momento do clímax na narrativa.





OBJETIVOS

6

a

u

l

a

s

1. Estimular produção escrita de um conto, conforme projeção da proposta, associada aos pontos de vista dialogados;

2. Encorajar a participação dos alunos indicando seus papéis de protagonistas da proposta;

3. Socializar as produções com a comunidade escolar.

Por compreendermos que esse trabalho iniciar-se-á com a intervenção, todavia permanecerá na vida dos nossos proeminentes futuros leitores, o ponto de chegada é o nosso momento final, porém desejando ser um exercício inacabado na vida leitora dos nossos alunos.

Pedir para que os alunos produzam uma narrativa ficcional curta, projetando suas subjetividades na escrita, dando ênfase, nas construções, aos elementos do gênero. Orientar que poderão fazer uso de quaisquer temáticas aportadas ou até mesmo de temáticas que, porventura, não foram citadas, mas que sejam de interesse pessoal do aluno destacar.

A produção de uma narrativa ficcional curta trata-se apenas de uma sugestão. Outras produções podem ser realizadas, conforme interesse da professora, ou do professor, ou sugeridas pelos próprios alunos, junto aos seus pares, para fazer circular as leituras dos textos e assim constituir uma comunidade de leitores.

Organizar, juntos e em acordo com os alunos, uma exposição para compartilhar o trabalho realizado. Essa exposição poderá compor uma atividade já planejada pela escola ou, caso não haja uma no período, será planejada pelo/a professor/a e alunos/as.

Palavras finais

A elaboração deste trabalho se fundamentou nas experiências até o momento vividas. Experiências essas que, mesmo diante de inúmeras dificuldades, sempre buscaram levar os alunos ao encontro com o prazer literário na escola e, ao aproximar o aluno da literatura, esperar que este replique esse prazer em seu meio social. E estamos certos de que, ao realizar propostas, como essa aqui, no ambiente educacional, é inevitável não haver contribuição na construção social e coletiva dos sujeitos.

E mesmo pautados nas experiências, a construção e organização de uma propositura destinada ao exercício do letramento literário é um caminho íngreme. O mediador planeja, precede o porquê, orienta e acompanha o como ler; percebe que todos transportam consigo conhecimentos; que lemos para conhecer os textos, a nós mesmos, aos outros, à vida, para ampliar os horizontes e para trocar impressões. E antes de se chegar ao literário, usa ornamentos, músicas, vídeos... tudo para dar sentido para o que será lido, ofertar múltiplas e interes-

santes possibilidades de leitura na escola e leitura autônoma. E ainda, diante das realidades que comumente surpreendem, está predisposto ao imprevisto, às adaptações a tudo que havia preconcebido com tanto esmero.

Encerramos, pois, esta proposta, argumentando que, mesmo sabendo que as atividades de letramento literário nunca se exauriam e que o êxito almejado nem sempre é totalmente alcançado, enquanto professores mediadores, compreendemos que o letramento literário ultrapassa as barreiras da instituição escolar e, pressupomos, então, que algo de diferente ficará nas vidas dos participantes; que as problematizações, sugestões e atividades propostas neste caderno, proporcionam mais interação entre os participantes das oficinas e textos literários, e que essas interações terão reflexos no contexto da escola e extraescolar.

Almejamos concretizar a aplicação dessa propositura em momentos pósteros, assim como também que seja usufruída por nossos pares. Que, conforme desejo, criatividade ou necessidade, desmembrem desta, outras, mais aprimoradas e/ou adaptadas, no propósito de conduzir leitura literária aos seus estudantes.



REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** - BNCC. Brasília, 2017.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura: Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa 1**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 2007.



ANEXOS

Venha ver o pôr-do-sol

Natal na barca

Biruta

O menino

Anexo A

Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinham um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do taxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete-léguas, lembra?

– Foi para falar sobre isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. – Hem?!

– Ah, Raquel... – e ele tomou-a pelo braço. – Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado...Juro que eu tinha que ver uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

– Podia ter escolhido um outro lugar, não? – Abrandara a voz – E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo – acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda.

Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

– Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

– Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol!...Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!...Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério.

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura.

– E você acha que eu iria?

– Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um instante numa rua afastada...- disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento – Você fez bem em vir.

– Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

– Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

– Mas eu pago.

– Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

– Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

– Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzo gêmeos gemeram. – Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

– É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

– Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármores, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagarosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada, mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os

pálidos medalhões de retratos esmaltados.

– É imenso, hem? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente – exclamou ela atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. – Vamos embora, Ricardo, chega.

– Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da tarde, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

– Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

– Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

– É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

– Ele é tão rico assim?

– Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro.

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

– Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

– Sabe Ricardo, acho que você é mesmo tantã... Mas, apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Palavra que, quando penso, não entendo até hoje como aguentei tanto, imagine um ano!

– É que você tinha lido *A dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora.

– Nenhum – respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: – *À minha querida esposa, eternas saudades* – leu em voz baixa. – Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

– Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja- disse, apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

– Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim – Deu-lhe um rápido beijo na face. – Chega Ricardo, quero ir embora.

– Mais alguns passos...

– Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! – Olhou para atrás. – Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

– A boa vida te deixou preguiçosa. Que feio – lamentou ele, impelin-

do-a para frente. – Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr do sol. – E, tomando-a pela cintura: – Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

– Sua prima também?

– Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

– Vocês se amaram?

– Ela me amou. Foi a única criatura que...- Fez um gesto. – Enfim não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o

– Eu gostei de você, Ricardo.

– E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

– Esfriou, não? Vamos embora.

– Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

– Que triste é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui? Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu melancólico.

– Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que eu mais amo neste cemitério é precisamente esse abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semi-obscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

– E lá embaixo?

– Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó- murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se

de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. – A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

– Todas estas gavetas estão cheias?

– Cheias?... Só as que tem o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe- prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado, embutido no centro da gaveta.

Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

– Vamos, Ricardo, vamos.

– Você está com medo.

– Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

– A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato. Foi umas duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e vejo-a se exhibir, estou bonita? Estou bonita?...- Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não, não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

– Que frio que faz aqui. E que escuro, não estou enxergando!

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

– Pegue, dá para ver muito bem...- Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

– Mas estão tão desbotados, mal se vê que é uma moça...- Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil oitocentos e falecida...- Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel – Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso? Brincadeira mais cretina! – exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco. - Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha

na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

– Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaçou um sorriso. – Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

– Boa noite, Raquel.

– Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... – Gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. – Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. – Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

– Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

– NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Anexo B

Natal na barca

Lygia Fagundes Telles

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artificios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas

sobre o xale preto, mas o rosto era tranquilo.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia consultar um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem, mas de repente piorou. Uma febre, só febre... --- Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo, mas o olhar tinha a expressão doce. --- Só sei que Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Atirei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Consequira evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Era incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta, mas agora não podia mais parar.

— Há muito tempo?

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Fixei-me nas nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não

podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por quê, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como domi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim.

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia.

— Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedimos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma

febre.

— Acordou?!

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Encarei-a. Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

Anexo C

Biruta

Lygia Fagundes Telles

Alonso foi para o quintal carregando uma bacia cheia de louça suja. Andava com dificuldade, tentando equilibrar a bacia que era demasiado pesada para seus bracinhos finos.

- Biruta, êh, Biruta! - chamou sem se voltar.

O cachorro saiu de dentro da garagem. Era pequenino e branco, uma orelha em pé e a outra completamente caída.

- Sente-se aí, Biruta, que vamos ter uma conversinha - disse Alonso pousando a bacia ao lado do tanque. Ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos.

Biruta sentou-se muito atento, inclinando interrogativamente a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como se quisesse apreender melhor as palavras do seu dono. A orelha caída ergueu-se um pouco, enquanto a outra empinou, aguda e ereta. Entre elas, formaram-se dois vincos, próprios de uma testa franzida do esforço de meditação.

- Leduína disse que você entrou no quarto dela - começou o menino num tom brando. - E subiu em cima da cama e focinhou as cobertas e mordeu uma carteirinha de couro que ela deixou lá. A carteira era meio velha e ela não ligou muito. Mas se fosse uma carteira nova, Biruta! Se fosse uma carteira nova! Me diga agora o que é que ia acontecer se ela fosse uma carteira nova!? Leduína te dava uma surra e eu não podia fazer nada, como daquela outra vez que você arrebitou a franja da cortina, lembra? Você se lembra muito bem, sim senhor, não precisa fazer essa cara de inocente!...

Biruta deitou-se, enfiou o focinho entre as patas e baixou a orelha. Agora, ambas as orelhas estavam no mesmo nível, murchas, as pontas quase tocando o chão. Seu olhar interrogativo parecia perguntar: "Mas o que foi que eu fiz, Alonso? Não me lembro de nada..."

- Lembra sim senhor! E não adianta ficar aí com essa cara de doente, que não acredito, ouviu? Ouviu, Biruta?! - repetiu Alonso lavando furiosamente os pratos. Com um gesto irritado, arregaçou as mangas que já escorregavam sobre os pulsos finos. Sacudiu as mãos cheias de espuma. Tinha as mãos de velho.

- Alonso, anda ligeiro com essa louça! - gritou Leduína, aparecendo por um momento na janela da cozinha. - Já está escurecendo, tenho que sair!

- Já vou indo - respondeu o menino enquanto removia a água da boca. Voltou-se para o cachorro. E seu rostinho pálido se confrangeu de tristeza. Por que Biruta não se emendava, por que? Por que razão não se esforçava um pouco para ser merhorzinho? Dona Zulu já andava impaciente. Leduína também. Birtura fez isso, Biruta fez aquilo...

Lembrou-se do dia em que o cachorro entrou na geladeira e tirou de lá a carne. Leduína ficou desesperada, vinham visitas para o jantar,

precisava encher os pastéis, "Alonso, você não viu onde deixei a carne?" Ele estremeceu. Biruta! Disfarçadamente, foi à garagem no fundo do quintal, onde dormia com o cachorro num velho colchão metido num ângulo de parede. Biruta estava lá deitado bem em cima do travesseiro, com a posta de carne entre as patas, comendo tranquilamente. Alonso arrancou-lhe a carne, escondeu-a dentro da camisa e voltou à cozinha. Deteve-se na porta ao ouvir Leduína queixar-se à dona Zulu que a carne desaparecera, aproximava-se a hora do jantar e o açougue já estava fechado, "o que é que eu faço, dona Zulu?!"

Ambas estavam na sala. Podia entrever a patroa a escovar freneticamente os cabelos. Ele então tirou a carne de dentro da camisa, ajeitou o papel já todo roto que a envolvia e entrou com a posta na mão.

- Está aqui Leduína.

- Mas falta um pedaço!

- Esse pedaço eu tirei pra mim. Eu estava com vontade de comer um bife e aproveitei quando você foi na quitanda.

- Mas por que você escondeu o resto? - perguntou a patroa, aproximando-se.

- Porque fiquei com medo.

Tinha bem vivo na memória a dor que sentira nas mãos corajosamente abertas para os golpes da escova. Lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Os dedos foram ficando roxos, mas ela continuava batendo com aquele mesmo vigor obstinado com que escovara os cabelos, batendo, batendo, como se não pudesse parar mais.

- Atrevido! Ainda te devolvo pro asilo, seu ladrãozinho!

Quando ele voltou à garagem, Biruta já estava lá, as duas orelhas caídas, o focinho entre as patas, piscando, piscando os olhinhos temos. "Biruta, Biruta, apanhei por sua causa, mas não faz mal."

Biruta então ganiu sentidamente. Lambeu-lhe as lágrimas. Lambeu-lhe as mãos.

Isso tinha acontecido há duas semanas. E agora Biruta mordera a carteirinha de Leduína. E se fosse a carteira de dona Zulu?

- Hem, Biruta?! E se fosse a carteira de dona Zulu?

Já desinteressado, Biruta mascava uma folha seca.

- Por que você não arrebenta minhas coisas? - prosseguiu o menino elevando a voz. - Você sabe que tem todas as minhas coisas pra morder, não sabe? Pois agora não te dou presente de Natal, está acabado. você vai ver se ganha alguma coisa. Você vai ver!...

Girou sobre os calcanhares, dando as costas ao cachorro. Resmungou ainda enquanto empilhava a louça na bacia. Em seguida, calou-se, esperando qualquer reação por parte do cachorro. Como a reação tardasse, lançou-lhe um olhar furtivo. Biruta dormia profundamente.

Alonso então sorriu. Biruta era como uma criança. Por que não entendiam isso? Não fazia nada por mal, queria só brincar... Por que dona Zulu tinha tanta raiva dele? Ele só queria brincar, como as crianças. Por que dona Zulu tinha tanta raiva de crianças?

Uma expressão desolada amarfanhou o rostinho do menino.

"Por que dona Zulu tem que ser assim? O doutor é bom, quer dizer, nunca se importou nem comigo nem com você, é como se a gente não existisse, Leduína tem aquele jeitão dela, mas duas vezes já me protegeu. Só dona Zulu não entende que você é que nem uma criancinha. Ah Biruta, Biruta, cresça logo, pelo amor de Deus! Cresça logo e fique um cachorro sossegado, com bastante pêlo e as duas orelhas de pé! Você vai ficar lindo quando crescer, Biruta, eu sei que vai!"

- Alonso! - Era a voz de Leduína. - Deixe de falar sozinho e traga logo essa bacia. Já está quase noite, menino.

- Chega de dormir, seu vagabundo! - disse Alonso espargindo água no focinho do cachorro.

Biruta abriu os olhos, bocejou com um ganido e levantou-se, estirando as patas dianteiras, num longo espreguiçamento.

O menino equilibrou penosamente a bacia na cabeça. Biruta seguiu-o aos pulos, mordendo-lhe os tornozelos, dependurando-se com os dentes na barra do seu avental.

- Aproveita, seu bandidinho! - riu-se Alonso. - Aproveita que eu estou com a mão ocupada, aproveita!

Assim que colocou a bacia na mesa, ele inclinou-se para agarrar o cachorro. Mas Biruta esquivou-se, latindo. O menino vergou o corpo sacudido pelo riso.

- Aí, Leduína que o Biruta judiou de mim!...

A empregada pôs-se guardar rapidamente a louça. Estendeu-lhe uma caçarola com batatas:

- Olhai para o seu jantar. Tem ainda arroz e carne no forno.

- Mas só eu vou jantar? - surpreendeu-se Alonso ajeitando a caçarola no colo.

- Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa. Você vai jantar sozinho.

Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo para debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro: Biruta estava lá. Alonso suspirou. Era bom quando Biruta resolvia se sentar! Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada. A trégua. Voltou-se para Leduína.

- O que o seu filho vai ganhar?

- Um cavalinho - disse a mulher. A voz suavizou. - Quando ele acordar amanhã, vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentado que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

- Lá no asilo, no Natal, apareciam uns moços com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. A madrinha. Um dia, me deu sapato, um casaquinho de malha e uma camisa.

- Por que ela não ficou com você?

- Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois, não sei por que ela não apareceu mais...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno a vasilha. Apertou os olhos. Deles, irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos seguidos esperou por ela. Pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem lhe sabia o nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas "a madrinha". Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa, quando então se reunia os meninos na capela. Ah, se ele pudesse ouvi-lo!

"... O bom Jesus é quem nos traz

A mensagem de amor e alegria"...

- Também, é uma responsabilidade tirar crianças pra criar! - disse Leduína desamarrando o avental - Já chega os que a gente tem.

Alonso baixou o olhar. E de repente sua fisionomia iluminou-se. Puxou o cachorro pelo rabo.

- Êh Biruta! Está com fome, Biruta? Seu vagabundo! Vagabundo!... Sabe Leduína, Biruta também vai ganhar um presente que está escondido lá debaixo do meu travesseiro. Com aquele dinheirinho que você me deu, lembra. Comprei uma bola de borracha, uma beleza de bola! Agora ele não vai precisar mais morder suas coisas, tem a bolinha só pra isso. Ele não vai mais mexer em nada, sabe, Leduína?

- Hoje cedo ele não esteve no quarto de dona Zulu?

O menino empalideceu.

- Só se foi na hora que eu fui lavar o automóvel... Por que Leduína? Por quê? Que foi que aconteceu?

Ela hesitou. E encolheu os ombros.

- Nada. Perguntei à toa.

A porta abriu-se bruscamente e a patroa apareceu. Alonso encolheu-se um pouco. Sondou a fisionomia da mulher. Mas ela estava sorridente. O menino sorriu também.

- Ainda não foi pra sua festa, Leduína? - perguntou a moça num tom afável. Abotoava os punhos do vestido de renda. - Pensei que você já tivesse saído... - E antes que a empregada respondesse, ela voltou-se para Alonso: - Então? preparando seu jantarzinho?

O menino baixou a cabeça. Quando ela lhe falava assim mansamente, ele não sabia o que dizer.

- O Biruta está limpo, não está? - Prosseguiu a mulher, inclinando-se para fazer uma carícia na cabeça do cachorro. Biruta baixou as orelhas, ganiu dolorido e escondeu-se debaixo do fogão.

Alonso tentou encobrir-lhe a fuga:

- Biruta, Biruta! Cachorro mais bobo, deu agora de se esconder... - Voltou-se para a patroa. E sorriu desculpando-se: - Até de mim ele se esconde.

A mulher pousou a mão no ombro do menino:

- Vou numa festa onde tem um menininho assim do seu tamanho. Ele adora cachorros. Então me lembrei de levar o Biruta emprestado só por esta noite. O pequeno está doente, vai ficar radiante, o pobrezinho. Você empresta só por hoje, não empresta? O automóvel já está na porta. Ponha

ele lá que já estamos de saída.

O rosto do menino resplandeceu. Mas então era isso?!... Dona Zulu pedindo o Biruta emprestado, precisando do Biruta! abriu a boca para dizer-lhe que sim, que o Biruta estava limpinho e que ficaria contente de emprestá-lo ao menino doente. Mas sem dar-lhe tempo de responder, a mulher saiu apressadamente da cozinha.

- Viu Biruta? Você vai numa festa! - exclamou. - Numa festa de crianças, com doces, com tudo! Numa festa, seu sem-vergonha! - Repetiu, beijando o focinho do cachorro. - Mas, pelo amor de Deus, tenha juízo, nada de desordens! Se você se comportar, amanhã cedinho te dou uma coisa. Vou te esperar acordado, hem? Tem um presente no seu sapato... - acrescentou num sussurro, com a boca encostada na orelha do cachorro. Apertou-lhe a pata. - Te espero acordado, Biru... Mas não demore muito!

O patrão já estava na direção do carro. Alonso aproximou-se.

- O Biruta, doutor.

O homem voltou-se ligeiramente. Baixou os olhos.

- Está bem, está bem. Deixe ele aí atrás.

Alonso ainda beijou o focinho do cachorro. Em seguida, fez-lhe uma última carícia, colocou-o no assento do automóvel e afastou-se correndo.

- Biruta vai adorar a festa! - exclamou assim que entrou na cozinha - E lá tem doces, tem crianças, ele não quer outra coisa! - Fez uma pausa. Sentou-se. - Hoje festa em toda parte, não, Leduína?

A mulher já se preparava para sair.

- Decerto.

Alonso pôs-se a mastigar pensativamente.

- Foi hoje que Nossa Senhora fugiu no burrinho?

- Não, menino. Foi hoje que Jesus nasceu. Depois então é que aquele rei manda prender os três.

Alonso concentrou-se:

- Sabe, Leduína, se algum rei malvado quisesse matar o Biruta, eu me escondia com ele no meio do mato e ficava morando lá a vida inteira, só nós dois! Riu-se metendo uma batata na boca. E de repente ficou sério, ouvindo o ruído do carro que já saía. - Dona Zulu estava linda, não?

- Estava.

- E tão boazinha. Você não achou que hoje ela estava boazinha?

- Estava, estava muito boazinha...

- Por que você está rindo?

- Nada - respondeu ela pegando a sacola. Dirigiu-se à porta. Mas antes parecia querer dizer alguma coisa de desagradável e por isso hesitava, contraindo a boca.

Alonso observou-a. E julgou adivinhar o que a preocupava.

- Sabe, Leduína. Você não precisa dizer pra dona Zulu que ele mordeu sua carteirinha, eu já falei com ele, já surrei ele. Não vai fazer isso nunca, eu prometo que não.

A mulher voltou-se para o menino. Pela primeira vez, encarou-

o. Vacilou ainda um instante. Decidiu-se:

- Olha aqui. se eles gostam de enganar os outros, eu não gosto, entendeu? Ela mentiu pra você, Biruta não vai mais voltar.

- Não vai o quê - perguntou Alonso pondo a caçarola em cima da mesa. Engoliu com dificuldade o pedaço de batata que ainda tinha na boca. Levantou-se - Não vai o quê, Leduína?

- Não vai mais voltar. Hoje cedo ele foi no quarto dela e rasgou um pé de meia que estava no chão. Ela ficou daquele jeito. Mas não te disse nada e agora de tardinha, enquanto você lavava a louça, escutei a conversa dela com o doutor: que não queria mais esse vira-lata, que ele tinha que ir embora hoje mesmo, e mais isso. e mais aquilo... o doutor pediu pra ela esperar, que amanhã dava um jeito, você ia sentir muito, hoje era Natal... Não adiantou. Vão soltar o cachorro bem longe daqui e depois vão pra festa. Amanhã ela vinha dizer que o cachorro fugiu da casa do tal menino. Mas eu não gosto dessa história de enganar os outros, não gosto. É melhor que você fique sabendo desde já, o Biruta não vai voltar.

Alonso fixou na mulher o olhar inexpressivo. Abiu a boca. A voz era um sopro.

- Não?...

Ela perturbou-se.

- Que gente também! - explodiu. Bateu desajeitadamente no ombro do menino. - Não se importe, não, filho. Vai, vai jantar.

Ele deixou cair os braços ao longo do corpo. E arrastando os pés, num andar de velho, foi saindo para o quintal. Dirigiu-se à garagem. A porta de ferro estava erguida.

A luz fria do luar chegava até a borda do colchão desmantelado.

Alonso travou os olhos brilhantes num pedaço de osso roído, meio encoberto sob um rasgão do lençol. Ajoelhou-se. Estendeu a mão tateante. Tirou de baixo do travesseiro uma bola de borracha.

- Biruta - chamou baixinho - Biruta... - E desta vez só os lábios se moveram e não saiu som algum.

Muito tempo ele ficou ali ajoelhado, segurando a bola. Depois apertou-a fortemente contra o coração.

Anexo D

O menino

Lygia Fagundes Telles

Sentou-se num tamborete, fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas mãos e ficou olhando para a mãe. Agora ela escovava os cabelos muito louros e curtos, puxando-os para trás. E os anéis se estendiam molemente para em seguida voltarem à posição anterior, formando uma coroa de caracóis sobre a testa. Deixou a escova, apanhou um frasco de perfume, molhou as pontas dos dedos, passou-os nos lóbulos das orelhas, no vértice do decote e em seguida umedeceu um lençinho de rendas. Através do espelho, olhou para o menino. Ele sorriu também, era linda, linda, linda! Em todo o bairro não havia uma moça linda assim.

– Quantos anos você tem, mamãe?

– Ah, que pergunta! Acho que trinta ou trinta e um, por aí, meu amor, por aí. Quer se perfumar também?

– Homem não bota perfume.

– Homem, homem! – Ela inclinou-se para beijá-lo. – Você é um nenenzinho, ouviu bem? É o meu nenenzinho.

O menino afundou a cabeça no colo perfumado. Quando não havia ninguém olhando, achava maravilhoso ser afagado como uma criancinha. Mas era preciso mesmo que não houvesse ninguém por perto.

– Agora vamos que a sessão começa às oito – avisou ela, retocando apressadamente os lábios.

O menino deu um grito, montou no corrimão da escada e foi esperá-la embaixo. Da porta, ouviu-a dizer à empregada que avisasse ao doutor que tinham ido ao cinema.

Na rua, ele andava pisando forte, o queixo erguido, os olhos acesos. Tão bom sair de mãos dadas com a mãe. Melhor ainda quando o pai não ia junto porque assim ficava sendo o cavalheiro dela. Quando crescesse haveria de se casar com uma moça igual. Anita não servia que Anita era sardenta. Nem Maria Inês com aqueles dentes saltados. Tinha que ser igualzinha à mãe.

– Você acha a Maria Inês bonita, mamãe?

– É bonitinha, sim.

– Ah! tem dentão de elefante.

E o menino chutou um pedregulho. Não, tinha que ser assim como a mãe, igualzinha à mãe. E com aquele perfume.

– Como é o nome do seu perfume?

– *Vent Vert*. Por que, filho? Você acha bom?

– Que é que quer dizer isso?

– Vento Verde.

Vento verde, vento verde. Era bonito, mas existia vento verde? Vento não tinha cor, só cheiro. Riu.

– Posso te contar uma anedota, mãe? Posso?

- Se for anedota limpa, pode.
 - Não é limpa não.
 - Então não quero saber.
 - Mas por quê, pô!?
 - Eu já disse que não quero que você diga pô.
- Ele chutou uma caixa de fósforos. Pisou-a em seguida.
- Olha, mãe, a casa do Júlio...

Júlio conversava com alguns colegas no portão. O menino fez questão de cumprimentá-los em voz alta para que todos se voltassem e ficassem assim mudos, olhando. Vejam, esta é minha mãe! – teve vontade de gritar-lhes. Nenhum de vocês tem uma mãe linda assim! E lembrou deliciado que a mãe de Júlio era grandalhona e sem graça, sempre de chinelo e conser-tando meia. Júlio devia estar agora roxo de inveja.

- Ele é bom aluno? Esse Júlio.
- Que nem eu.
- Então não é.

O menino deu uma risadinha.

- Que fita a gente vai ver?

- Não sei, meu bem.

– Você não viu no jornal? Se for fita de amor, não quero! Você não viu no jornal, hein, mamãe?

Ela não respondeu. Andava agora tão rapidamente que às vezes o menino precisava andar aos pulos para acompanhá-la. Quando chegaram à porta do cinema, ele arfava. Mas tinha no rosto uma vermelhidão feliz.

A sala de espera estava vazia. Ela comprou os ingressos e em seguida, como se tivesse perdido toda a pressa, ficou tranquilamente encostada a uma coluna, lendo o programa. O menino deu-lhe um puxão na saia.

– Mãe, mas o que é que você está fazendo?! A sessão já começou, já entrou todo mundo, pô!

Ela inclinou-se para ele. Falou num tom muito suave, mas os lábios se apertavam comprimindo as palavras e os olhos tinham aquela expressão que o menino conhecia muito bem, nunca se exaltava, nunca elevava a voz. Mas ele sabia que quando ela falava assim, nem súplicas nem lágrimas conseguiam fazê-la voltar atrás.

– Sei que já começou, mas não vamos entrar agora, ouviu? Não vamos entrar agora, espera.

O menino enfiou as mãos nos bolsos e enterrou o queixo no peito. Lançou à mãe um olhar sombrio. Por que é que não entravam logo? Tinham corrido feito dois loucos e agora aquela calma, espera. Esperar o que, pô?!

...

- É que a gente já está atrasado, mãe.

– Vá ali no balcão comprar chocolate – ordenou ela entregando-lhe uma nota nervosamente amarfanhada.

Ele atravessou a sala num andar arrastado, chutando as pontas de cigarro pela frente. Ora, chocolate. Quem é que quer chocolate? E se o enredo fosse de crime, quem é que ia entender chegando assim começado? Sem nenhum entusiasmo, pediu um tablete de chocolate. Vacilou um instan-

te e pediu em seguida um tubo de drágeas de limão e um pacote de caramelos de leite, pronto, também gastava à beça. Recebeu o troco de cara fechada. Ouviu então os passos apressados da mãe que lhe estendeu a mão com impaciência:

– Vamos, meu bem, vamos entrar.

Num salto, o menino pôs-se ao lado dela. Apertou-lhe a mão freneticamente.

– Depressa que a fita já começou, não está ouvindo a música?

Na escuridão, ficaram um instante parados, envolvidos por um grupo de pessoas, algumas entrando, outras saindo. Foi quando ela resolveu.

– Venha vindo atrás de mim.

Os olhos do menino devassavam a penumbra. Apontou para duas poltronas vazias.

– Lá, mãezinha, lá tem duas, vamos lá!

Ela olhava para um lado, para outro e não se decidia.

– Mãe, aqui tem mais duas, está vendo? Aqui não está bom? insistiu ele, puxando-a pelo braço. E olhava aflito para a tela e olhava de novo para as poltronas vazias que apareciam aqui e ali como coágulos de sombra. – Lá tem mais duas, está vendo?

Ela adiantou-se até as primeiras filas e voltou em seguida até o meio do corredor. Vacilou ainda um momento. E decidiu-se. Impeliu-o suave, mas resolutamente.

– Entre aí.

– Licença? Licença?... – ele foi pedindo. Sentou-se na primeira poltrona desocupada que encontrou, ao lado de uma outra desocupada também. – Aqui, não é, mãe?

– Não, meu bem, ali adiante – murmurou ela, fazendo-o levantar-se. Indicou os três lugares vagos quase no fim da fileira. – Lá é melhor.

Ele resmungou, pediu “licença, licença?”, e deixou-se cair pesadamente no primeiro dos três lugares. Ela sentou-se em seguida.

– Ih, é fita de amor, pô!

– Quietos, sim?

O menino pôs-se na beirada da poltrona. Esticou o pescoço, olhou para a direita, para a esquerda, remexeu-se.

– Essa bruta cabeça aí na frente!

– Quietos, já disse.

– Mas é que não estou enxergando direito, mãe! Troca comigo que não estou enxergando!

Ela apertou-lhe o braço. Esse gesto ele conhecia bem e significava apenas: não insista!

– Mas, mãe...

Inclinando-se até ele, ela falou-lhe baixinho, naquele tom perigoso, meio entre os dentes e que era usado quando estava no auge, um tom tão macio que quem a ouvisse julgaria que ela lhe fazia um elogio. Mas só ele sabia o que havia debaixo daquela maciez.

– Não quero que mude de lugar, está me escutando? Não quero. E não insista mais.

Contendo-se para não dar um forte pontapé na poltrona da frente, ele enrolou o pulôver como uma bola e sentou-se em cima. Gemeu. Mas por que aquilo tudo? Por que a mãe lhe falava daquele jeito, por quê? Não fizera nada de mal, só queria mudar de lugar, só isso... Não, desta vez ela não estava sendo nem um pouquinho camarada. Voltou-se então para lembrar-lhe que estava chegando muita gente, se não mudasse de lugar imediatamente, depois não poderia mais porque aquele era o último lugar vago que restava, “Olha aí, mamãe, acho que aquele homem vem pra cá!” Veio. Veio e sentou-se na poltrona vazia ao lado dela.

O menino gemeu, “Ai! meu Deus...” Pronto. Agora é que não restava mesmo nenhuma esperança. E aqueles dois enjoados lá na fita numa conversa comprida que não acabava mais, ela vestida de enfermeira, ele de soldado, mas por que o tipo não ia pra guerra, pô!... E a cabeçona da mulher na sua frente indo e vindo para a esquerda, para a direita, os cabelos armados a flutuarem na tela como teias monstruosas de uma aranha. Um punhado de fios formava um frouxo topete que chegava até o queixo da artista. O menino deu uma gargalhada.

– Mãe, daqui eu vejo a mocinha de cavanhaque.

– Não faça assim, filho, a fita é triste... Olha, presta atenção, agora ele vai ter que fugir com outro nome... O padre vai arrumar o passaporte.

– Mas por que ele não vai pra guerra numa vez?

– Porque ele é contra a guerra, filho, ele não quer matar ninguém – sussurrou-lhe a mãe num tom meigo. Devia estar sorrindo e ele sorriu também, ah! que bom, a mãe não estava mais nervosa, não estava mais nervosa! As coisas começavam a melhorar e para maior alegria, a mulher da poltrona da frente levantou-se e saiu. Diante dos seus olhos apareceu o retângulo inteiro da tela.

– Agora sim! – disse baixinho, desembulhando o tablete de chocolate. Meteu-o inteiro na boca e tirou os caramelos do bolso para oferecê-los à mãe. Então viu: a mão pequena e branca, muito branca, deslizou pelo braço da poltrona e pousou devagarinho nos joelhos do homem que acabara de chegar.

O menino continuou olhando, imóvel. Pasmado. Por que a mãe fazia aquilo?! Por que a mãe fazia aquilo?!... Ficou olhando sem nenhum pensamento, sem nenhum gesto. Foi então que as mãos grandes e morenas do homem tomaram avidamente a mão pequena e branca. Apertaram-na com tanta força que pareciam querer esmagá-la.

O menino estremeceu. Sentiu o coração bater descompassado, bater como só batera naquele dia na fazenda quando teve de correr como louco, perseguido de perto por um touro. O susto ressecou-lhe a boca. O chocolate foi-se transformando numa massa viscosa e amarga. Engoliu-o com esforço, como se fosse uma bola de papel. Redondos e estáticos, os olhos cravaram-se na tela. Moviam-se as imagens sem sentido num sonho fragmentado. Os letrados dançavam e se fundiam pesadamente, como chumbo derretido. Mas o menino continuava imóvel, olhando obstinadamente. Um bar esfumado, brigas, a fuga do moço de capa perseguido pela sereia da polícia, mais brigas numa esquina, tiros. A mão pequena e branca a deslizar

no escuro como um bicho. Torturas e gritos nos corredores paralelos da prisão, os homens agarrando as portas de grade, mais conspirações. Mais homens. A mão pequena e branca. A fuga, os faróis na noite, os gritos, mais tiros, tiros. O carro derrapando sem freios. Tiros. Espantosamente nítido em meio do fervilhar de sons e falas – e ele não queria, não queria ouvir! – o ciciar delicado dos dois num diálogo entre os dentes.

Antes de terminar a sessão – mas isso não acaba mais, não acaba? –, ele sentiu, mais do que sentiu, adivinhou a mão pequena e branca desprender-se das mãos morenas. E do mesmo modo manso como avançara, recuar deslizando pela poltrona e voltar a se unir à mão que ficara descansando no regaço. Ali ficaram entrelaçadas e quietas como estiveram antes.

– Está gostando, meu bem? – perguntou ela inclinando-se para o menino.

Ele fez que sim com a cabeça, os olhos duramente fixos na cena final. Abriu a boca quando o moço também abriu a sua para beijar a enfermeira. Apertou os olhos enquanto durou o beijo. Então o homem levantou-se embuçado na mesma escuridão em que chegara. O menino retesou-se, os maxilares contraídos, trêmulo. Fechou os punhos. “Eu pulo no pescoço dele, eu esgano ele!”

O olhar desvairado estava agora nas espáduas largas interceptando a tela como um muro negro. Por um brevíssimo instante ficaram paradas em sua frente. Próximas, tão próximas. Sentiu a perna musculosa do homem roçar no seu joelho, esgueirando-se rápida. Aquele contato foi como ponta de um alfinete num balão de ar. O menino foi-se descontraindo. Encolheu-se murcho no fundo da poltrona e pendeu a cabeça para o peito.

Quando as luzes se acenderam, teve um olhar para a poltrona vazia. Olhou para a mãe. Ela sorria com aquela mesma expressão que tivera diante do espelho, enquanto se perfumava. Estava corada, brilhante.

– Vamos, filhote?

Estremeceu quando a mão dela pousou no seu ombro. Sentiu-lhe o perfume. E voltou depressa a cabeça para o outro lado, a cara pálida, a boca apertada como se fosse cuspir. Engoliu penosamente. De assalto, a mão dela agarrou a sua. Sentiu-a quente, macia. Endureceu as pontas dos dedos, retesado, queria cravar as unhas naquela carne.

– Ah, não quer mais andar de mãos dadas comigo?

Ele inclinara-se, demorando mais do que o necessário para dobrar a barra da calça rancheira.

– É que não sou mais criança.

– Ah, o nenenzinho cresceu? Cresceu? – Ela riu baixinho. Beijou-lhe o rosto. – Não anda mais de mão dada?

O menino esfregou as pontas dos dedos na umidade dos beijos no queixo, na orelha. Limpou as marcas com a mesma expressão com que limpava as mãos nos fundilhos da calça quando cortava as minhocas para o anzol.

Na caminhada de volta, ela falou sem parar, comentando excitada o enredo do filme. Explicando. Ele respondia por monossílabos.

– Mas que é que você tem, filho? Ficou mudo...

– Está me doendo o dente.
 – Outra vez? Quer dizer que fugiu do dentista? Você tinha hora ontem, não tinha?
 – Ele botou uma massa. Está doendo – murmurou inclinando-se para apanhar uma folha seca. Triturou-a no fundo do bolso. E respirou abrindo a boca. – Como dói, pô.
 – Assim que chegamos você toma uma aspirina. Mas não diga, por favor, essa palavrinha que detesto.
 – Não digo mais.
 Diante da casa de Júlio, instintivamente ele retardou o passo. Teve um olhar para a janela acesa. Vislumbrou uma sombra disforme passar através da cortina.
 – Dona Margarida.
 – Hum?
 – A mãe do Júlio.
 Quando entraram na sala, o pai estava sentado na cadeira de balanço, lendo o jornal. Como todas as noites, como todas as noites. O menino estacou na porta. A certeza de que alguma coisa terrível ia acontecer paralisou-o atônito, obumbrado. O olhar em pânico procurou as mãos do pai.
 – Então, meu amor, lendo o seu jornalzinho? – perguntou ela, beijando o homem na face. – Mas a luz não está muito fraca?
 – A lâmpada maior queimou, liguei essa por enquanto – disse ele, tomando a mão da mulher. Beijou-a demoradamente. Tudo bem?
 – Tudo bem.
 O menino mordeu o lábio até sentir gosto de sangue na boca. Como nas outras noites, igual. Igual.
 – Então, filho? Gostou da fita? – perguntou o pai dobrando o jornal. Estendeu a mão ao menino e com a outra começou a acariciar o braço nu da mulher. – Pela sua cara, desconfio que não.
 – Gostei, sim.
 – Ah, confessa, filhote, você detestou, não foi? – contestou ela. – Nem eu entendi direito, uma complicação dos diabos, espionagem, guerra, máfia... Você não podia ter entendido.
 – Entendi. Entendi tudo – ele quis gritar e a voz saiu num sopro tão débil que só ele ouviu.
 – E ainda com dor de dente! – acrescentou ela desprendendo-se do homem e subindo a escada. Ah, já ia esquecendo a aspirina.
 O menino voltou para a escada os olhos cheios de lágrimas.
 – Que é isso? – estranhou o pai. – Parece até que você viu assombração. Que foi?
 O menino encarou-o demoradamente. Aquele era o pai. O pai. Os cabelos grisalhos. Os óculos pesados. O rosto feio e bom.
 – Pai... – murmurou, aproximando-se. E repetiu num fio de voz: – Pai...
 – Mas meu filho, que aconteceu? Vamos, diga!
 – Nada. Nada.
 Fechou os olhos para prender as lágrimas. Envolheu o pai num apertado abraço.

Contatos



Autora e Mestra

Jurema Avelino de Almeida



juaa38a@gmail.com



(83) 98815 1288



@juremaa.dealmeida



Jurema A. de Almeida

hermanorgs@gmail.com



Orientador

(83) 98871 9081



Drº Hermano de França Rodrigues

@hermanorgs



Hermano Rodrigues



Ilustrações

Vanessa Dias



vkarla87@gmail.com

@vandias



@urtigaarte

@vanessadiasart

@illustravan

Designer gráfico

Emanoel Deodato de Mendonça

emanoeldeodato@gmail.com



(83) 98852 1131



@emanoeldeodato



Emanoel Deodato



Apêndice B – Meu perfil leitor

Escola:
Disciplina: Língua Portuguesa
Professor:
Estudante:

Meu Perfil Leitor/a

Meu nome é: _____

Minha idade é: _____ Resido no município de: _____

Minhas preferências por leitura são: _____

As lembranças que possuo como leitor são: _____

Tive dificuldade em compreender algum texto? _____

Que importância isso tem para minha vida? _____

Identifiquei-me com alguma história? _____

Já li algum texto do gênero Conto? _____

ANEXOS

Anexo A- MÚSICAS DA MOTIVAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA**O sol nascerá**

Cartola/ Elton Medeiros

A sorrir
Eu pretendo levar a vida,
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida.
A sorrir
Eu pretendo levar a vida,
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida.
Fim da tempestade
O sol nascerá,
Fim desta saudade
Hei de ter outro alguém para amar.
A sorrir
Eu pretendo levar a vida,
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida.
Fim da tempestade
O sol nascerá,
Fim desta saudade
Hei de ter outro alguém para amar.
A sorrir
Eu pretendo levar a vida,
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida.

Vida é luta

Projota

Eu tô voltando pra casa
Deixa a luz acesa
E deixa o meu prato sob a mesa
Porque meu dia foi tão longo e minhas costas doem
Mas eu não sou do tipo, digno de dó
Em casa sempre alaga
Tomara que não chova
Da última vez foi foda
Chorei a noite toda
Eu corri pra ver o mundo que só vi da Tv e eu gostei
Agora quero apresentar pra você
É, já cedo eu aprendi a correr, vão
Os dias eu quero crescer, são
As marcas que a vida me deu,
Nos olhos que te entristeceu
A luz no fim do túnel só você pode acender
Porque o túnel é um caminho pra dentro de você

E eu sinto muito e você não acredita em mim
 Mas eu nasci pra vencer
 A vida me fez assim
 Lutar faz parte da minha conduta
 Faz parte da minha história
 E quem não teve os dias de luta
 Não conhece os dias de glória
 Algo dentro de mim me diz que eu nasci pra voar
 Mas eu não tenho asas
 Então eu vou correr tão veloz que meus pés vão descolar
 Pra te dizer que são fases
 Eu sei que tá difícil, mas são fases
 Um dia eu vou olhar pra trás e ver que são fases
 A vida é luta
 Todos os sonhos de mundo de baixo do meu capuz
 Todos os anjos torcendo pra eu carregar minha cruz
 Todos os anos tentando ser melhor do que eu fui
 Ser alguém que aqui contribui
 Acredita que a vida flui
 Ter habilidade de mudar o mundo aonde eu passar
 Ter honestidade pra vencer sem roubar
 Ter simplicidade pra viver e crescer
 Sem ter que esquecer meu lugar
 Sem desmerecer a luta
 Pra fortalecer quem sonha
 A vida é uma caixa de sonhos
 E sonho que a vida possa ser melhor
 Carrego comigo tudo que aprendi com quem vi e convivi
 Deixo aqui meu suor
 Se eu penso e existo, então posso
 Se posso eu insisto em dá meu melhor
 Não abaixo a cabeça
 Não peço licença
 Só corro atrás pra me tornar maior
 Eu sinto muito e você não acredita em mim
 Mas eu nasci pra vencer
 A vida me fez assim
 Lutar faz parte da minha conduta
 Faz parte da minha história
 E quem não teve os dias de luta
 Não conhece os dias de glória
 Algo dentro de mim me diz que eu nasci pra voar
 Mas eu não tenho asas
 Então eu vou correr tão veloz que meus pés vão descolar
 Pra te dizer que são fases
 Eu sei que tá difícil, mas são fases
 Um dia eu vou olhar pra trás e ver que são fases
 A vida é luta

Canção pro tempo

Projota

Ele acordava cedo, ele acordava cedo demais
 Ele não tinha medo de patrão, nem de capataz
 Sonhava com Camaro que ele achava demais
 Mas acordava no busão sempre no banco de trás
 Fazia um som, os moleque da área ali dizia que era bom
 Quando tava no palco ele se transformava
 Cantava um rap louco, ele rimava feito um louco
 Não ganhava nenhum troco, então ele dava um trampo
 Funcionário de metrô, sonhava tanto
 Que um dia quando ele acordou,
 Foi acusado por um erro que outro cara que errou
 Foi demitido sem direito
 Ali que o bicho pegou
 Pegou um cano, um dia junto cinco manos
 Que dizia ter um plano
 Sei que ele entrou pelo cano e na cadeia foi parar
 Sua hora vai chegar, pagando seus pecados
 Se arrependa a liberdade vai cantar
 Eu fiz essa canção pro tempo
 Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso
 Eu fiz essa canção pro tempo
 Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso
 E a liberdade cantou
 Saiu pra rua enfim
 Determinada a virar a mesa e ganhar seu próprio din
 Trabalhando de garçom era difícil demais
 Inspirado no homem na estrada do Racionais
 Ele rimava bem, foi numa batalha que ganhou
 Ficou famoso, hein, verbo de navalha
 Conheceu uma mina, que disse que era firmeza
 Pirou na sua beleza, e disse que era amor, certeza
 E com essa mina foi morar, mas nunca tinha show
 E ele não queria parar
 Atacante quer gol
 Mas a mina que era falsa, não parava de cobrar
 Disse que faltava grana, incentivando ele a roubar
 E ele disse assim
 Mina, eu tenho um sonho e vou sonhar
 Viu Mina, se cê quiser pode vazar
 Um dia o arrependimento vai te visitar
 Quando eu virar o jogo não venha me procurar
 Porque eu
 Eu fiz essa canção pro tempo
 Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso
 Eu fiz essa canção pro tempo

Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso
 E ele acreditou tanto, lutou tanto que chegou
 Gravou seu próprio disco só com a ajuda do Senhor
 Vendeu cd na rua e na internet ele bombou
 Deu uma casa pra mãe, e sua família ele ajudou
 Claro que aquela mina um dia veio procurar
 Arrependida de não ter conseguido esperar
 Com um filho nos braços pedindo pra ele cuidar
 Mas foi desmentida por um teste de DNA
 Hoje sua geladeira não se encontra mais vazia
 Cantou sobre a injustiça dessa sociedade fria
 Mudou milhões de vidas com a mensagem que escrevia
 E todo o povo repetia um refrão que ele dizia assim
 Eu fiz essa canção pro tempo
 Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso
 Eu fiz essa canção pro tempo
 Pra ver se o tempo me dá um pouco mais de tempo
 Pra ver se eu te convenço que a gente é mais que isso
 A gente é o hip hop, é o compromisso

Como uma onda no mar

Lulu Santos/ Nelson Motta

Nada do que foi será
 De novo do jeito que já foi um dia
 Tudo passa, tudo sempre passará
 A vida vem em ondas, como um mar
 Num indo e vindo infinito
 Tudo o que se vê não é
 Igual ao que a gente viu há um segundo
 Tudo muda o tempo todo no mundo
 Não adianta fugir
 Nem mentir pra si mesmo agora
 Há tanta vida lá fora
 Aqui dentro, sempre
 Como uma onda no mar
 Como uma onda no mar
 Como uma onda no mar
 Como uma onda no
 Nada do que foi será
 De novo do jeito que já foi um dia
 Tudo passa, tudo sempre passará
 A vida vem em ondas, como um mar
 Num indo e vindo infinito
 Tudo o que se vê não é
 Igual ao que a gente viu há um segundo
 Tudo muda o tempo todo no mundo
 Não adianta fugir
 Nem mentir pra si mesmo agora
 Há tanta vida lá fora
 Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar

Eu mereço ser feliz

Marquinho Índio e André Renato

O dia tava tão lindo
Fiz uma selfie sorrindo
Botei na estante só pra me lembrar
Que essa pessoa sou eu
Melhor presente é a vida
Melhor que a vida não há

E se você não se ama é que não ama ninguém
E quem vai te amar?
E viva cada momento como se fosse acabar
Não vale a pena esperar

O tempo passando na velocidade, acorda pra vida
Não pode faltar tempo pra felicidade
Acorda pra vida
Não deixe pra amanhã que pode ficar tarde
Acorda pra vida
Depois não vai chorar no bloco da saudade
Acorda pra vida

Bate no peito, grita bem alto
Abre o sorriso, canta e diz
Eu mereço ser feliz
Eu mereço ser feliz

Anexo B - CONTO DA PRIMEIRA OFICINA

Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinham um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do taxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra?

– Foi para falar sobre isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. – Hem?!

– Ah, Raquel... – e ele tomou-a pelo braço. – Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado...Juro que eu tinha que ver uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

– Podia ter escolhido um outro lugar, não? – Abrandara a voz – E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo – acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda.

Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

– Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

– Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol!...Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!...Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério.

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura.

– E você acha que eu iria?

– Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um instante numa rua afastada...- disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento –Você fez bem em vir.

– Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

– Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

– Mas eu pago.

– Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

– Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

– Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. – Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

– É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

– Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagarosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada, mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

– É imenso, hem? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente – exclamou ela atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. – Vamos embora, Ricardo, chega.

– Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da tarde, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

– Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

– Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

– É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

– Ele é tão rico assim?

– Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro.

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

– Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

– Sabe Ricardo, acho que você é mesmo tantã... Mas, apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Palavra que, quando penso, não entendo até hoje como aguentei tanto, imagine um ano!

– É que você tinha lido *A dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora.

– Nenhum – respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: – *À minha querida esposa, eternas saudades* – leu em voz baixa. – Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

– Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja- disse, apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

– Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim – Deu-lhe um rápido beijo na face. – Chega Ricardo, quero ir embora.

– Mais alguns passos...

– Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! – Olhou para atrás. – Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

– A boa vida te deixou preguiçosa. Que feio – lamentou ele, impelindo-a para frente. – Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr do sol. – E, tomando-a pela cintura: – Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

– Sua prima também?

– Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

– Vocês se amaram?

– Ela me amou. Foi a única criatura que... - Fez um gesto. – Enfim não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o

– Eu gostei de você, Ricardo.

– E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

– Esfriou, não? Vamos embora.

– Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

– Que triste é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui? Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu melancólico.

– Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que eu mais amo neste cemitério é precisamente esse abandono, esta solidão. As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semi-obscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

– E lá embaixo?

– Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó- murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. – A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

– Todas estas gavetas estão cheias?

– Cheias?... Só as que tem o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe- prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado, embutido no centro da gaveta.

Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

– Vamos, Ricardo, vamos.

– Você está com medo.

– Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

– A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato. Foi umas duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e vejo-a se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... - Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não, não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

– Que frio que faz aqui. E que escuro, não estou enxergando!

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

– Pegue, dá para ver muito bem...- Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

– Mas estão tão desbotados, mal se vê que é uma moça...- Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil oitocentos e falecida...- Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel – Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso? Brincadeira mais cretina! – exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco. - Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

– Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. – Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

– Boa noite, Raquel.

– Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... – Gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo.- Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. – Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

– Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

– NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Anexo C - MÚSICA DO INTERVALO DA PRIMEIRA OFICINA**N**

Nando Reis

E agora, o que eu vou fazer?
Se os seus lábios ainda estão molhando os lábios meus?
E as lágrimas não secaram com o sol que fez?
E agora, como eu posso te esquecer?
Se o seu cheiro ainda está no travesseiro?
E o seu cabelo está enrolado no meu peito
Espero que o tempo passe
Espero que a semana acabe
Pra que eu possa te ver de novo
Espero que o tempo voe
Para que você retorne
Pra que eu possa te abraçar, te beijar
De novo
E agora, como eu faço sem você?
Se o seu nome está gravado
No meu braço como um selo
Nossos nomes que têm o N como um elo
E agora, como posso te perder?
Se o teu corpo ainda guarda o meu prazer?
E meu corpo está moldado com o teu?
Espero que o tempo passe
Espero que a semana acabe
Pra que eu possa te ver de novo
Espero que o tempo voe
Para que você retorne
Pra que eu possa te abraçar
Espero que o tempo passe
Espero que a semana acabe
Pra que eu possa te ver de novo
Espero que o tempo voe
Para que você retorne
Pra que eu possa te abraçar, te beijar
De novo
De novo, de novo, de novo

Anexo D - TEXTO DA MOTIVAÇÃO DA SEGUNDA OFICINA**Soneto de fidelidade**

Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama

Anexo E - CONTO DA SEGUNDA OFICINA

Natal na barca Lygia Fagundes Telles

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentindo então alguns respingos no rosto, inclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

— Tão gelada — estranhei, enxugando a mão.

— Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com um meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Reparei que suas roupas (pobres roupas puídas) tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

— De manhã esse rio é quente — insistiu ela, me encarando.

— Quente?

— Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas. E respondi com uma outra pergunta:

— Mas a senhora mora aqui perto?

— Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era tranquilo.

— Seu filho?

— É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que eu devia consultar um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem, mas de repente piorou. Uma febre, só febre... --- Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo, mas o olhar tinha a expressão doce. --- Só sei que Deus não vai me abandonar.

— É o caçula?

— É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, vou voar! E atirou-se. A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Atirei o cigarro na direção do rio e o toco bateu na grade, voltou e veio rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E esse? Que idade tem?

— Vai completar um ano. — E, noutro tom, inclinando a cabeça para o ombro: — Era um menino tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado... A última mágica que fez foi perfeita, vou voar! disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços (os tais laços humanos) já ameaçavam me envolver. Consegui evitá-los até aquele instante. E agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera?

— Meu marido me abandonou.

Sentei-me e tive vontade de rir. Era incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta, mas agora não podia mais parar.

— Há muito tempo?

— Faz uns seis meses. Vivíamos tão bem, mas tão bem. Foi quando ele encontrou por acaso essa antiga namorada, me falou nela fazendo uma brincadeira, a Bila enfeiou, sabe que de nós dois fui eu que acabei ficando mais bonito? Não tocou mais no assunto. Uma manhã ele se levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda fez assim com a mão, eu estava na cozinha lavando a louça e ele me deu um adeus através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela no meio... Mas eu estava com a mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Fixei-me nas nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter realmente participado deles. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos, aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.

— A senhora é conformada.

— Tenho fé, dona. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

— A senhora não acredita em Deus?

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som débil da minha afirmativa, sem saber por que, perturbei-me. Agora entendia. Aí estava o segredo daquela segurança, daquela calma. Era a tal fé que removia montanhas...

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua afora, enfiei um casaco e saí descalça e chorando feito louca, chamando por ele! Sentei num banco do jardim onde toda tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tamanha força, que ele, que gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, se mostrasse só um instante, ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio rindo ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... Era tamanha sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei-me para o rio. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim.

— Estamos chegando — anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, correr para longe daquele horror. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia.

— Chegamos!... Ei! chegamos!

Aproximei-me evitando encará-la.

— Acho melhor nos despedirmos aqui — disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

— Acordou?!

Ela sorriu:

— Veja...

Inclinei-me. A criança abria os olhos — aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

— Então, bom Natal! — disse ela, enfiando a sacola no braço.

Encarei-a. Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa e acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim retomando seu afetuoso diálogo com o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.

Anexo F - MÚSICA DO INTERVALO DA SEGUNDA OFICINA**Bem mais que tudo**

Bem mais que as forças
Poder e reis
Que a natureza e tudo que se fez
Bem mais que tudo, criado por tuas mãos
Deus, tu és o início, meio e fim

Bem mais que os mares
Bem mais que o sol
E as maravilhas que o mundo conheceu
E as riquezas e tesouros desta Terra
Incomparável és pra mim

Por amor, sua vida entregou
Meu Senhor, humilhado foi
Como a flor machucada no jardim
Morreu por mim, pensou em mim
Me amou

Bem mais que as forças
Poder e reis
Que a natureza e tudo que se fez
Bem mais que tudo, criado por tuas mãos
Deus tu és o início, meio e fim

Bem mais que os mares
Bem mais que o sol
E as maravilhas que o mundo conheceu
E as riquezas, tesouros desta Terra
Incomparável és pra mim

Por amor, sua vida entregou
Meu Senhor, humilhado foi
Como a flor machucada no jardim
Morreu por mim, pensou em mim
Me amou

Por amor, sua vida entregou
Meu Senhor, humilhado foi
Como a flor machucada no jardim
Morreu por mim, pensou em mim
Me amou

Como a flor machucada no jardim
Morreu por mim, pensou em mim
Me amou

Anexo G - CONTO DA TERCEIRA OFICINA

Biruta

Lygia Fagundes Telles

Alonso foi para o quintal carregando uma bacia cheia de louça suja. Andava com dificuldade, tentando equilibrar a bacia que era demasiado pesada para seus bracinhos finos.

- Biruta, êh, Biruta! - chamou sem se voltar.

O cachorro saiu de dentro da garagem. Era pequenino e branco, uma orelha em pé e a outra completamente caída.

- Sente-se aí, Biruta, que vamos ter uma conversinha - disse Alonso pousando a bacia ao lado do tanque. Ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos.

Biruta sentou-se muito atento, inclinando interrogativamente a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como se quisesse apreender melhor as palavras do seu dono. A orelha caída ergueu-se um pouco, enquanto a outra empinou, aguda e ereta. Entre elas, formaram-se dois vincos, próprios de uma testa franzida do esforço de meditação.

- Leduína disse que você entrou no quarto dela - começou o menino num tom brando. - E subiu em cima da cama e focinhou as cobertas e mordeu uma carteirinha de couro que ela deixou lá. A carteira era meio velha e ela não ligou muito. Mas se fosse uma carteira nova, Biruta! Se fosse uma carteira nova! Me diga agora o que é que ia acontecer se ela fosse uma carteira nova!? Leduína te dava uma surra e eu não podia fazer nada, como daquela outra vez que você arreventou a franja da cortina, lembra? Você se lembra muito bem, sim senhor, não precisa fazer essa cara de inocente!...

Biruta deitou-se, enfiou o focinho entre as patas e baixou a orelha. Agora, ambas as orelhas estavam no mesmo nível, murchas, as pontas quase tocando o chão. Seu olhar interrogativo parecia perguntar: "Mas o que foi que eu fiz, Alonso? Não me lembro de nada..."

- Lembra sim senhor! E não adianta ficar aí com essa cara de doente, que não acredito, ouviu? Ouviu, Biruta?! - repetiu Alonso lavando furiosamente os pratos. Com um gesto irritado, arregaçou as mangas que já escorregavam sobre os pulsos finos. Sacudiu as mãos cheias de espuma. Tinha as mãos de velho.

- Alonso, anda ligeiro com essa louça! - gritou Leduína, aparecendo por um momento na janela da cozinha. - Já está escurecendo, tenho que sair!

- Já vou indo - respondeu o menino enquanto removia a água da boca. Voltou-se para o cachorro. E seu rostinho pálido se confrangeu de tristeza. Por que Biruta não se emendava, por que? Por que razão não se esforçava um pouco para ser merlhorzinho? Dona Zulu já andava impaciente. Leduína também. Biruta fez isso, Biruta fez aquilo...

Lembrou-se do dia em que o cachorro entrou na geladeira e tirou de lá a carne. Leduína ficou desesperada, vinham visitas para o jantar, precisava encher os pastéis, "Alonso, você não viu onde deixei a carne?" Ele estremeceu. Biruta! Disfarçadamente, foi à garagem no fundo do quintal, onde dormia com o cachorro num velho colchão metido num ângulo de parede. Biruta estava lá deitado bem em cima do travesseiro, com a posta de carne entre as patas, comendo tranquilamente. Alonso arrancou-lhe a carne, escondeu-a dentro da camisa e voltou à cozinha. Deteve-se na porta ao ouvir Leduína queixar-se à dona Zulu que a carne desaparecera, aproximava-se a hora do jantar e o açougue já estava fechado, "o que é que eu faço, dona Zulu?!"

Ambas estavam na sala. Podia entrever a patroa a escovar freneticamente os cabelos. Ele então tirou a carne de dentro da camisa, ajeitou o papel já todo roto que a envolvia e entrou com a posta na mão.

- Está aqui Leduína.

- Mas falta um pedaço!

- Esse pedaço eu tirei pra mim. Eu estava com vontade de comer um bife e aproveitei quando você foi na quitanda.

- Mas por que você escondeu o resto? - perguntou a patroa, aproximando-se.

- Porque fiquei com medo.

Tinha bem vivo na memória a dor que sentira nas mãos corajosamente abertas para os golpes da escova. Lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Os dedos foram ficando roxos, mas ela continuava batendo com aquele mesmo vigor obstinado com que escovara os cabelos, batendo, batendo, como se não pudesse parar mais.

- Atrevido! Ainda te devolvo pro asilo, seu ladrãozinho!

Quando ele voltou à garagem, Biruta já estava lá, as duas orelhas caídas, o focinho entre as patas, piscando, piscando os olhinhos ternos. "Biruta, Biruta, apanhei por sua causa, mas não faz mal."

Biruta então ganiu sentidamente. Lambeu-lhe as lágrimas. Lambeu-lhe as mãos.

Isso tinha acontecido há duas semanas. E agora Biruta mordera a carteirinha de Leduína. E se fosse a carteira de dona Zulu?

- Hem, Biruta?! E se fosse a carteira de dona Zulu?

Já desinteressado, Biruta mascava uma folha seca.

- Por que você não arrebenta minhas coisas? - prosseguiu o menino elevando a voz. - Você sabe que tem todas as minhas coisas pra morder, não sabe? Pois agora não te dou presente de Natal, está acabado. você vai ver se ganha alguma coisa. Você vai ver!...

Girou sobre os calcanhares, dando as costas ao cachorro. Resmungou ainda enquanto empilhava a louça na bacia. Em seguida, calou-se, esperando qualquer reação por parte do cachorro. Como a reação tardasse, lançou-lhe um olhar furtivo. Biruta dormia profundamente.

Alonso então sorriu. Biruta era como uma criança. Por que não entendiam isso? Não fazia nada por mal, queria só brincar... Por que dona Zulu tinha tanta raiva dele? Ele só queria brincar, como as crianças. Por que dona Zulu tinha tanta raiva de crianças?

Uma expressão desolada amarfanhou o rostinho do menino. "Por que dona Zulu tem que ser assim? O doutor é bom, quer dizer, nunca se importou nem comigo nem com você, é como se a gente não existisse, Leduína tem aquele jeitão dela, mas duas vezes já me protegeu. Só dona Zulu não entende que você é que nem uma criancinha. Ah Biruta, Biruta, cresça logo, pelo amor de Deus! Cresça logo e fique um cachorro sossegado, com bastante pêlo e as duas orelhas de pé! Você vai ficar lindo quando crescer, Biruta, eu sei que vai!"

- Alonso! - Era a voz de Leduína. - Deixe de falar sozinho e traga logo essa bacia. Já está quase noite, menino.

- Chega de dormir, seu vagabundo! - disse Alonso espargindo água no focinho do cachorro.

Biruta abriu os olhos, bocejou com um ganido e levantou-se, estirando as patas dianteiras, num longo espreguiçamento.

O menino equilibrou penosamente a bacia na cabeça. Biruta seguiu-o aos pulos, mordendo-lhe os tornozelos, dependurando-se com os dentes na barra do seu avental.

- Aproveita, seu bandidinho! - riu-se Alonso. - Aproveita que eu estou com a mão ocupada, aproveita!

Assim que colocou a bacia na mesa, ele inclinou-se para agarrar o cachorro. Mas Biruta esquivou-se, latindo. O menino vergou o corpo sacudido pelo riso.

- Aí, Leduína que o Biruta judiou de mim!...

A empregada pôs-se guardar rapidamente a louça. Estendeu-lhe uma caçarola com batatas:

- Olhai para o seu jantar. Tem ainda arroz e carne no forno.

- Mas só eu vou jantar? - surpreendeu-se Alonso ajeitando a caçarola no colo.

- Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa. Você vai jantar sozinho.

Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo para debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro: Biruta estava lá. Alonso suspirou. Era bom quando Biruta resolvia se sentar! Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada. A trégua. Voltou-se para Leduína.

- O que o seu filho vai ganhar?

- Um cavalinho - disse a mulher. A voz suavizou. - Quando ele acordar amanhã, vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentado que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

- Lá no asilo, no Natal, apareciam uns moços com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. A madrinha. Um dia, me deu sapato, um casaquinho de malha e uma camisa.

- Por que ela não ficou com você?

- Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois, não sei por que ela não apareceu mais...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno a vasilha. Apertou os olhos. Deles, irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos seguidos esperou por ela. Pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem lhe sabia o nome,

não sabia nada a seu respeito, era apenas "a madrinha". Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa, quando então se reunia os meninos na capela. Ah, se ele pudesse ouvi-lo!

"... O bom Jesus é quem nos traz
A mensagem de amor e alegria"...

- Também, é uma responsabilidade tirar crianças pra criar! - disse Leduína desamarrando o avental - Já chega os que a gente tem.

Alonso baixou o olhar. E de repente sua fisionomia iluminou-se. Puxou o cachorro pelo rabo.

- Êh Biruta! Está com fome, Biruta? Seu vagabundo! Vagabundo!... Sabe Leduína, Biruta também vai ganhar um presente que está escondido lá debaixo do meu travesseiro. Com aquele dinheirinho que você me deu, lembra. Comprei uma bola de borracha, uma beleza de bola! Agora ele não vai precisar mais morder suas coisas, tem a bolinha só pra isso. Ele não vai mais mexer em nada, sabe, Leduína?

- Hoje cedo ele não esteve no quarto de dona Zulu?

O menino empalideceu.

- Só se foi na hora que eu fui lavar o automóvel... Por que Leduína? Por quê? Que foi que aconteceu?

Ela hesitou. E encolheu os ombros.

- Nada. Perguntei à toa.

A porta abriu-se bruscamente e a patroa apareceu. Alonso encolheu-se um pouco. Sondou a fisionomia da mulher. Mas ela estava sorridente. O menino sorriu também.

- Ainda não foi pra sua festa, Leduína? - perguntou a moça num tom afável. Abotoava os punhos do vestido de renda. - Pensei que você já tivesse saído... - E antes que a empregada respondesse, ela voltou-se para Alonso: - Então? preparando seu jantarzinho?

O menino baixou a cabeça. Quando ela lhe falava assim mansamente, ele não sabia o que dizer.

- O Biruta está limpo, não está? - Prosseguiu a mulher, inclinando-se para fazer uma carícia na cabeça do cachorro. Biruta baixou as orelhas, ganiu dolorido e escondeu-se debaixo do fogão.

Alonso tentou encobrir-lhe a fuga:

- Biruta, Biruta! Cachorro mais bobo, deu agora de se esconder... - Voltou-se para a patroa. E sorriu desculpando-se: - Até de mim ele se esconde.

A mulher pousou a mão no ombro do menino:

- Vou numa festa onde tem um menininho assim do seu tamanho. Ele adora cachorros. Então me lembrei de levar o Biruta emprestado só por esta noite. O pequeno está doente, vai ficar radiante, o pobrezinho. Você empresta só por hoje, não empresta? O automóvel já está na porta. Ponha ele lá que já estamos de saída.

O rosto do menino resplandeceu. Mas então era isso?!... Dona Zulu pedindo o Biruta emprestado, precisando do Biruta! abriu a boca para dizer-lhe que sim, que o Biruta estava limpinho e que ficaria contente de emprestá-lo ao menino doente. Mas sem dar-lhe tempo de responder, a mulher saiu apressadamente da cozinha.

- Viu Biruta? Você vai numa festa! - exclamou. - Numa festa de crianças, com doces, com tudo! Numa festa, seu sem-vergonha! - Repetiu, beijando o focinho do cachorro. - Mas, pelo amor de Deus, tenha juízo, nada de desordens! Se você se comportar, amanhã cedinho te dou uma coisa. Vou te esperar acordado, hem? Tem um presente no seu sapato... - acrescentou num sussurro, com a boca encostada na orelha do cachorro. Apertou-lhe a pata. - Te espero acordado, Biru... Mas não demore muito!

O patrão já estava na direção do carro. Alonso aproximou-se.

- O Biruta, doutor.

O homem voltou-se ligeiramente. Baixou os olhos.

- Está bem, está bem. Deixe ele aí atrás.

Alonso ainda beijou o focinho do cachorro. Em seguida, fez-lhe uma última carícia, colocou-o no assento do automóvel e afastou-se correndo.

- Biruta vai adorar a festa! - exclamou assim que entrou na cozinha - E lá tem doces, tem crianças, ele não quer outra coisa! - Fez uma pausa. Sentou-se. - Hoje festa em toda parte, não, Leduína?

A mulher já se preparava para sair.

- Decerto.

Alonso pôs-se a mastigar pensativamente.

- Foi hoje que Nossa Senhora fugiu no burrinho?

- Não, menino. Foi hoje que Jesus nasceu. Depois então é que aquele rei manda prender os três.

Alonso concentrou-se:

- Sabe, Leduína, se algum rei malvado quisesse matar o Biruta, eu me escondia com ele no meio do mato e ficava morando lá a vida inteira, só nós dois! Riu-se metendo uma batata na boca. E de repente ficou sério, ouvindo o ruído do carro que já saía. - Dona Zulu estava linda, não?

- Estava.

- E tão boazinha. Você não achou que hoje ela estava boazinha?

- Estava, estava muito boazinha...

- Por que você está rindo?

- Nada - respondeu ela pegando a sacola. Dirigiu-se à porta. Mas antes parecia querer dizer alguma coisa de desagradável e por isso hesitava, contraindo a boca.

Alonso observou-a. E julgou adivinhar o que a preocupava.

- Sabe, Leduína. Você não precisa dizer pra dona Zulu que ele mordeu sua carteirinha, eu já falei com ele, já surrei ele. Não vai fazer isso nunca, eu prometo que não.

A mulher voltou-se para o menino. Pela primeira vez, encarou-o. Vacilou ainda um instante. Decidiu-se:

- Olha aqui. se eles gostam de enganar os outros, eu não gosto, entendeu? Ela mentiu pra você, Biruta não vai mais voltar.

- Não vai o quê - perguntou Alonso pondo a caçarola em cima da mesa. Engoliu com dificuldade o pedaço de batata que ainda tinha na boca. Levantou-se - Não vai o quê, Leduína?

- Não vai mais voltar. Hoje cedo ele foi no quarto dela e rasgou um pé de meia que estava no chão. Ela ficou daquele jeito. Mas não te disse nada e agora de tardinha, enquanto você lavava a louça, escutei a conversa dela com o doutor: que não queria mais esse vira-lata, que ele tinha que ir embora hoje mesmo, e mais isso. e mais aquilo... o doutor pediu pra ela esperar, que amanhã dava um jeito, você ia sentir muito, hoje era Natal... Não adiantou. Vão soltar o cachorro bem longe daqui e depois vão pra festa. Amanhã ela vinha dizer que o cachorro fugiu da casa do tal menino. Mas eu não gosto dessa história de enganar os outros, não gosto. É melhor que você fique sabendo desde já, o Biruta não vai voltar.

Alonso fixou na mulher o olhar inexpressivo. Abiu a boca. A voz era um sopro.

- Não?...

Ela perturbou-se.

- Que gente também! - explodiu. Bateu desajeitadamente no ombro do menino. - Não se importe, não, filho. Vai, vai jantar.

Ele deixou cair os braços ao longo do corpo. E arrastando os pés, num andar de velho, foi saindo para o quintal. Dirigiu-se à garagem. A porta de ferro estava erguida. A luz fria do luar chegava até a borda do colchão desmantelado.

Alonso travou os olhos brilhantes num pedaço de osso roído, meio encoberto sob um rasgão do lençol. Ajoelhou-se. Estendeu a mão tateante. Tirou de baixo do travesseiro uma bola de borracha.

- Biruta - chamou baixinho - Biruta... - E desta vez só os lábios se moveram e não saiu som algum.

Muito tempo ele ficou ali ajoelhado, segurando a bola. Depois apertou-a fortemente contra o coração.

Anexo H - CONTO DA QUARTA OFICINA

O MENINO

Lygia Fagundes Telles

Sentou-se num tamborete, fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas mãos e ficou olhando para a mãe. Agora ela escovava os cabelos muito louros e curtos, puxando-os para trás. E os anéis se estendiam molemente para em seguida voltarem à posição anterior, formando uma coroa de caracóis sobre a testa. Deixou a escova, apanhou um frasco de perfume, molhou as pontas dos dedos, passou-os nos lóbulos das orelhas, no vértice do decote e em seguida umedeceu um lençinho de rendas. Através do espelho, olhou para o menino. Ele sorriu também, era linda, linda, linda! Em todo o bairro não havia uma moça linda assim.

– Quantos anos você tem, mamãe?

– Ah, que pergunta! Acho que trinta ou trinta e um, por aí, meu amor, por aí. Quer se perfumar também?

– Homem não bota perfume.

– Homem, homem! – Ela inclinou-se para beijá-lo. – Você é um nenenzinho, ouviu bem? É o meu nenenzinho.

O menino afundou a cabeça no colo perfumado. Quando não havia ninguém olhando, achava maravilhoso ser afagado como uma criancinha. Mas era preciso mesmo que não houvesse ninguém por perto.

– Agora vamos que a sessão começa às oito – avisou ela, retocando apressadamente os lábios.

O menino deu um grito, montou no corrimão da escada e foi esperá-la embaixo. Da porta, ouviu-a dizer à empregada que avisasse ao doutor que tinham ido ao cinema.

Na rua, ele andava pisando forte, o queixo erguido, os olhos acesos. Tão bom sair de mãos dadas com a mãe. Melhor ainda quando o pai não ia junto porque assim ficava sendo o cavalheiro dela. Quando crescesse haveria de se casar com uma moça igual. Anita não servia que Anita era sardenta. Nem Maria Inês com aqueles dentes saltados. Tinha que ser igualzinha à mãe.

– Você acha a Maria Inês bonita, mamãe?

– É bonitinha, sim.

– Ah! tem dentão de elefante.

E o menino chutou um pedregulho. Não, tinha que ser assim como a mãe, igualzinha à mãe. E com aquele perfume.

– Como é o nome do seu perfume?

– *Vent Vert*. Por que, filho? Você acha bom?

– Que é que quer dizer isso?

– Vento Verde.

Vento verde, vento verde. Era bonito, mas existia vento verde? Vento não tinha cor, só cheiro. Riu.

– Posso te contar uma anedota, mãe? Posso?

– Se for anedota limpa, pode.

– Não é limpa não.

– Então não quero saber.

– Mas por quê, pô!?

– Eu já disse que não quero que você diga pô.

Ele chutou uma caixa de fósforos. Pisou-a em seguida.

– Olha, mãe, a casa do Júlio...

Júlio conversava com alguns colegas no portão. O menino fez questão de cumprimentá-los em voz alta para que todos se voltassem e ficassem assim mudos, olhando. Vejam, esta é minha mãe! – teve vontade de gritar-lhes. Nenhum de vocês tem uma mãe linda assim! E lembrou deliciado que a mãe de Júlio era grandalhona e sem graça, sempre de chinelo e consertando meia. Júlio devia estar agora roxo de inveja.

– Ele é bom aluno? Esse Júlio.

– Que nem eu.

– Então não é.

O menino deu uma risadinha.

– Que fita a gente vai ver?

– Não sei, meu bem.

– Você não viu no jornal? Se for fita de amor, não quero! Você não viu no jornal, hein, mamãe?

Ela não respondeu. Andava agora tão rapidamente que às vezes o menino precisava andar aos pulos para acompanhá-la. Quando chegaram à porta do cinema, ele arfava. Mas tinha no rosto uma vermelhidão feliz.

A sala de espera estava vazia. Ela comprou os ingressos e em seguida, como se tivesse perdido toda a pressa, ficou tranquilamente encostada a uma coluna, lendo o programa. O menino deu-lhe um puxão na saia.

– Mãe, mas o que é que você está fazendo?! A sessão já começou, já entrou todo mundo, pô!

Ela inclinou-se para ele. Falou num tom muito suave, mas os lábios se apertavam comprimindo as palavras e os olhos tinham aquela expressão que o menino conhecia muito bem, nunca se exaltava, nunca elevava a voz. Mas ele sabia que quando ela falava assim, nem súplicas nem lágrimas conseguiam fazê-la voltar atrás.

– Sei que já começou, mas não vamos entrar agora, ouviu? Não vamos entrar agora, espera.

O menino enfiou as mãos nos bolsos e enterrou o queixo no peito. Lançou à mãe um olhar sombrio. Por que é que não entravam logo? Tinham corrido feito dois loucos e agora aquela calma, espera. Esperar o que, pô?!...

– É que a gente já está atrasado, mãe.

– Vá ali no balcão comprar chocolate – ordenou ela entregando-lhe uma nota nervosamente amarfanhada.

Ele atravessou a sala num andar arrastado, chutando as pontas de cigarro pela frente. Ora, chocolate. Quem é que quer chocolate? E se o enredo fosse de crime, quem é que ia entender chegando assim começado? Sem nenhum entusiasmo, pediu um tablete de chocolate. Vacilou um instante e pediu em seguida um tubo de drágeas de limão e um pacote de caramelos de leite, pronto, também gastava à beça. Recebeu o troco de cara fechada. Ouviu então os passos apressados da mãe que lhe estendeu a mão com impaciência:

– Vamos, meu bem, vamos entrar.

Num salto, o menino pôs-se ao lado dela. Apertou-lhe a mão freneticamente.

– Depressa que a fita já começou, não está ouvindo a música?

Na escuridão, ficaram um instante parados, envolvidos por um grupo de pessoas, algumas entrando, outras saindo. Foi quando ela resolveu.

– Venha vindo atrás de mim.

Os olhos do menino devassavam a penumbra. Apontou para duas poltronas vazias.

– Lá, mãezinha, lá tem duas, vamos lá!

Ela olhava para um lado, para outro e não se decidia.

– Mãe, aqui tem mais duas, está vendo? Aqui não está bom? insisti eu, puxando-a pelo braço. E olhava aflito para a tela e olhava de novo para as poltronas vazias que apareciam aqui e ali como coágulos de sombra. – Lá tem mais duas, está vendo?

Ela adiantou-se até as primeiras filas e voltou em seguida até o meio do corredor. Vacilou ainda um momento. E decidiu-se. Impeliu-o suave, mas resolutamente.

– Entre aí.

– Licença? Licença?... – ele foi pedindo. Sentou-se na primeira poltrona desocupada que encontrou, ao lado de uma outra desocupada também. – Aqui, não é, mãe?

– Não, meu bem, ali adiante – murmurou ela, fazendo-o levantar-se. Indicou os três lugares vagos quase no fim da fileira. – Lá é melhor.

Ele resmungou, pediu “licença, licença?”, e deixou-se cair pesadamente no primeiro dos três lugares. Ela sentou-se em seguida.

– Ih, é fita de amor, pô!

– Quietos, sim?

O menino pôs-se na beirada da poltrona. Esticou o pescoço, olhou para a direita, para a esquerda, remexeu-se.

– Essa bruta cabeçona aí na frente!

– Quietos, já disse.

– Mas é que não estou enxergando direito, mãe! Troca comigo que não estou enxergando!

Ela apertou-lhe o braço. Esse gesto ele conhecia bem e significava apenas: não insista!

– Mas, mãe...

Inclinando-se até ele, ela falou-lhe baixinho, naquele tom perigoso, meio entre os dentes e que era usado quando estava no auge, um tom tão macio que quem a ouvisse julgaria que ela lhe fazia um elogio. Mas só ele sabia o que havia debaixo daquela maciez.

– Não quero que mude de lugar, está me escutando? Não quero. E não insista mais.

Contendo-se para não dar um forte pontapé na poltrona da frente, ele enrolou o pulôver como uma bola e sentou-se em cima. Gemeu. Mas por que aquilo tudo? Por que a mãe lhe falava daquele jeito, por quê? Não fizera nada de mal, só queria mudar de lugar, só isso... Não, desta vez ela não estava sendo nem um pouquinho camarada. Voltou-se então para lembrar-lhe que estava chegando muita gente, se não mudasse de lugar imediatamente, depois não poderia mais porque aquele era o último lugar vago que restava, “Olha aí, mamãe, acho que aquele homem vem pra cá!” Veio. Veio e sentou-se na poltrona vazia ao lado dela.

O menino gemeu, “Ai! meu Deus...” Pronto. Agora é que não restava mesmo nenhuma esperança. E aqueles dois enjoados lá na fita numa conversa comprida que não acabava mais, ela vestida de enfermeira, ele de soldado, mas por que o tipo não ia pra guerra, pô!... E a cabeçona da mulher na sua frente indo e vindo para a esquerda, para a direita, os cabelos armados a flutuarem na tela como teias monstruosas de uma aranha. Um punhado de fios formava um frouxo topete que chegava até o queixo da artista. O menino deu uma gargalhada.

– Mãe, daqui eu vejo a mocinha de cavanhaque.

– Não faça assim, filho, a fita é triste... Olha, presta atenção, agora ele vai ter que fugir com outro nome... O padre vai arrumar o passaporte.

– Mas por que ele não vai pra guerra duma vez?

– Porque ele é contra a guerra, filho, ele não quer matar ninguém – sussurrou-lhe a mãe num tom meigo. Devia estar sorrindo e ele sorriu também, ah! que bom, a mãe não estava mais nervosa, não estava mais nervosa! As coisas começavam a melhorar e para maior alegria, a mulher da poltrona da frente levantou-se e saiu. Diante dos seus olhos apareceu o retângulo inteiro da tela.

– Agora sim! – disse baixinho, desembrulhando o tablete de chocolate. Meteu-o inteiro na boca e tirou os caramelos do bolso para oferecê-los à mãe. Então viu: a mão pequena e branca, muito branca, deslizou pelo braço da poltrona e pousou devagarinho nos joelhos do homem que acabara de chegar.

O menino continuou olhando, imóvel. Pasmado. Por que a mãe fazia aquilo?! Por que a mãe fazia aquilo?!... Ficou olhando sem nenhum pensamento, sem nenhum gesto. Foi então que as mãos grandes e morenas do homem tomaram avidamente a mão pequena e branca. Apertaram-na com tanta força que pareciam querer esmagá-la.

O menino estremeceu. Sentiu o coração bater descompassado, bater como só batera naquele dia na fazenda quando teve de correr como louco, perseguido de perto por um touro. O susto ressecou-lhe a boca. O chocolate foi-se transformando numa massa viscosa e amarga. Engoliu-o com esforço, como se fosse uma bola de papel. Redondos e estáticos, os olhos cravaram-se na tela. Moviam-se as imagens sem sentido num sonho fragmentado. Os letrados dançavam e se fundiam pesadamente, como chumbo derretido. Mas o menino continuava imóvel, olhando obstinadamente. Um bar esfumado, brigas, a fuga do moço de capa perseguido pela sereia da polícia, mais brigas numa esquina, tiros. A mão pequena e branca a deslizar no escuro como um bicho. Torturas e gritos nos corredores paralelos da prisão, os homens agarrando as portas de grade, mais conspirações. Mais homens. A mão pequena e branca. A fuga, os faróis na noite, os gritos, mais tiros, tiros. O carro derrapando sem freios. Tiros. Espantosamente nítido em meio do fervilhar de sons e falas – e ele não queria, não queria ouvir! – o ciciar delicado dos dois num diálogo entre os dentes.

Antes de terminar a sessão – mas isso não acaba mais, não acaba? -, ele sentiu, mais do que sentiu, adivinhou a mão pequena e branca desprender-se das mãos morenas. E do mesmo modo manso como avançara, recuar deslizando pela poltrona e voltar a se unir à mão que ficara descansando no regaço. Ali ficaram entrelaçadas e quietas como estiveram antes.

– Está gostando, meu bem? – perguntou ela inclinando-se para o menino.

Ele fez que sim com a cabeça, os olhos duramente fixos na cena final. Abriu a boca quando o moço também abriu a sua para beijar a enfermeira. Apertou os olhos enquanto durou o beijo. Então o homem levantou-se empuçado na mesma escuridão em que chegara. O menino retesou-se, os maxilares contraídos, trêmulo. Fechou os punhos. “Eu pulo no pescoço dele, eu esgano ele!”

O olhar desvairado estava agora nas espáduas largas interceptando a tela como um muro negro. Por um brevíssimo instante ficaram paradas em sua frente. Próximas, tão próximas. Sentiu a perna musculosa do homem roçar no seu joelho, esgueirando-se rápida. Aquele contato

foi como ponta de um alfinete num balão de ar. O menino foi-se descontraindo. Encolheu-se murcho no fundo da poltrona e pendeu a cabeça para o peito.

Quando as luzes se acenderam, teve um olhar para a poltrona vazia. Olhou para a mãe. Ela sorria com aquela mesma expressão que tivera diante do espelho, enquanto se perfumava. Estava corada, brilhante.

– Vamos, filhote?

Estremeceu quando a mão dela pousou no seu ombro. Sentiu-lhe o perfume. E voltou depressa a cabeça para o outro lado, a cara pálida, a boca apertada como se fosse cuspir. Engoliu penosamente. De assalto, a mão dela agarrou a sua. Sentiu-a quente, macia. Endureceu as pontas dos dedos, retesado, queria cravar as unhas naquela carne.

– Ah, não quer mais andar de mãos dadas comigo?

Ele inclinara-se, demorando mais do que o necessário para dobrar a barra da calça rancheira.

– É que não sou mais criança.

– Ah, o nenenzinho cresceu? Cresceu? – Ela riu baixinho. Beijou-lhe o rosto. – Não anda mais de mão dada?

O menino esfregou as pontas dos dedos na umidade dos beijos no queixo, na orelha. Limpou as marcas com a mesma expressão com que limpava as mãos nos fundilhos da calça quando cortava as minhocas para o anzol.

Na caminhada de volta, ela falou sem parar, comentando excitada o enredo do filme. Explicando. Ele respondia por monossílabos.

– Mas que é que você tem, filho? Ficou mudo...

– Está me doendo o dente.

– Outra vez? Quer dizer que fugiu do dentista? Você tinha hora ontem, não tinha?

– Ele botou uma massa. Está doendo – murmurou inclinando-se para apanhar uma folha seca. Triturou-a no fundo do bolso. E respirou abrindo a boca. – Como dói, pô.

– Assim que chegarmos você toma uma aspirina. Mas não diga, por favor, essa palavrinha que detesto.

– Não digo mais.

Diante da casa de Júlio, instintivamente ele retardou o passo. Teve um olhar para a janela acesa. Vislumbrou uma sombra disforme passar através da cortina.

– Dona Margarida.

– Hum?

– A mãe do Júlio.

Quando entraram na sala, o pai estava sentado na cadeira de balanço, lendo o jornal. Como todas as noites, como todas as noites. O menino estacou na porta. A certeza de que alguma coisa terrível ia acontecer paralisou-o atônito, obumbrado. O olhar em pânico procurou as mãos do pai.

– Então, meu amor, lendo o seu jornalzinho? – perguntou ela, beijando o homem na face. – Mas a luz não está muito fraca?

– A lâmpada maior queimou, liguei essa por enquanto – disse ele, tomando a mão da mulher. Beijou-a demoradamente. Tudo bem?

– Tudo bem.

O menino mordeu o lábio até sentir gosto de sangue na boca. Como nas outras noites, igual. Igual.

– Então, filho? Gostou da fita? – perguntou o pai dobrando o jornal. Estendeu a mão ao menino e com a outra começou a acariciar o braço nu da mulher. – Pela sua cara, desconfio que não.

– Gostei, sim.

– Ah, confessa, filhote, você detestou, não foi? – contestou ela. – Nem eu entendi direito, uma complicação dos diabos, espionagem, guerra, máfia... Você não podia ter entendido.

– Entendi. Entendi tudo – ele quis gritar e a voz saiu num sopro tão débil que só ele ouviu.

– E ainda com dor de dente! – acrescentou ela desprendendo-se do homem e subindo a escada. Ah, já ia esquecendo a aspirina.

O menino voltou para a escada os olhos cheios de lágrimas.

– Que é isso? – estranhou o pai. – Parece até que você viu assombração. Que foi?

O menino encarou-o demoradamente. Aquele era o pai. O pai. Os cabelos grisalhos. Os óculos pesados. O rosto feio e bom.

– Pai... – murmurou, aproximando-se. E repetiu num fio de voz: – Pai...

- Mas meu filho, que aconteceu? Vamos, diga!
- Nada. Nada.

Fechou os olhos para prender as lágrimas. Envolveu o pai num apertado abraço.